

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
NÍVEL MESTRADO**

ODAIR JOSÉ FANTIN

**”Obedeciendo a la instrucción de compendiar”: Registros de Viagens de
Jesuítas nas Cartas Anuas da Província Jesuítica do Paraguai (segunda
metade do século XVII)**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck

SÃO LEOPOLDO

2010

ODAIR JOSÉ FANTIN

”Obedeciendo a la instrucción de compendiar”: Registros de Viagens de Jesuítas nas Cartas Ânuas da Província Jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck

SÃO LEOPOLDO

2010

F216o

Fantin, Odair José.

“Obedeciendo a la instrucción de compendiar” : registros de viagens de jesuítas nas cartas ânuas da província jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII) / Odair José Fantin. – 2010.

193 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2010.

“Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck”.

1. Jesuítas – América do Sul – História – Séc. XVII. 2. Jesuítas – América do Sul – História – Fontes. 3. Jesuítas – Missões – América do Sul – História. I. Título.

CDD 980.013

CDU 94(8)

Catálogo na publicação: Bibliotecário Flávio Nunes, CRB 10/1298

ODAIR JOSÉ FANTIN

”Obedeciendo a la instrucción de compendiar”: Registros de Viagens de Jesuítas nas Cartas Ânuas da Província Jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII)

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Aprovado em _____ de _____ de _____

BANCA EXAMINADORA

**Prof^a. Dr^a. Eliane Cristina Deckmann Fleck – UNISINOS
(orientadora)**

Prof. Dr. Pedro Ignacio Schmitz – IAP/UNISINOS

Prof. Dr. Luiz Fernando Medeiros Rodrigues - UNISINOS

Prof. Dr. Artur Henrique Franco Barcelos - FURG

Dedico este trabalho à minha esposa, sempre a meu lado neste caminho cheio de obstáculos, mas também repletos de conquistas que a vida nos proporciona.

Agradecimentos

Agradeço, primeiramente, à minha orientadora Professora Doutora Eliane Cristina Deckmann Fleck, pelo seu comprometimento profissional, sua paciência com meus deslizes e sua prontidão em responder às minhas questões, e, principalmente, pelo incentivo para a realização deste trabalho.

Agradeço, também, ao Professor Dr. Pedro Ignácio Schmitz, grande incentivador da minha pesquisa, sempre solícito em me orientar nas buscas que fiz no Instituto Anchietano de Pesquisas, local onde passei muitas tardes lendo obras e documentos. A abertura das portas do acervo do IAP foi fundamental para a realização desta pesquisa.

Agradeço ao Ms. Jandir Damo que muito ajudou na localização das obras e dos atlas e, especialmente, na captura de um bem-te-vi, que certo dia invadiu a Biblioteca do IAP e não mais encontrava a saída. Também aos professores doutores Marcus Vinicius Beber, meu orientador da monografia da Graduação, Jairo Henrique Rogge, por suas dicas na confecção dos mapas.

Aos meus caríssimos colegas da Pós, a Tatiana Garcia, o Sidney Mayer, o João Ivo Puhl e o Luís Alexandre Cerveira, companheiros de leituras e de congressos, que compartilham comigo o interesse nos jesuítas e na sua atuação na América.

À “Dona Teresa”, que sempre torceu e rezou por mim.

Ao “Seu José” e à “Dona Celi”, que sempre acreditaram em mim.

E, muito carinhosamente, agradeço à minha esposa, por entender as minhas ausências e desleixos caseiros enquanto eu me concentrava apenas em ler, pesquisar e escrever.

*A doçura do passado? O recordá-lo, porque
recordá-lo é torná-lo presente, e ele nem o é,
nem o pode ser — o absurdo, meu amor, o
absurdo.*

Fernando Pessoa

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo reconstituir as rotas e os caminhos trilhados pelos missionários jesuítas por regiões que integravam a Província Jesuítica do Paraguai, a partir de informações extraídas das Cartas Ânuaas referentes ao período de 1650 a 1675. Esta reconstituição considerará, especialmente, a descrição que os missionários fizeram das distâncias percorridas, das condições climáticas e do relevo que enfrentaram, da vegetação que encontraram nos percursos, bem como do tempo e dos investimentos necessários para chegarem aos seus destinos e para o cumprimento satisfatório de suas missões apostólicas. Embasados teoricamente na História Cultural, analisamos as representações de que foram alvo as rotas e os caminhos percorridos, e, inspirados na metodologia da "geografia literária" proposta por Franco Moretti, cotejamos as informações textuais com a cartografia produzida sobre as regiões percorridas.

Palavras-chave: Jesuítas, cartografia, Província Jesuítica do Paraguai, Cartas Ânuaas.

Abstract

This dissertation aims to reconstruct the routes and the paths that were taken by Jesuit missionaries to the regions which were part of the Jesuit Province of Paraguay, from information that were extracted from Anuas Letters refer to the period between 1650 to 1675. This reconstruction will consider, in particular, the description that the missionaries made from the traveled distances, from the weather and the terrain conditions that they faced, from the vegetation that they found in the journeys, as well as from the necessary time and investments to come to their destinations and to satisfactory fulfillment their apostolic missions. It was theoretically based on Cultural History, we analysed the representations of the routes and the paths that were covered and inspired by the method of "literary geography" proposed by Franco Moretti, we compare the textual information with the mapping produced on the areas that were covered.

Key word: Jesuits, cartography, Jesuit Province of Paraguay, Anuas Letters.

Lista de Quadros, Figuras e Mapas

Quadro 1 – Cartas ânuas da segunda metade do século XVII	18
Quadro 2 – Referências às distâncias e às condições dos terrenos percorridos na necrologia do padre Jiménez	121
Quadro 3 – Demonstrações de fé relacionadas a deslocamentos e a condições geográficas	122
Figura 24 – Localização de <i>Concepción de Itapuã</i> e <i>Villarica</i>	129
Figura 1 - Frentes de expansão missioneira	47
Figura 2 – Ocupação Guarani	53
Figura 3 – Região do Chaco	54
Figura 4 – Localização dos povoados jesuíticos entre 1641 a 1685.....	57
Figura 5 – Ataques bandeirantes ao Guairá	58
Figura 6 – Êxodo das reduções do Guairá.	60
Figura 7 – O Império Espanhol nos tempos de Felipe II	70
Figura 8 – Representação do Lago de Xarayes	76
Figura 9 – Região do Guairá.....	81
Figura 10 – Região doTape.....	81
Figura 11 – Bacia do Rio da Prata	84
Figura 12 – Clima: Bacia do Prata	86
Figura 13 – Vegetação: Bacia do Prata	88
Figura 14 – Caminhos Jesuítas.....	91
Figura 15 – Locais de missão volante referidos na Carta Ânua de 1652-1654	97
Figura 16 – Colégios e zonas de atuação da Província Jesuítica do Paraguai	98
Figura 17 – Rota Francisco Vasques de la Mota.....	100
Figura 18 – Vale de Calchaqui.....	102
Figura 19 – Caminho percorrido pelo Padre Juan Pastor.....	105
Figura 20 – Deslocamentos visando trabalhos missionais nos povoados do Itatim	108
Figura 21 – Transferência dos povoados de Apostoles e S. Nicolas.	110
Figura 22 – Missões campestres realizadas pelos Colégios	113
Figura 23 – Deslocamentos realizados pelo padre Pedro de Mola	118
Mapa 1 - “ <i>Paraguay ó Província de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra</i> ”	78
Mapa 2 - <i>Paraqvaria/Vulgo/Paragvay./Cum adjacentibus</i>	80
Mapa 3 – Limites da Província Jesuítica do Paraguai	103

Sumário

Introdução	12
1. As fontes.....	16
2. A metodologia.....	21
3. Estrutura da dissertação	30
Capítulo I.....	33
A Província Jesuítica do Paraguai: os desafios e a missão	33
1.1. A Companhia de Jesus e sua atuação na Província Jesuítica do Paraguai ...	33
1.2. A Província Jesuítica do Paraguai na segunda metade do século XVII.....	55
Capítulo II.....	65
A Província Jesuítica do Paraguai: a natureza e a cartografia.....	65
2.1. A América dos registros do século XVII.....	66
2.2. A América nos mapas do século XVII.....	73
2.3. A América real	83
Capítulo III.....	93
Jesuítas em missão: os caminhos percorridos para ‘la mayor gloria de Dios’	93
3.1. Atuação dos colégios jesuítas	95
3.2. As missões campestres – “Predicar la Palabra de Dios a estos pobres”.....	111
3.3. As Necrologias – Valorizando os “Incansable[s] en el trabajo”	116
3.4. Com “la bendición del ritual acabóse la plaga”	126
Considerações Finais	132
Referências	140

Introdução

Mesmo antes de iniciar o Curso de Graduação em História, as missões jesuíticas me inquietavam. Contudo, foi por ocasião de uma visita aos sítios arqueológicos de São Miguel e São João Batista – que integraram o complexo conhecido como Sete Povos das Missões – que a inquietação aumentou.

A fim de saciar a minha curiosidade sobre o espaço missioneiro, procurei a Prof^a Eliane Fleck, que me indicou a leitura de algumas obras fundamentais sobre a temática. Dentre essas leituras iniciais, posso citar: “*Conquista Espiritual*”, do padre Antonio Ruiz de Montoya¹, e “*Missões: uma utopia política*”, de Arno Alvarez Kern². Para me inteirar de produções mais recentes a respeito do espaço missioneiro, li, entre outras, “*O mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*”, a tese de doutoramento de Artur Franco Barcelos, de 2006; os trabalhos de Thereza Martha

¹ MONTROYA, Antonio Ruiz de. **Conquista Espiritual**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

² KERN, Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

Borges Presotti, em especial, o artigo "*Entre o paraíso e o inferno: a natureza nas representações da conquista dos sertões do Cuiabá e do Mato Grosso*"; e, ainda, o artigo "*De confederados a bárbaros: a representação da territorialidade e da fronteira indígenas nos séculos XVIII e XIX*", da antropóloga Denise Maldí, no qual a autora trabalha os conceitos de fronteira e territorialidade, a partir do viés da História Cultural, por entender que estes conceitos são, efetivamente, categorias culturais³.

Não posso deixar de mencionar o levantamento que fiz sobre a produção historiográfica relativa à experiência jesuítica na região do Rio da Prata. Através dele, constatei alguns temas preferenciais, tais como a atuação missionária dos jesuítas, as atividades econômico-produtivas das reduções e os estudos arqueológicos sobre as missões jesuíticas localizadas em território espanhol. Dentre os muitos autores que se dedicam (ram) à temática e que foram fundamentais no processo de elaboração da dissertação, posso citar: Regina Maria A. F. Gadelha, com "*As Missões Jesuíticas do Itatim*", de 1980⁴; Máxime Haubert, com "*Índios e Jesuítas no Tempo das Missões*", de 1990⁵; Tau Golin, com "*A Guerra Guaranítica*", de 1999⁶; Arnaldo Bruxel, com "*Os Trinta Povos Guaranis*", de 1978⁷; Arno Kern, com "*Antecedentes Indígenas*", de

³ Ressalto que as leituras mencionadas se constituíram em ponto de partida e que muitas outras foram incorporadas desde março de 2008, tanto as indicadas pela professora orientadora, quanto àquelas que nos foram sugeridas por professores e colegas pesquisadores, por ocasião da participação de congressos e seminários.

⁴ GADELHA, Regina Maria A. F. **As Missões do Itatim**. Estruturas sócio-econômicas do Paraguai colonial (séculos XVI e XVII). 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

⁵ HAUBERT, Maxime. **Índios e jesuítas no tempo das missões**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

⁶ GOLIN, Tau. **A guerra guaranítica**. 2 ed. Passo Fundo: EdiUPF, 1999.

⁷ BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos guaranis**. Porto Alegre: Sulina; Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: EST, 1978.

1994⁸, e necessariamente, o contato com as várias obras de Bartomeu Melià, dentre as quais, destaco: “*El guaraní conquistado y reducido*”⁹; “*O guarani: uma bibliografia etnológica*”¹⁰; “*El guaraní: experiencia religiosa*”¹¹; e “*Las reducciones jesuíticas del Paraguay: un espacio para una utopia colonial*”¹².

Após este contato inicial com a produção acadêmica sobre a construção do espaço missioneiro e sobre as representações narrativas e cartográficas que sobre ele foram criadas, damos início à elaboração de uma proposta de pesquisa que prevê um diálogo interdisciplinar entre a história e a geografia, com ênfase na cartografia. Estudos recentes que exploram a interface entre a geografia e a literatura¹³ também serão considerados, na medida em que nos instigam a refletir sobre como foram descritos as viagens e os caminhos percorridos por missionários jesuítas

⁸ KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

⁹ MELIÀ, Bartolomeu. **El guaraní conquistado y reducido**: ensaios de ethnohistoria. 2ª ed. Asunción: CEADUC, 1988.

¹⁰ MELIÀ, Bartomeu; SAUL, M.V.A.; MURARO, V.F. **O Guarani**: uma bibliografia etnológica. Santo Ângelo: FUNDAMES, 1987.

¹¹ MELIÀ, Bartomeu. **El guarani**: experiência religiosa. Asunción: CEADUC-CEPAG, 1991.

¹² MELIÀ, Bartomeu. **Las reducciones jesuíticas del Paraguay**: un espacio para una utopia colonial. Asunción: Estudios Paraguayos, 1978.

¹³ Franco Moretti nos oferece uma perspectiva de análise bastante inovadora, a “geografia literária”, que iremos considerar na análise das Cartas Anuais. Ver mais em MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. Trad. Sandra Gardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

nas Cartas Ânuaas da Província Jesuítica do Paraguai¹⁴ –, e a cotejar estas descrições narrativas com as paisagens e o espaço¹⁵ da região.

A proposta consiste, portanto, em *mapear*¹⁶ os caminhos percorridos e as viagens realizadas – com finalidades variadas – por padres jesuítas que foram descritos nas Cartas Ânuaas referentes à segunda metade do século XVII. Para tanto, pretendo, primeiramente, identificar as representações sobre a natureza e as gentes presentes nestes relatos, para, na sequência, visualizá-los graficamente e confrontá-los com a produção cartográfica do período e atual. Prevê-se, conseqüentemente, o cotejamento – com vistas a um exercício analítico-comparativo – entre as informações sobre os trajetos recolhidas nos registros dos missionários e as informações relativas às regiões percorridas que constam na cartografia do período e em mapas atuais. Para a tanto, será fundamental a consulta ao “*Atlas Historico del Nordeste Argentino*”, de Ernesto Maeder e Ramón Gutierrez¹⁷, bem como a mapas históricos produzidos por jesuítas dos séculos XVII e XVIII, e que podem ser encontrados na “*Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata*”, de Guillermo Furlong¹⁸.

¹⁴ Consideramos como Província Jesuítica do Paraguai a “organización político institucional abarcaba una jurisdicción que se extendía en los territorios actualmente perteneciente a la Argentina, Paraguay, Uruguay, un sector de Bolivia, el sur del Brasil y Chile. Este último disctrito finalmente fue separado en 1635 en viceprovincia. La sede del padre provincial se encontraba en la ciudad de Córdoba. Esta Província fue creada por el Padre General Cláudio Acquaviva el 9 de febrero de 1604 e instalada finalmente três años después, al nombrarse a Diego de Torres Bolo como primer provincial de la província jesuítica del Paraguay”. (SALINAS, 2008, p. 75)

¹⁵ Sobre os conceitos de paisagem e espaço, trataremos no tópico metodologia.

¹⁶ O termo *mapear* remete ao termo *cartografar*, que equivale à tradução espacial das descrições textuais.

¹⁷ MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. **Atlas Historico del Nordeste Argentino**. Instituto de Investigaciones Geohistoricas; Conicet; Fundanord; Universidade Nacional del Nordeste: Resistência, Chaco, 1995.

¹⁸ FURLONG, Gilhermo. **Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata**, Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras, 1936.

1. As fontes

“Por ende, las Anuas, constituyen una especie de extracto nutrido del archivo del respectivo Superior que se comunicaba a la cabeza de la orden.”

P. Carlos Leonhardt¹⁹

Como já referido, as fontes principais são as Cartas Ânuas, ou “*Litterae Anuae*”. Estas cartas eram enviadas pelos Provinciais aos Superiores da Companhia de Jesus²⁰, em Roma, e trazem informações importantes, não só de assuntos ligados diretamente à obra missionária jesuítica, mas também, sobre a natureza, as populações nativas e a geografia das regiões em que foram assentadas as reduções e por onde os missionários realizavam seus trabalhos. As Cartas Ânuas, portanto, nada mais são do que relatórios, originalmente anuais, mas que no decorrer do tempo acabaram por ser enviadas em períodos mais estendidos. Eram de responsabilidade dos padres provinciais, que as assinavam, porém quem as escrevia efetivamente eram os secretários ou outras pessoas capacitadas. Estas cartas também contêm registros que exaltavam os trabalhos realizados, além de ter a função de despertar novas vocações e estimular que mais jesuítas viessem trabalhar na América²¹. As Cartas

¹⁹ **DOCUMENTOS PARA LA HISTÓRIA ARGENTINA**, Tomo XIX, Iglesia, Introduccion. Buenos Aires, Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser. 1927, p. 31.

²⁰ Segundo Salinas (2008, p. 74), “*La Compañía de Jesús fue una orden religiosa fundada en 1534 por un grupo de sacerdotes entre los que tuvo gran incidència Ignacio de Loyola, cuyo nombre originalmente era Iñigo López de Recalde (1491-1556). La orden religiosa fue aprobada por la bula del 27 de noviembre de 1540 firmada por Paulo III. Dado el contexto histórico donde surgió esta orden religiosa, el objetivo de llevar a cabo una renovación eclesiástica o contra reforma, estuvo muy presente en los jesuitas que continuaron la labor evangélica de los fundadores*”.

²¹ Na introdução de um dos volumes das cartas já publicadas, temos uma definição resumida do que sejam as Cartas Ânuas: “*Las Anuas son un resumen de todo y responden al propósito de informar sobre el estado de la Provincia al P. general y a toda la Compañía de Jesús, sin el empeno, claro está, de agotar las informaciones, que suelen ser más detalladas, en parte, en las llamadas consultas hechas por el Provincial, dirigidas al General y contestadas por él en los postulados de las congregaciones provinciales periódicas, etc., todas las cuales se conservan, también, en gran parte, en los diferentes archivos jesuíticos del mundo*”. **DOCUMENTOS PARA LA HISTÓRIA ARGENTINA**, Tomo XIX, Iglesia, Introduccion. Buenos Aires, Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser. 1927, p. 21.

formam um corpo documental que cobre um espaço temporal amplo. Mesmo que sua periodicidade não tenha sido anual, abrangem, com algumas interrupções, os anos entre 1609 e 1762, ano próximo da expulsão dos jesuítas dos domínios espanhóis²².

A investigação se concentrará nas Cartas que se encontram no Acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas – IAP, de São Leopoldo, órgão ligado à Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos. As versões disponibilizadas à consulta são cópias transcritas dos microfilmes que o Pe. Arnaldo Bruxel S.J. fez das cartas originais, que foram traduzidas pelo Pe. Carlos Leonhardt, S.J. – do latim para o espanhol –, no início do século XX²³. Entre 1927 e 1929, estas cartas foram reunidas em dois volumes e editadas como *Colección de Documentos para la Historia Argentina*²⁴.

Importante salientar a preciosa colaboração do pesquisador e diretor do Instituto Anchietano de Pesquisas - IAP, o professor Dr. Pedro Ignacio Schmitz, que abriu generosamente as portas do Instituto e forneceu a documentação necessária para que este pesquisador pudesse trabalhar com as cartas jesuíticas da segunda metade do século XVII, assim como com a coleção de mapas históricos que servirão, sobremaneira, aos objetivos da pesquisa.

²² SALINAS, 2008, p. 75.

²³ Sabe-se que “Actualmente, se están preparando para editar dos Cartas Anuas, la primera perteneciente al período 1650-1652, escritas inicialmente por el provincial Juan Pastor y finalizada por Francisco Vázquez de la Mota, y , la segunda, que abarca el triênio 1652-1654, redactada por el padre Lorenzo Sobrino”. (POZZAGLIO e ROUGIER, 2008, p. 1). Este trabalho está sendo realizado pelo “Núcleo de Estudios Coloniales” ligado ao “Instituto de Investigaciones Geohistóricas – Conicet”.

²⁴ De acuerdo com Salinas (2008, p. 76): “En el tomo XIX se publicaron siete Cartas Anuas del período 1610 a 1615; mientras que en tomo XX se continuó con la edición de las subsiguientes cartas, pertenecientes a los años 1616, 1617, 1618, 1620, el cuatrienio 1632-1634 y el trienio 1635-1637. Las Cartas de los años 1621 a 1627 y de 1632 a 1634, dado el extravío momentáneo de esta documentación, no pudieron ser editadas”.

As Ânuas que analisaremos foram agrupadas em cinco volumes, que, por sua vez, reúnem oito cartas²⁵. O primeiro volume é composto pela carta de 1650-1652; o segundo: pelas cartas de 1652-1654 e de 1658-1660; o terceiro: pela carta de 1659-1662; o quarto: pela carta de 1663-1666; e, finalmente, o quinto volume que é composto pelas cartas de 1668, de 1669-1672 e de 1672-1675.

Cartas Ânuas da Segunda Metade do Século XVII			
Ano	Autor	Local/Data	Páginas
1650-1652	Francisco Vasques de la Mota	Córdoba de Tucumán, em 25 de julio de 1653	95
1652-1654	Lorenzo Sobrino	Córdoba, 31 de Diciembre de 1654	91
1658-1660	-	-	55
1659-1662	Andrés de Rada	Córdoba del Tucumán, el 20 de Enero de 1663	82
1663-1666	Andrés de Rada	Córdoba del Tucumán, 6 de Enero del año 1667	124
1668	Andrés de Rada	Córdoba del Tucumán, el 31 de Diciembre de 1668	22
1669-1672	-	Córdoba, -	33
1672-1675	Cristóbal Gómez	Córdoba, el 22 de Agosto del año de 1675	80

Quadro 1 – Cartas ânuas da segunda metade do século XVII²⁶

Segundo informações encontradas no tomo XIX, da Coleção “*Documentos para la Historia Argentina*”, as cartas que serão alvo da nossa análise são:

(...) la primera, escrita y formada por la misma mano del secretario P. Francisco Vásquez de la Mota, y que dice: <<Em nombre del P. Provincial Juan Pastor>>. Las Anuas de 1652 a 1654 han sido firmadas por el provincial Laureano Sobrino; las de 1658 a 1660, por Simón de Ojeda; las de 1659 a 1662 por el celeberrimo P. Andrés de Rada, como las de 1663 a 1666, las de 1667 y 1668, mientras que las de 1669 a 1672 no llevan firma y suponemos que son borradores. Las Anuas de 1672 a 1675, que son del Padre Cristóbal Gómez, tampoco llevan firma, por la circunstancia de faltarles una que otra hoja, como lo indica también la laguna pequeña en la numeración desde 205 a 208. Allí está también la laguna de los años 1676 a 1681, a la que sigue, inmediatamente, la Carta anua castellana de 1681 a 1692, firmada por el P. Provincial Gregorio Orozco. Las siguientes, latinas, de

²⁵ As Cartas Ânuas disponíveis no Acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas correspondem aos anos de 1645-1646; 1647-1649; 1663-1666; 1669-1672; 1672-1675; 1714-1720; 1720-1730; 1730-1735; 1735-1743; 1750-1756 e 1756-1762.

²⁶ Quadro elaborado pelo autor, a partir do levantamento das versões das Cartas disponíveis no Acervo do Instituto Anchietano de Pesquisas - IAP.

1682 a 1688 están firmadas por el mismo P. Orozco y las de 1689 a 1700 por el P. Ignacio Frías.²⁷

Conforme podemos observar na citação, podemos constatar que há uma sobreposição de datas, já que é dito que há uma carta referente ao período de 1658 a 1660 e outra referente aos anos de 1659 a 1662. Pelo que podemos apurar, a primeira trata-se, na verdade, de rascunho da posterior e abarca o período de 1659 a 1662²⁸.

Lamentavelmente, nem as cartas referentes aos anos de 1655 a 1657²⁹, tampouco a carta de 1667 – apesar de ter sido referida pelo Pe. Leonhardt em sua listagem³⁰ – e as cartas posteriores a 1675, serão consideradas nesta dissertação, já que não as localizamos no acervo do IAP.

No que se refere às Cartas Ânua, temos que ter sempre presente que sua produção segue normas que a Companhia de Jesus estabelece, inclusive sobre seu conteúdo. Sua escrita – cabe ressaltar – era dirigida a um determinado público e tinha um objetivo definido. Após a circulação oficial, dentro da Companhia, estas cartas, seguidas de várias censuras, eram impressas em formato de livro e difundidas como material de

²⁷ **DOCUMENTOS PARA LA HISTÓRIA ARGENTINA**, Tomo XIX, Iglesia, Introduccion. Buenos Aires, Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser. 1927, p. 21.

²⁸ Ver mais em **CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662**. Organização, introdução e notas: Beatriz Vasconcelos Franzen, Eliane Cristina Deckmann Fleck e Maria Cristina Bohn Martins. PROCAD "Territórios Diversos, Múltiplas Fronteiras" - UFMT-UNISINOS-UFPE, 2008.

²⁹ **DOCUMENTOS PARA LA HISTÓRIA ARGENTINA**, Tomo XIX, Iglesia, Introduccion. Buenos Aires, Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser. 1927, p. 20.

³⁰ Sabemos, contudo, que os originais das cartas deste período encontram-se na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, fazendo parte da Coleção de Angelis e que na Pontifícia Universidade do Rio Grande do Sul, existem microfimes das mesmas.

disseminação dos trabalhos realizados nas Américas dentro dos colégios e o público leigo da Europa³¹.

Iremos nos ater, especificamente, em termos de marco temporal, à segunda metade do século XVII, já que, em sua maioria, são cartas inéditas ou em vias de serem publicadas no Brasil ou na Argentina. O recorte temporal que observaremos está, portanto, relacionado às Cartas Anuais de que disponho, isto é, as de 1650 até 1675.

Consideraremos, ainda, outros documentos publicados por jesuítas no século XVII, como a já citada "Conquista Espiritual", escrita pelo padre Antônio Ruiz de Montoya e publicada no ano de 1639³²; e "Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos", do padre Antonio Sepp, escrita em vários momentos do final do século XVII³³. Também faremos uso da coletânea de documentos organizada por Pablo Pastells, a "*Historia de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Peru, Bolívia y Brasil) según los documentos originales del Archivo General de Indias*"³⁴; e da Coleção de Angelis, em especial o volume IV – "Jesuítas e Bandeirantes no Uruguai"³⁵ – organizado por Helio Vianna, no qual pode-se encontrar uma versão da Carta Anua referente ao ano de 1661. Deve-se ressaltar que todas estas obras servirão como apoio a análise final, não significando que serão alvo de análise direta.

³¹ "Sin duda, también, en su época los jesuitas fueron reconocidos como grandes publicistas." BOUZA, Fernando. **Corre manuscrito**: uma história cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial, 2001. p. 168.

³² MONTOYA, Antonio R. de. op. cit., 1892, p. 22.

³³ SEPP, Antonio S.J. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

³⁴ PASTELLS, R. P. Pablo. **História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Peru, Bolívia y Brasil) según los documentos originales del Archivo General de Indias**. Tomos I, II, III e IV. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1918.

³⁵ VIANNA, Helio. **Jesuítas e bandeirantes no Uruguai – 1611-1758**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

2. A metodologia

"Mas é um desafio maravilhoso, para todos os historiadores culturais."
Franco Moretti

Em sua obra *Atlas do Romance Europeu*³⁶, de 2003, o crítico literário e professor de literatura Franco Moretti nos põe em contato com um método bastante original de análise de textos, que consiste na visualização – através de mapas – de aspectos significativos que podem escapar aos olhos do leitor na rápida leitura de um texto. Nesta perspectiva, os mapas não apenas ilustram um determinado texto, constituindo-se, efetivamente, em representação gráfica³⁷ perfeitamente adequada à compreensão das informações nele contidas. Para Moretti, os mapas são uma "ferramenta analítica [...] que dissecar o texto de uma maneira incomum, trazendo à luz relações que de outro modo ficariam ocultas"³⁸. Assim, a "geografia literária"³⁹ pode se referir a duas coisas muito diferentes, podendo indicar, tanto o estudo do *espaço na literatura*, quanto *da literatura no espaço*.

O autor defende, ainda, que, a partir desta representação – o mapa –, decorrem, inevitavelmente, "novas questões que, por sua vez, nos

³⁶ MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003. Nesta obra, Moretti analisa o romance e suas relações internas, tornando visível a ligação entre geografia e literatura sob duas formas bastante distintas: a do espaço na literatura – o espaço ficcional – e a da literatura no espaço – o espaço histórico. Nessa sua "geografia literária", o autor "lança um olhar novo sobre a Europa do romance histórico, a Inglaterra de Jane Austen, a Paris de Balzac e Zola, a Londres de Dickens e Conan Doyle, a Espanha de Miguel de Cervantes." Este texto foi adaptado do original encontrado no site da editora que o comercializa – disponível em <<http://www.boitempoeditorial.com.br>> Acesso em 16 out. 2008.

³⁷ Aqui o termo "representação gráfica" é empregado com o sentido de tabela, gráfico ou assemblado. Em sua análise, Moretti se utiliza de mapas, gráficos, tabelas e esquemas explicativos, principalmente na segunda parte do livro, em que trata da "literatura no espaço".

³⁸ MORETTI, 2003, p. 15.

³⁹ Aqui empregamos o termo utilizado por Moretti para definir seu método.

força[m] a buscar novas respostas”⁴⁰. Dentre os questionamentos apontados por Moretti, alguns sobressaem imediatamente: Como um mapa – usualmente relegado a um papel secundário e ilustrativo em muitos textos – pode contribuir para a análise de um texto? Porque é possível – e qual a validade de – transformar um texto em um mapa para, então, analisá-lo?

O método parece, à primeira vista, muito simples, porém a sua aplicação necessita de um conhecimento que extrapola o histórico, ao pressupor um conhecimento também geográfico e cartográfico. Vale ressaltar que a geografia tem sido percebida – e há muito tempo – como coadjuvante na produção de conhecimento histórico, apesar do apelo feito por Lucien Febvre: “historiadores, sejam geógrafos”⁴¹.

Esta dissertação se inspira na metodologia – embora não se reduza a ela – que fundamenta a “geografia literária” proposta por Moretti, adaptando-a às especificidades da Área de conhecimento da História e à natureza das fontes que analisamos – as Cartas Ânuaas da Província Jesuítica do Paraguai referentes ao século XVII. Recorrendo a este procedimento de análise, nos propusemos a encontrar nesta documentação a “geometria peculiar, [as] fronteiras, [os] tabus espaciais e rotas favoritas”⁴², para trazer “à luz a lógica interna da narrativa: o domínio semiótico em torno do qual um enredo se aglutina e se organiza”⁴³.

Dentre as inúmeras informações e descrições que as Ânuaas nos trazem, privilegiaremos as que se referem aos caminhos percorridos pelos missionários a serviço da Companhia de Jesus e que – pelo que pudemos

⁴⁰ MORETTI, 2003, p. 14.

⁴¹ Febvre Apud BURKE, 1997, p. 12.

⁴² MORETTI, 2003, p. 15.

⁴³ MORETTI, 2003, p. 15.

constatar – não necessariamente respeitaram noções de fronteira geopolítica ou observaram os termos científicos próprios de descrições cartográficas. Em relação a esta constatação preliminar, destacamos o relato feito pelo Pe. Francisco Vasquez de La Mota⁴⁴ – que integra a Carta Ânua de 1650 e 1652⁴⁵ – sobre a viagem que fez, na condição de Provincial, à Itália⁴⁶. Nesta carta encontramos não apenas informações sobre a fauna, a flora, o relevo, o clima e as populações nativas de outras jurisdições eclesiásticas, incluindo o Peru e o Panamá, como também as dificuldades que Vasquez de La Mota encontrou para chegar à Espanha e, posteriormente, ao seu destino final, a Itália. Nela também somos informados sobre a viagem de retorno ao Colégio de Córdoba, marcada por inúmeras dificuldades, tanto de ordem política, quanto daquelas decorrentes das condições dos caminhos que tiveram que ser percorridos⁴⁷.

Ao aplicarmos o método de Moretti, procuramos, em primeiro lugar, localizar nas cartas o que o autor denomina de “tabus espaciais” e de “rotas favoritas”⁴⁸, o que se mostrou perfeitamente possível, uma vez que

⁴⁴ Francisco Vázquez de La Mota foi Provincial da Província Jesuítica do Paraguai entre 1655 e 1658. No momento em que assina a carta em questão, ele ainda está subordinado ao Provincial Juan Pastor. Segundo Storni (1980, p. 298), Vázquez de La Mota nasceu em Belmonte na Espanha em 1579; ingressou na Companhia em 23/04/1596, na Andaluzia; chegou a San Salvador de Jujuy, em 29/11/1607; completou os últimos votos em Córdoba em 13/04/1614; e faleceu em 02/08/1666.

⁴⁵ **CARTAS ÂNUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY.** Anua de 1650 – 1652. Traducción de Carlos Leonhardt, Buenos Aires, 1927.

⁴⁶ Esta viagem, segundo o próprio Vasquez de La Mota, na Carta Ânua de 1650-1652, p. 2, tinha o intuito de “irme a Europa como Procurador de la Provincia a Madrid y Roma, para tratar allí sobre los graves asuntos que se refieren a ella”, no caso, o conflito entre a Companhia e o Bispo Cárdenas de Assunção, além de trazer novos missionários para a

⁴⁷ Inúmeras foram as dificuldades encontradas por Vasquez de La Mota, em seu deslocamento por diferentes regiões da América e da Europa. Muitas dessas dificuldades – em relação às condições dos caminhos, aos terrenos acidentados, às mulas que não andam, aos bois que fogem etc. – são informadas ao longo da carta que possui 96 páginas. No terceiro capítulo nos aprofundaremos neste relato.

⁴⁸ Os “tabus espaciais” e as “rotas favoritas” se referem ao que pode ser percebido imediatamente ao mapearmos um texto. Quando localizamos cartograficamente ou geograficamente os locais citados em um texto, podemos perceber alguns padrões que

um dos preceitos básicos a serem observados pelos encarregados de redigir as Ânuas era o de informar e descrever as condições dos locais em que viriam a ser instaladas as reduções e, posteriormente, as alterações promovidas pela exploração agrícola e pecuária, bem como os caminhos percorridos pelos missionários de um povoado a outro, entre colégios e, também de uma cidade a outra⁴⁹. Assim como Moretti, acreditamos que o desvendar da lógica da narrativa jesuítica remete “no fundo, ao único problema real da história literária: a sociedade, a retórica e sua interação”⁵⁰.

A metodologia proposta por Moretti possibilita uma produtiva articulação com os pressupostos de Roger Chartier, em especial, aqueles relativos ao estudo das representações que permitem “(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler”⁵¹. Para Chartier, pensar as representações – tomá-las por objeto e analisá-las como são constituídas, considerando o tempo e o espaço no qual são constituídas – permite a identificação das relações culturais e sociais das quais podemos extrair “esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o

servirão como ponto de partida de uma análise a partir da “geografia literária”, proposta por Moretti.

⁴⁹ O padre Polanco, em carta de 13 de agosto de 1553, define “*En las letras mostrables se dirá en quantas partes ay residência de los de la Compañia, quantos ay en cada una, y en qué entienden, tocando lo que haze a edificación; asimesmo cómo andan vestidos, de qué es su comer y beber, y las camas en que duermen, y qué clima, a quantos grados, qué venzidad tiene La tierra, cómo andan vestidos, qué comen, etc;*” (...) Cf. Padre Juan de Polanco, Carta e Roma, 13 de agosto de 1553, in Serafim Leite, SJ. (org). *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, vol. I, pp. 519-520. (Hansen, 2003, p. 31). Para Hue (2006, p.19), as cartas jesuíticas deveriam “(...) 1) informar em quantos lugares há padres da Companhia, quantos há em cada um e o que fazem; 2) dizer como se vestem, o que somem e bebem, em que cama dormem; 3) descrever o clima da região em que estão, a localização geográfica, como são os habitantes, o que vestem, o que comem e quais são seus costumes; 4) definir aproximadamente o número de cristãos e de infiéis; 5) e o que não for de edificação, que se escreva numa carta separada”. (grifo nosso).

⁵⁰ MORETTI, 2003, p. 15.

⁵¹ CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: Difel, 1990, p.16.

presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado⁵². A apropriação do conceito de representações, oferecido por Chartier, implica considerar “questões como as formas narrativas do discurso histórico e literário, fundamentais para a interpretação dos documentos que o historiador toma por objeto⁵³ e que são fundamentais para identificar “os sistemas de classificação, os critérios de recorte, os modos de representações⁵⁴”.

Gregolin (2003, p. 27), referindo-se ao sujeito que produz um discurso, matéria prima de uma narrativa, nos diz que este tem “a ilusão de ser o dono de seu discurso, mas é apenas um efeito do ajustamento ideológico”, em verdade, o discurso remete “ao que todos sabem, aos conteúdos já colocados (...) estabelecidos para a memória discursiva”. Neste sentido, quem redige as cartas está construindo uma “ideia a ser compartilhada”, que será apresentada aos seus pares, a partir de um conjunto inteligível de códigos partilhados, ou seja, as representações. Para Chartier, as representações não são discursos neutros, são discursos que produzem novas estratégias e práticas, com o objetivo de legitimar autoridade ou mesmo escolhas. Há o que podemos entender como uma luta de representações, em que umas procuram se impor às demais.

Para Cardoso e Vainfas (1997, p. 375) todo discurso pode ser definido como simplesmente a fala; como unidade linguística, mensagem ou enunciado; como o conjunto de regras que determinam o encadeamento das frases que compõem o enunciado; ou, ainda, como o enunciado visto a partir das condições de produção destes discursos. Ressaltando que todo discurso contém uma determinada mensagem, estes mesmos historiadores alertam que “especialmente no caso de

⁵² CHARTIER, Op. Cit., p. 17.

⁵³ AMARAL e FARIA, 2007, p. 184.

⁵⁴ AMARAL e FARIA, 2007, p. 185.

pesquisas voltadas para a história das idéias, do pensamento político, das mentalidades e da cultura, o conteúdo histórico que se pretende resgatar depende muito da forma do texto: o vocabulário, os enunciados, os tempos verbais etc.”⁵⁵

De Certeau (1982, p. 53), por sua vez, chamou a atenção para a constituição de modelos discursivos. Segundo o autor,

Esta referência foi, ao invés, deslocada. Ela não é mais imediatamente dada pelos objetos narráveis ou 'reconstituídos'. Está aplicada na criação de modelos (destinados a tornar os objetos 'pensáveis') proporcionados às práticas, pela confrontação com o que lhes resiste, o que os limita e exige outros modelos, finalmente pela elucidação daquilo que tornou possível essa atividade inscrevendo-a numa economia particular (ou histórica) da produção social⁵⁶. (grifo nosso)

A preocupação em vincular um determinado texto ao seu contexto de produção e em identificar as marcas discursivas – ou modelos discursivos – compreendidas e compartilhadas pelo narrador e pelo leitor, está, ao nosso ver, em consonância com o que nos propõe Moretti:

Peço que gastem alguns momentos para examinar a figura [mapa], porque no final de contas isso é que é geografia literária: selecionamos um aspecto textual (aqui, inícios e finais), encontramos dados, os colocamos no papel – e aí examinamos o mapa. Na esperança de que a construção visual seja mais do que a soma de suas partes; de que ela mostre uma forma, um padrão que possa *acrescentar* algo à informação que entrou na sua feitura.⁵⁷ (grifo nosso)

Nesta passagem, Moretti está se referindo ao padrão de exclusão que a autora Jane Austen revela em seus romances oitocentistas. Ao elaborar o mapa da ilha britânica com o propósito de localizar geograficamente os locais descritos por Austen nos romances, Moretti

⁵⁵ CARDOSO; VAINFAS, 1997, p. 377.

⁵⁶ DE CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. p. 53. (Grifo nosso)

⁵⁷ MORETTI, 2003, p. 23.

constatou a exclusão completa dos territórios da Irlanda, Escócia, País de Gales e Cornuália: "Aparece apenas a Inglaterra: um espaço muito menor do que o Reino Unido como um todo. Nem mesmo toda a Inglaterra: Lancashire, o Norte, a Revolução Industrial – tudo está faltando"⁵⁸. O padrão encontrado pela geografia literária, proposta pelo autor, é a percepção de duas *Inglaterras*: "de um lado, a 'Gra'-Bretanha em processo de industrialização da época de Jane Austen; de outro, a Inglaterra pequena e homogênea dos romances de Austen"⁵⁹. Tendo em vista esta original perspectiva de análise, acreditamos que se considerarmos este método – e o aplicarmos às *Ânuas* – poderemos explicar porque regiões descritas como periféricas e de difícil acesso por alguns missionários aparecem como regiões "abençoadas", prósperas e férteis em relatos produzidos por outros jesuítas.

As Cartas *Ânuas* se caracterizam pelo emprego de recursos discursivos legitimadores da ação jesuítica e, muitos deles, estão embasados na descrição de dificuldades que os missionários encontraram, sobretudo em relação à natureza americana (1988, p. 94-95).

Las cartas anuas presentan ya, eventualmente, una elaboración secundaria de la actividad misionera entre los indios, con acentuadas intenciones apologéticas, pensando incluso en un lector europeo que debe quedar edificado con tanto heroísmo de los jesuítas, y maravillado con el modo de ser tan curioso de aquellos 'bárbaros'. Respecto a las cartas de los misioneros particulares, estas cartas anuas provinciales representan una versión más ideologizada. (Grifo nosso)

Este aspecto também foi observado por Michel de Certeau que ao estudar a obra de Jean de Léry⁶⁰ constatou que muitos cronistas recorreram a "elementos" que podem ser entendidos como "padrões" textuais formadores do discurso:

⁵⁸ MORETTI, 2003, p. 23.

⁵⁹ MORETTI, 2003, p. 24.

⁶⁰ SEIXO, 1996, p.122.

a *Carta de Caminha* convoca a maioria dos elementos de teor idílico que mais tarde irão ser desenvolvidos (formosura e fertilidade da terra, aspecto e afabilidade das gentes, novidade e estranheza dos costumes, relacionamento com a religião e com a expectativa econômica, caráter adâmico de uma existência pela primeira vez tangencialmente abordada.

Em relação às fontes que analisamos nesta dissertação – as Cartas Ânuaas – vale lembrar a importante recomendação feita por Meliá (1988, p. 46):

La lectura de dichas fuentes documentales presenta también no pocas dificultades semánticas, dada cierta equívocidad en el uso de términos tales como indio, casa, familia, gente, etc., y la diversidad de criterios con que son consignados los datos. Hay que establecer en cada caso una lectura hermenéutica que tenga en cuenta, entre otros elementos, la ideología de los datos y opiniones presentados.

Assim, além da necessária contextualização histórica e cultural da documentação alvo de nossa análise, é preciso considerar que a documentação que utilizamos nesta dissertação foi produzida por religiosos inseridos no período da transição do medievo para a Idade Moderna e que possuíam uma significativa bagagem cultural, obtida mediante uma formação pautada por padrões ocidentais⁶¹.

Considerando a interface entre história e geografia que caracteriza a proposta desta dissertação são também importantes os conceitos de espaço, espacialidade e paisagem. Cabe ressaltar que em relação ao conceito de espaço, estamos considerando-o tanto como o cenário que produz e em que são produzidas as representações, quanto aquele que é alvo de representações.

O conceito de espaço abarca não apenas a paisagem, mas a sociedade que a habita. Citando Milton Santos, "(...) o espaço não pode

⁶¹ Sobre a criação da Companhia de Jesus e as exigências envolvidas na formação de seus componentes, nos ocuparemos no Capítulo 1 - A Província Jesuítica do Paraguai: os desafios e a missão.

ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nos dá a Natureza”⁶², “os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é o resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais”⁶³ ou seja, o espaço é a intervenção do homem na paisagem. No entanto, o espaço, para Santos, não é apenas o receptor do agente humano, este também influencia a sua própria ocupação. Santos afirma que a sociedade não se distribui uniformemente pelo espaço, já que

(...) essa distribuição não é obra do acaso. Ela é resultado de uma seletividade histórica e geográfica, que é sinônimo de necessidade. Esta necessidade decorre de determinações sociais das necessidades e das possibilidades da sociedade em um dado momento⁶⁴.

Já a noção de espacialidade se ampliou significativamente ao longo do século XX, isto é, do espaço físico ao espaço social, político e imaginário. Vem daí a noção de espaço como “campo de forças” que pode reger a compreensão das práticas discursivas.⁶⁵ Quanto ao conceito de paisagem, Milton Santos o define como “aquilo que nós vemos”⁶⁶, enquanto que a

espacialidade é um momento da paisagem. É sempre um presente, funcional, porque socialmente construído para um determinado fim. Seu caráter mutável é que permite identificá-lo no tempo, analisar sua composição, perceber as relações sociais e ações das quais emana.⁶⁷ (grifo nosso)

⁶² SANTOS, 1992, p. 1.

⁶³ SANTOS, 1988, p. 71.

⁶⁴ SANTOS, 1997, p. 42.

⁶⁵ BARROS, José D'Assunção. **História, região e espacialidade**. Revista de História Regional. n. 10, verão/2005. Disponível em <<http://www.scielo.org>> Acesso em: 10 set. 2007. p. 96.

⁶⁶ SANTOS Apud BARCELOS, 2006, p. 16.

⁶⁷ SANTOS Apud BARCELOS, 2006, p. 16. (Grifo nosso)

Acreditamos que ao *mapearmos* as espacialidades representadas nas cartas, poderemos “recriar” o espaço percebido, uma vez que, a espacialidade – enquanto “momento da paisagem” ou “um presente funcional” – é exatamente o que foi descrito pelo narrador no instante em que ele produziu seu relato. É a sua percepção traduzida em discurso escrito. Não desconhecemos, contudo, que as intenções daquele que escrevia/narrava estavam condicionadas às expectativas do receptor da informação, razão pela qual o narrador selecionava o que informava. Concordamos, portanto, com Hartog (1999, p. 372), quando afirma que “um texto não é uma coisa inerte, mas inscreve-se entre um narrador e um destinatário (...) [é um] saber compartilhado (...) um conjunto de saberes semântico, enciclopédico e simbólico que lhes é comum.”

Esta dissertação tem, portanto, como objetivo reconstituir as rotas e os caminhos trilhados pelos missionários jesuítas por regiões que integravam a Província Jesuítica do Paraguai, a partir de informações extraídas das Cartas Anuais referentes ao período de 1650 a 1675. Esta reconstituição considerará, especialmente, a descrição que os missionários fizeram das distâncias percorridas, das condições climáticas e do relevo que enfrentaram, da vegetação que encontraram nos percursos, bem como do tempo e dos investimentos necessários para chegarem aos seus destinos e para o cumprimento satisfatório de suas missões apostólicas. Embasados teoricamente na História Cultural, analisamos as representações de que foram alvo as rotas e os caminhos percorridos, e, inspirados na metodologia da “geografia literária” proposta por Franco Moretti, cotejamos as informações textuais com a cartografia produzida sobre as regiões percorridas.

3. Estrutura da dissertação

A dissertação se divide em três capítulos. No primeiro capítulo, denominado “A Província Jesuítica do Paraguai: os desafios e a missão,

tratamos da criação da Companhia de Jesus, da chegada na América e da instalação dos missionários na Província Jesuítica do Paraguai na primeira metade do século XVII. Na sequência, por tratar-se do período em que as fontes documentais analisadas são produzidas, nos ocupamos da segunda metade do século XVII. Resumidamente, neste capítulo apresentamos uma contextualização histórica da atuação da Companhia de Jesus na região platina, enfocando, tanto as dificuldades encontradas pelos padres missionários na etapa fundacional, quanto os sucessos obtidos na etapa de consolidação das reduções na Província Jesuítica do Paraguai.

No segundo capítulo, intitulado "A Província Jesuítica do Paraguai: a natureza e a cartografia", apresentamos as condições climáticas, a diversidade de relevo, a hidrografia, os tipos de vegetação e as atividades econômicas desenvolvidas na região em que os missionários jesuítas se instalaram ou por onde circularam. Em outras palavras, apresentamos a região geograficamente, a partir de um levantamento cartográfico e bibliográfico encaminhando para o terceiro capítulo.

O último capítulo denomina-se "Jesuítas em missão: os caminhos percorridos para *'la mayor gloria de Dios'*". Nele, inspirados na "geografia literária", reconstituimos textual e graficamente os deslocamentos/viagens realizados(as) pelos missionários entre as aldeias, colégios e reduções narrados(as) nas Cartas Ânua da segunda metade do século XVII. Desse modo, procuraremos contrapor a versão textual⁶⁸ à versão cartográfica, reconstituindo os caminhos percorridos. Além disso, destacaremos as representações sobre os diferentes espaços percorridos, associando-as às dificuldades e/ou facilidades encontradas pelos missionários da Província Jesuítica do Paraguai ao longo desses caminhos percorridos. Nossa intenção é a de *cartografar* os textos das Ânua da segunda metade do

⁶⁸ Ressalto que a análise não prescindirá da contextualização, razão pela qual as cartas serão analisadas na perspectiva autor/texto/contexto, e vinculadas à história da atuação da Companhia de Jesus na América platina na segunda metade do século XVII.

século XVII e contrapô-los aos efeitos do imaginário e da experiência do missionário na narração do trajeto percorrido.

Capítulo I

A Província Jesuítica do Paraguai: os desafios e a missão

No nos basta haber evangelizado, según referiré en mi libro, los indios de Itatín, Paraná, Uruguay, Guayrá, Jujui, é islas de Chiloé y Chono; fundando tantos pueblos en una provincia que en sus comienzos medía ochocientas léguas de extensión; atravesando lagunas, peñascales, selvas vírgenes y vastos desiertos, y penetrando, selvas vírgenes y vastos desiertos, y penetrando en cuevas.⁶⁹

Neste primeiro capítulo, trataremos da criação da Companhia de Jesus por Ignácio de Loyola e a instalação da Província Jesuítica do Paraguai na primeira metade do século XVII. Em seguida, por se tratar de nosso marco temporal, nos ocuparemos mais detidamente da segunda metade do mesmo século. Este capítulo, portanto, contextualizará a atuação da Companhia de Jesus na região platina, enfocando as dificuldades e os sucessos que os padres missionários encontraram em seu trabalho, primeiramente, na etapa fundacional e, posteriormente, na etapa de consolidação das reduções na Província Jesuítica do Paraguai.

1.1. A Companhia de Jesus e sua atuação na Província Jesuítica do Paraguai

Antes de nos dedicarmos à atuação da Companhia de Jesus na Província Jesuítica do Paraguai na segunda metade do século XVII, consideramos importante retomar o contexto da criação e estabelecimento

⁶⁹ DEL TECHO, Nicolas del. Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897. p. 17.

institucional da Ordem dos jesuítas no século anterior, período marcado pelo Renascimento, pela Reforma Protestante⁷⁰ e pela expansão territorial dos impérios ibéricos. Neste contexto, caberá à Igreja Católica dar início ao seu processo de reformulação, que levou à convocação do Concílio de Trento⁷¹ e à criação do Tribunal do Santo Ofício em Roma. O Papa Paulo III declarou em 1537:

Nos outros, pois, que ainda que indignos, temos às vezes de Deus na terra, e procuramos com todas as forças achar suas ovelhas, que andam perdidas fora de seu rebanho, para reduzi-las a ele, pois este é o nosso ofício.⁷²

Seguindo esta tendência, na primeira metade do século XVI, a Companhia de Jesus se constituiu como Ordem religiosa, tendo sua atuação voltada para a restauração do prestígio da Igreja e para a recuperação de fiéis que haviam se desviado dos ensinamentos católicos ou daqueles que não tinham encontrado a fé católica. Para isso, os membros desta Ordem eram capazes de atravessar oceanos, penetrar matas, defrontar-se com feras e povos, algumas vezes, hostis a sua presença.⁷³

⁷⁰ Convém lembrar que, conforme Dreher (1996, p. 118) “as origens da Reforma católica encontram-se na Espanha. São anteriores à Reforma de Lutero e mostram peculiaridades inerentes à Espanha. Ali existia uma igreja completamente dependente do Estado, uma igreja estatal que permaneceu fiel ao catolicismo”.

⁷¹ O Concílio de Trento se estendeu de 13 de dezembro de 1545 a 4 de dezembro de 1563, se dividindo em 3 períodos distintos. O 1º período tridentino vai de dezembro de 1545 a março de 1547 e nele ocorreram oito sessões; Entre o 1º e o segundo período ocorreu o chamado Período Bolonhês, que ocorreu de março de 1547 a setembro de 1549 e nele ocorreram a 9ª e a 10ª sessão; No segundo ocorrem as sessões que vão da 11ª até a 16ª, abarcando o período de maio de 1551 a abril de 1552; E no terceiro período, que vai de janeiro de 1562 até dezembro de 1563, ocorrem as sessões que vão da 17ª até a 25ª. (DENZINGER, 2007, p. 394)

⁷² SIMÃO DE VASCONCELOS, 1875 apud ISHAQ, 2003, p. 148.

⁷³ FRANZEN, 1999, p. 21. Conforme Ludovico Pastor (1953, p. 28) “*como fin de la nueva Religión se propone, el aumento de la vida y doctrina cristiana, y la propagación de la fe por medio de la predicación, de los Ejercicios espirituales, la enseñansa del catecismo, el oír confesiones y practicar otras obras de misericordia*”. Por outro lado, a criação da ordem dos jesuítas, segundo Dreher (1996, p. 120) “foi aplaudida por muitos no seio do catolicismo e fora dele. Mas também foi duramente criticada no catolicismo e fora dele.

Ao abandonar a estrutura monástica das outras ordens existentes, a Companhia de Jesus se caracterizaria como uma instituição militante, nascida no contexto da Contra-Reforma, em resposta aos movimentos de Lutero e Calvino⁷⁴. Inversamente ao modelo dos monges medievais, isolados do mundo, os jesuítas se popunham a servir ao próximo saindo em missão. Esta característica é bastante influenciada pelo seu primeiro líder e fundador, Ignácio de Loyola⁷⁵. O desejo de uma vida ativa se manifestava neste novo modelo de missionário, que retratava o próprio “homem renascentista”. Loyola, mesmo que na condição de um homem do século XVI, havia intuído a propagação global que a Ordem tomaria e ao fundá-la, diferentemente das outras, deu a ela forma de uma ordem missionária. Para ele, cada um dos seus nove⁷⁶ companheiros estava disposto a ser enviado aos pontos mais perdidos e distantes⁷⁷. O jesuíta, portanto, em essência, era um missionário e tinha como pressuposto o cumprimento da dimensão social do Cristianismo. Este novo paradigma de

Entre seus críticos encontramos Pascal, Carlos Borromeu, Francisco de Sales, Teresa d'Ávila e diversos papas (Paulo IV, Sixto V e Clemente XVI)”.

⁷⁴ Segundo Barnadas (1997, p. 525), a Companhia de Jesus “era fruto do ideal reformador. Assim também foi sua intervenção na América. Os jesuítas viajaram leves, livres da bagagem do passado. Procuraram implantar um cristianismo isento dos erros que desfiguraram a Fé na Europa”.

⁷⁵ Na “*História de los papas*”, editada em 1953, Ludovico Pastor escreve: “*Cuando se acercaba a su apogeo el aseglaramiento en las esferas eclesiásticas de Italia, y con un papa español, Alejandro VI, la corrupción el Renacimiento invadía hasta la misma Silla pontificia; nació cabalmente en Espana al hombre que, por la incomparable univerdalidad de su acción, habia de contribuir más poderosamente que outro alguno a renovar la Iglesia, y a compensar sus graves perdidas con nuevas conquistas. Aquel varón era Ignácio de Loyola*”. PASTOR, Ludovico. **Historia de los Papas**: en la época de la reforma y restauración católica. Volume XII. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1953.

⁷⁶ Segundo Oliveira (2005, p.7), o grupo dos nove companheiros “(...) como são chamados os primeiros jesuítas que se uniram a Inácio de Loyola era formado por Francisco Xavier, Diego Laínes, Pedro Favre, Alfonso Samerón, Simão Rodrigues, Nicolau Bobadilha, Claudio Jay, Paschese Bröet e Joao Codure”. (OLIVEIRA, 2005, p. 7)

⁷⁷ BINGEMER, Maria C. L. Globalização: o que tem isso a ver com os jesuítas? *In*: BINGEMER, Maria C. L.; NEUTZLING, Inácio; DOWELL, João; (orgs). **A globalização e os jesuítas: origens, história e impacto**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 9.

missão e, conseqüentemente, de missionário previa não só uma incorporação espiritual, mas também territorial.⁷⁸

Inicialmente, Ignácio de Loyola e seus companheiros planejaram atuar apenas na Terra Santa, mas impossibilitados de realizarem este propósito devido à deflagração da guerra entre Veneza e os turcos, convoca todos os seus companheiros para examinarem juntos a situação

Essas reuniões, realizadas em outubro, são da maior importância para a história da futura Companhia de Jesus. O pequeno grupo tinha que tomar uma decisão. O plano primitivo continuava o mesmo: partir para a Terra Santa.⁷⁹

Porém decidem colocar-se à disposição do Papa. Assim, mostrando-se fiéis ao Papa e aos seus sucessores⁸⁰, aguardaram a possibilidade de peregrinar por onde fosse necessário⁸¹. Em 1540, receberiam a permissão do papa Paulo III para institucionalizar a Companhia e, em 1550, Júlio III, seu sucessor confirmará a fundação.⁸²

⁷⁸ NEVES, Luis Felipe Baeta. Os soldados de Cristo na Terra dos Papagaios. In: BINGEMER, Maria C. L.; NEUTZLING, Inácio; DOWELL, João; (orgs). **A globalização e os jesuítas: origens, história e impacto**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 194. Para Hoornaert (1997 p. 543) "enquanto no século XVII a administração central da Igreja parecia cochilar nas ensolaradas montanhas do conservadorismo pastoral, tinha lugar a mais importante expansão da vanguarda missionária, graças aos regulares, principalmente os jesuítas e os franciscanos, as ordens que haviam permanecido fora do círculo vicioso da inércia e da estagnação, e que jamais interromperam totalmente seus esforços missionários, apesar de freqüentemente terem sofrido insucessos ou mesmo descontinuidades".

⁷⁹ RAHNER, Hugo; MATT, Leonard von. **Inácio de Loyola**. Trad. Lucia J. Villela. Rio de Janeiro: Desclée de Brouwer, 1956, p. 237.

⁸⁰ De acordo com as Constituições da Companhia de Jesus "a intenção do quarto voto de obediência ao Papa referia-se, e refere-se ainda, inteiramente às missões. É neste sentido que devem entender-se as Bulas quando se trata desta obediência; em tudo aquilo que ordenar o Sumo Pontífice, para onde quer que ele envie etc". Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares, 2004, p.156.

⁸¹ Neste tempo realizam trabalhos em Roma, "había en ella incrédulos y pecadores en abundancia para convertir" (PASTOR, 1953, p. 32).

⁸² A Bula Papal *Regimini militantis Ecclesiae*, que institucionaliza a Companhia foi assinada em 27 de setembro de 1540. (GARCIA-VILLOSLADA. Ricardo. **Manual de historia de la Compañia de Jesus**. 2ª edição. Madrid: Compañia Bibliográfica

Por meio dos Exercícios Espirituais e de uma formação acadêmica exigente, seus membros eram preparados para a obediência absoluta, ao mesmo tempo em que eram capazes de tomar decisões e realizar missões sob condições as mais adversas⁸³. Em relação à formação do jesuíta, vale lembrar que desde a sua fundação, a Companhia sempre valorizou os aspectos relacionados às Letras, o que compreendia escrever e ler em vernáculo e latim, além de ter conhecimentos de outras línguas. No texto das Constituições⁸⁴, estão referidos os impedimentos de ingresso para aqueles que não possuíam familiaridade com a cultura escrita⁸⁵: “*Falta de letras o aptitud de ingenio o memória para aprendellas o lengua para explicallas*”⁸⁶.

Nas Constituições, Loyola se deteve em várias outras questões relativas à formação do jesuíta, pois acreditava que o conhecimento contribuiria para que os propósitos de ajuda ao próximo, do conhecimento do amor de Deus e a salvação da alma fossem alcançados. Além de conhecer profundamente Teologia, o ingressante deveria também dominar

Española, 1954, p. 50). De acordo com Blumers (1992, p. 20), “*al fallecer al Padre Ignacio (nombre adoptado en Roma), el 31.VII.1556, formaban la Compañía de Jesús casi un millar de miembros, entre sacerdotes, hermanos coadjutores y escolares en formación, repartidos por un centenar de casas, y organizados en 12 provincias creadas según este orden cronológico: Portugal, 1546; Índia, 1549; Etruria o Italia e Sicília, 1551; Gallia o Francia, 1552; Brasil, 1552; Aragon, Castilha y provincia itinerante, Etiópia, iniciada en 1555*”. Conforme O'Malley (1993, p. 3), “*by 1565 they were active in many countries of Western Europe, but also in Brazil, India, Japan, and elsewhere. They preached, taught catechism, proposed new sacramental practices, and sought to help orphans, prostitutes, and prisoners in jail*”.

⁸³ WILD, Gerta M. G. **Colonização e atividade jesuítica na região do prata**: em nome de Deus, a serviço do Rei. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo: UNISINOS, 1997. p. 73.

⁸⁴ “As Constituições foram redigidas por santo Inácio entre 1541 e 1556. [...] primeiro só e depois, com ajuda de seu secretário P. Polanco, foi avançando via consultas a diversos rascunhos e versões em 1547, 1550, até chegar às dez partes de 1556”. (LONDOÑO, 2002, p. 31). Elas se constituem no documento fundamental que rege a Companhia de Jesus até a atualidade.

⁸⁵ OLIVEIRA, Paulo R. M. de. **A escrita no deserto**: narrativas jesuíticas em território guarani. Anais XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz: Londrina, 2005, p. 3.

⁸⁶ LOYOLA, 1963 apud LONDOÑO, 2002, p. 31.

áreas como Gramática, Retórica, Poesia e História, Lógica, Física, Metafísica, Matemáticas, Filosofia Natural, Filosofia Moral e línguas antigas e modernas⁸⁷. Para desenvolver a caridade, a oração, a fé, o amor e a obediência – sem as quais o engenho, a imaginação e a razão não poderiam dar frutos – as Constituições previam exercícios espirituais e peregrinações. Deveriam, ainda, se dedicar ao estudo da Teologia (Teologia Moral, Escrituras, Direito Canônico e Teologia Positiva) e da Filosofia (Escolástica), dessa forma, sua formação estaria completa⁸⁸. Cabe ressaltar que nem todos os missionários chegavam a cumprir todos os estudos previstos pelo regimento. Somente em 1599, com o *Ratio Studiorum*⁸⁹, o modelo educacional jesuítico foi uniformizado, mesmo assim, a formação não foi uniforme em todos os momentos e regiões de atuação, o que, no entanto, não diminuiu as exigências da preparação acadêmica que os jesuítas possuíam.

No Brasil, chegam já em 1549, mas, somente em 1566, recebem permissão para trabalhar nos territórios do Novo Mundo pertencentes à Coroa Espanhola⁹⁰. Desde a nomeação do padre Manuel da Nóbrega, como primeiro Provincial do Brasil, Ignácio de Loyola tinha em mente a presença da Companhia de Jesus em outras regiões além do Brasil⁹¹. Contudo, o envio de missionários não dependia unicamente das Ordens,

⁸⁷ LUZ, Guilherme A. **Os jesuítas e a política da eloquência na América Portuguesa**. Anais XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz: Londrina, 2005, p. 2. O autor utilizou da seguinte versão: LOYOLA, I. **Constituciones de la Compañia de Jesus**. In: Obras, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1991, p. 530-569.

⁸⁸ LUZ, op. cit., p. 2.

⁸⁹ "Ratio significa "plano", "ordem", "regra", "razão" etc.; *institutio* é "modo", "maneira". A expressão *Ratio Studiorum atque Instituto* pode ser traduzida por *Ordem e Maneira dos Estudos*. [...] Publicado em 1599, associava-se à "política católica" portuguesa como um conjunto de *normas*, que definiam saberes a serem ensinados e condutas a seres inculcadas, e um conjunto de *práticas*, que permitiam a transmissão desses saberes e a incorporação de comportamentos, normas e práticas". (HANSEN, 2001, p. 15)

⁹⁰ BLUMERS, 1992, p. 19-20.

⁹¹ AGUILAR, Jurandir C. **Conquista espiritual: A história da evangelização na Província Guairá** na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585 – 1652). Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002, p. 10.

pois segundo Barnadas (1997, p. 522) “o envio de missionários à América era, em última análise, uma questão de política imperial”. Embora o Papa mantivesse autoridade sobre as regiões do Novo Mundo, o Conselho das Índias tinha poder de veto sobre as suas decisões. Desse modo, os missionários “estavam duplamente submetidos, à Santa Sé e à Coroa espanhola”⁹².

Os primeiros jesuítas a se dirigirem à América espanhola chegaram à Califórnia, em 1566, mas esta experiência não perdurou e, em 1572, as dificuldades determinaram sua retirada deste local. Outros missionários, atendendo aos muitos pedidos do Vice-Rei D. Francisco de Toledo, foram enviados ao Peru, tendo chegado em 1568⁹³. Em 1587, se instalaram na região de Tucumán, a pedido do bispo local⁹⁴. Apesar de os trabalhos missionários realizados pelos jesuítas preverem a atuação concomitante nas Províncias jesuíticas do Peru e do Brasil, não houve concordância por parte da Coroa Espanhola de que padres portugueses realizassem trabalhos em território espanhol⁹⁵.

⁹² FLECK, Eliane C. D. O modelo jesuítico de Igreja nas reduções guaranis. In: DREHER, Martin N. **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 87.

⁹³ Segundo Mateos (1969, p. 306), “*el primer núcleo de jesuítas enviado al Peru por San Francisco de Borja llegó a Lima en abril de 1568, y fue muy reforzado con sucesivas expediciones, doce en solas las três décadas que restaban del siglo XVI*”.

⁹⁴ Segundo Astrain (1996, p. 14) “*quien principalmente trabajó para llevar jesuítas a aquellos países fue fray Francisco de Victoria, Obispo de Tucumán, de la orden de Santo Domingo*”. Para Bennassar (1987, p. 179) “*Algunas ordenes religiosas habían concebido la idea de realizar en la tierra el reino de Dios con la ayuda de un pueblo nuevo no contaminado le las perversiones del mundo. Esta idea sustentó todas las grandes experiencias misioneras que se desarrollaron lojos de los principales enclaves españoles*”.

⁹⁵ FRANZEN, 1999, p. 31-36. Sobre este assunto o pe. Juan Romero, em 1607, escreve: “*Supuesto que ya sabemos que no vienen padres de Brasil porque propuso el Padre asistente de Portugal a nuestro Padre y nuestro Padre suspendió el orden que había dado, que tampoco conviene que se les de a los Padres de Brasil la parte del Paraguay que se comuniquen el Brasil por tierra con estas provincias y es levantar pelotero tratar de esto*”. Carta de Juan Romero a Esteban Paez, 7 de maio de 1606. In: MORALES, Martín Maria. Op. Cit., p. 43.

Foi somente após o descortinamento do horizonte geográfico e humano que a Igreja percebeu a dimensão da tarefa evangelizadora que o Novo Mundo exigia⁹⁶. Mesmo assim, conforme Barnadas (1997, p. 522), “à Igreja na América fora confiada uma missão prática: apressar a submissão e a europeização dos índios e pregar a lealdade à Coroa de Castela”.

Quando, em 1602⁹⁷, o visitador padre Esteban Paez, constata que a região platina, em razão da vasta extensão e de sua pobreza, devia ser abandonada, os padres em missão no Paraguai e Tucuman recebem ordens para saírem⁹⁸ da região, nela permanecendo apenas o padre Fields⁹⁹, em Assunção. Algum tempo depois, o Padre Geral Aquaviva, atendendo aos pedidos dos padres do Paraguai¹⁰⁰, decide criar uma nova Província¹⁰¹, que se chamaria “Paraquaria”¹⁰², ou, posteriormente,

⁹⁶ BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In. BETHEL, Leslie. **História da América Latina**. Vol. 1. São Paulo: EDUSP, 1997. p. 524.

⁹⁷ Esta data é contestada por Astrain (1996, p. 27), segundo ele “*dicen los historiadores del Paraguay, Techo, Lozano y Charlevoix que esta visita se hizo en 1602 (...). En todo esto padecieron estos autores un error cronológico (...). La historia manuscrita del Perú, terminada en los primeros meses de 1601, habla de esta visita del P. Paez*”.

⁹⁸ MORALES, Martín Maria. **A mis manos han llegado**: Cartas de los PP. Generals a la antigua Provincia del Paraguay (1608-1639). Monumenta Historica Societatis Iesu, Series Nova, Vol. 1, Madrid-Roma, 2005, p. 40-41.

⁹⁹ Sobre o Padre Tomás Fields S. J., sabe-se que “nasceu em Limerik (Muster, Irlanda), em 1549; ingressou na Companhia em 06/10/1574, em Roma; chegou na América em 08/03/1587, em Buenos Aires; recebeu seus últimos votos em 10/03/1613, em Assunção; faleceu na mesma cidade em 15/04/1625. (STORNI, 1980, p. 101). Fields fica em Assunção devido a uma enfermidade. (ASTRAIN, 1996, p. 32)

¹⁰⁰ Escreve o padre Romero ao Padre Geral Aquaviva: “*Es grandísimo el amor y la estima que tienen de nosotros y también el sentimiento de que los hayamos dejado*”. (ASTRAIN, 1996, p. 30). A este relato se somam outros que evocam o trabalho já feito e haviam sido abandonados, além das calúnias que eram levantadas por aqueles que diziam que os jesuítas haviam abandonado a região por razão de sua extrema pobreza.

¹⁰¹ Segundo Aguilar (2002, p. 113), na América, “neste início do século XVII, os jesuítas contavam com as Províncias do Brasil (1553), do Peru (1567) e do México (1572), e com a vice-província do Novo Reino de Granada (1605). Depois foram criadas a Província do Paraguai (1607) e as vice-províncias do Chile (1625), agora dependente da Província do Peru, e a do Maranhão – Grão Pará (1639)”.

¹⁰² Sobre este assunto, nos conta Nicolas del Techo: “*Aunque merced á las fatigas de los ilustras misioneros ya mencionados brillaba la fe en el Tucunán, Chile y el Paraguay, era*

Província Jesuítica do Paraguai, optando por não incorporar o território platino à Província do Brasil.¹⁰³

Para constituir a nova Província foi enviado o padre Diego de Torres. De Nova Granada, onde realizava seus trabalhos, se deslocará até Lima onde reunirá 13 sujeitos cedidos pelo Provincial do Peru, mas como três deles eram noviços, estes foram enviados a Santiago do Chile para lá terminarem seus estudos. Os outros foram enviados em 27 de junho de 1607 para a região da futura Província Jesuítica do Paraguai.

No início, a Companhia concentrou seus esforços em Santiago, Córdoba e Assunção, onde já havia instalações remanescentes do trabalho realizado anteriormente. O Provincial, estrategicamente, estabeleceu uma residência em Buenos Aires, para manter contato mais direto com a Europa, e outra em Mendoza, para aproximar-se dos padres do Chile.¹⁰⁴

O trabalho dos jesuítas, de início, resumia-se a catequizar e instruir espanhóis, índios e negros que viviam nestas cidades ou próximos delas¹⁰⁵. A primeira experiência jesuítica com reduções foi em 1568, na doutrina de Juli, que havia sido fundada por dominicanos, próximo ao lago

*sin embargo evidente que, unos cuantos religiosos separados por largas distancias no podían atender como se debía á comarca tan inmensa. Por cuya razón se trato de fundar una província en la América meridional, bañada por el río Paraguay". DEL TECHO, Nicolas. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesús**. Tomo II. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897. p. 7.*

¹⁰³ GADELHA, 1980, p. 192-193. Sobre a presença dos jesuítas na região do Prata, Garay diz que "Y el hecho históricamente comprobado es que, á despecho de los triunfos que por los Padres y sus adeptos se han cantado, cuando en 1604 el Padre Aquaviva, General de la Orden, creó la provincia del Paraguay, no existia dentro de la gobernación del mismo nombre ninguno que fuese resultado de los esfuerzos de los jesuítas" GARAY, Blas. Prólogo. In.: DEL TECHO, Nicolas. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesús**. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897. A partir deste momento a presença jesuítica neste território se intensifica.

¹⁰⁴ ASTRAIN, 1996, p. 35-36.

¹⁰⁵ ASTRAIN, 1996, p. 36.

Titicaca¹⁰⁶. Um ano após, assumem a redução de Huarochini, abandonada pelos agostinianos, localizada à oeste de Lima, e a redução de Santiago del Cercado, próxima da mesma cidade. Em geral, a experiência de Juli é considerada o modelo que deveria ser seguido pelos jesuítas nas fundações de outros povoados, inclusive no Paraguai.¹⁰⁷

El año de 1576, después de haberse establecido en varias ciudades peruanas, añadía la Compañía a la extensión de su campo de trabajos espirituales la "doctrina de Juli". Por su importancia intrínseca, su número de indios, su continuidad durante los siglos de permanencia de la Compañía en América, y sobre todo por la novedad de los procedimientos empleados y su influencia formativa en los misioneros jesuítas, la doctrina o residencia de Juli consituye el punto de enlace entre el proceder anterior a la llegada del P. Portillo y los primeros jesuítas – sistema de las doctrinas – y la floración guaraníca de reducciones que mojos, chiquitos y mainas ya no harán sino copiar.¹⁰⁸

¹⁰⁶ Barcelos (2006, p. 153) nos informa que "na documentação jesuítica, pelo menos até o início do século XVII, é comum a expressão *Doctrina* para referir-se aos pueblos onde congregavam os indígenas, ou aqueles que lhes eram confiados pela administração política local, como o caso da *Doctrina* de Juli, no Peru. Montoya foi um dos primeiros a dar a conhecer o uso da expressão *reducción*. Com o tempo, as expressões *Doctrina*, *Reducción* ou *Misión* passaram a ser utilizadas como sinônimos, embora na prática não o fossem". Morales (2005, p. 30) nos diz que "*El término reducción deriva del vocablo ducere. Fue empleado desde fines del siglo XV para significar la conversión o conquista de infieles (redactio). Em este sentido, reducir podía ser usado como sinónimo de "vencer" (redigere-subiciere), o de "persuadir" y "convertir" (adducere). A menudo fue utilizado también como conducir una cosa a su estado precedente. Todos estos significados colaboraron a la creación del concepto de reducción en cuanto pueblo de indios*".

¹⁰⁷ OSSANA, 2008, p. 6. Conforme Barcelos (2006, p. 107), "uma das primeiras medidas concretas para a concentração de populações nativas em *pueblos* foi tomada por Vasco de Quiroga no Vice Reino da Nova Espanha. Os primeiros assentamentos, feitos com base nas concepções de Quiroga, deram-se na década de 1530 e foram denominados Hospitales-Pueblos de Santa Fé". Sobre a política de criação de reduções na região andina e, mais especificamente Santiago del Cercado podemos encontrar informações em COELLO DE LA ROSA, Alexandre. Espacios de exclusión, espacios de poder: La reducción de índios de Santiago del Cercado a la Lima colonial (1568-1590). ESCUDERO, Antonio G; CUETOS, Maria Luisa L. (cord) **Estudios sobre América: siglos XVI-XX**. Sevilla: AEA, 2005, p. 1507-1519.

¹⁰⁸ ECHÁNOVE, 1955. p. 96. Ainda sobre Juli, escreve José Turiel, em 1601, na "*Relación de las ocupaciones que han tenido y tienen, y frutos que han hecho y hacen los religiosos de la Compañía de Jesús en el Peru y Reinos anejos á el, entre los indios*": "*El año de 1575, habiendo llegado de Europa 10 sacerdotes, tomó la Compañía el pueblo de Juli, donde había de 18 á 20.000 indios de confesión*". In. PASTELLS, R. P. Pablo. **História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay,**

A ideia de agrupar as populações indígenas em *pueblos* surgiu como um projeto político de integração do índio ao sistema colonial¹⁰⁹. A redução era vista como um excelente método missional, pois através dela era possível reduzir o conflito, tanto militar, como social que colocava em oposição índios e espanhóis. As ordens religiosas serão responsáveis pela sua execução.¹¹⁰

Considerando as primeiras décadas do trabalho missionário no Paraguai, a evangelização dos indígenas foi bastante limitada, tanto em extensão, quanto em profundidade¹¹¹. Isto se deveu, basicamente, à dispersão dos indígenas, à escassez de missionários, ao desconhecimento inicial da língua nativa e à falta de um catecismo em guarani¹¹². Os jesuítas, entretanto, não foram os primeiros missionários a atuarem no

Uruguay, Peru, Bolívia y Brasil) según los documentos originales del Archivo General de Indias. Tomos I. Madrid: Librería General de Victoriano Suárez, 1912. p. 92.

¹⁰⁹ A concepção do modelo reducional, implantando pelas ordens religiosas e com permissão da Coroa, segundo Prien (1985, p. 262), eram em princípio três: "1 – *Las reducciones le parecían l a mejor combinación de conquista espiritual y física pacífica*; 2 – *Una misión, por exemplo, entre los Guaycurú, significaba asegurar la vía que conectaba con Peru*; 3 – *Las reducciones no sólo de iure, sino también de facto representarían una expansión del dominio español en dirección sudoriental de Asunción, por tanto hacia Santa Catarina y el Atlántico*".

¹¹⁰ OSSANA, 2008, p. 5. O padre Acosta, em uma de suas cartas anuais, argumenta e favor da *doctrina* como modelo missional. Diz ele: "*La causa de haber ido allí los Padres de la Companhia há sido hacer grande instancia el Visorrey y Su Majestad, y parecer que se debía experimentar de propósito este medio de doctrina que en este reino parece el más eficaz para conversión y salvación de los naturales*" (Carta anual de 1576, Monumenta Histórica. Tomo IV, p. 30). (ECHÁNOVE, 1955, p. 125). Em outra correspondência, Acosta defende, mais uma vez, o modelo reducional como adequado aos interesses catequéticos da Companhia, escreve ele: "*Por bien parados se podrían dar los indios si los sacerdotes tuvieron la discreción de oponerse al menos a las ocasiones de los vicios y no buscasen de industria la licencia de una vida más suelta, procurando gustosos su propio mal*". (José de Acosta, S. J. De procura da Indorum salute. Edic. Cast., anotada por F. Mateos, S. J. Madrid, 1942, p 383). (ECHÁNOVE, 1955, p. 102).

¹¹¹ "*Como misioneros itinerantes, estos sacerdotes recorrían, predicando y bautizando, extensos territorios de los indios, pero tales misiones nómadas o podían tener ningún éxito duradero*". KONETZKE, Richard. **América latina: la época colonial.** Madrid: Siglo XXI Ediciones, 1993. p. 251.

¹¹² FLECK, Eliane C. D. O modelo jesuítico de Igreja nas reduções guaranis. In. DREHER, Martin N. **Populações rio-grandenses e modelos de igreja.** São Leopoldo: Sinodal, 1998, p. 90.

Paraguai. Antes deles, outras ordens como as de São Francisco, de São Jerônimo e Nossa Senhora das Mercês atuaram na região¹¹³. Coube aos franciscanos a implantação das primeiras reduções de indígenas no Paraguai. Os freis Luis de Bolaños e Alonso de Boaventura fundaram, a partir de 1580, uma rede de reduções que se estendia desde o rio Jejui até a então província do Guairá¹¹⁴. Diferentemente das reduções jesuíticas, as missões franciscanas se instalaram próximas às cidades espanholas e se ocuparam apenas em evangelizar os índios encomendados e aos *vecinos*, não opondo-se ao sistema *encomendero*¹¹⁵.

Em 1600, as autoridades espanholas sediadas em Assunção determinaram que *Ciudad Real* – surgida em 1556 – se tornasse a sede da Província do Guairá. No intuito de “*levantar los spiritus*”, foram enviados de Assunção à Província Guairá, em 1588, os primeiros missionários jesuítas, os padres Manuel Ortega e Tomás Fields, passando pelo povoado de Ciudad Real e Vila Rica do Espírito Santo, habitados por espanhóis. Dava-se início de um trabalho apostólico, com muitas

¹¹³ GADELHA, Regina Maria A. F. Op. Cit.. p. 191.

¹¹⁴ MORALES, Martín Maria. Op. Cit., p. 43.

¹¹⁵ OSSANA, 2008, p. 5. Segundo Maeder (1999, p. 115) “*Si los frailes [franciscanos] formaron las reducciones iniciales, en la zona de dominio español con indios ya sujetos al régimen de encomienda, los jesuítas buscaron tomar contacto y afirmarse entre los guaraníes de la región periférica, todavía expectantes y recelosos ante la intrusión europea en sus dominios seculares*”. Garay (1897, p.16), se refere a dois tipos de encomiendas: “(...) de *yanaconas* ú *originarios*, y de *mitayos*. Componíase las primeras de los pueblos sojuzgados por el esfuerzo individual, y los que las perteneciesen estaban obligados á cultivar las tierras de sus encomenderos, á cazar y á pescar por ellos. Parecíase su condición á la de los siervos, y el deber de trabajar para sus dueños no reconocía limitaciones de edad ni de sexo (...) Más apacible la situacion de los *mitayos*, formados de tribus voluntariamente sometidas ó de las que lo eran por las armas reales. Cuando alguna entraba así en el dominio español, se la obligaba á designar el sitio en donde preferia establecerse, y sus miembros eran distribuídos en secciones sujetas á jefes de su propia elección y provistas de doctrineros, á quienes mantenían y por quienes se les inculcaban los rudimentos de la fe católica. Cada una de estas secciones constituía una *encomienda mitaya*, cuyo propietario tenia el derecho de hacer trabajar en su beneficio durante dos meses del año á los varones de diez y ocho á cincuenta. Libres después de emprear á su placer todo el resto del tiempo”. GARAY, Blas. Prólogo. In.: DEL TECHO, Nicolas. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

interrupções, e lançavam-se as primeiras bases da evangelização, com os colonos espanhóis e com os indígenas¹¹⁶. Em 1607, Hernandarias organizou uma viagem as regiões de fronteira a fim de deter o avanço português, e em 1609 apresentou seu projeto para a colonização do Guairá¹¹⁷. No mesmo ano, os padres jesuítas viriam a se instalar nesta localidade e na Vila Rica do Espírito Santo, inicialmente para atender aos próprios colonos, para, em seguida, realizar o trabalho de catequese junto aos nativos do local. Já em 1639 o Pe. Montoya escrevia “Esforçaram-se os governadores no sentido de que os padres da Companhia domesticassem essa gente bárbara através do Evangelho”¹¹⁸ referindo-se a esta região.

As propostas apresentadas por Hernandarias¹¹⁹, o então governador, e pelo bispo de Assunção, Reginaldo de Lizárraga¹²⁰, foram aceitas pelo provincial Diego de Torres, levando à abertura de três frentes de trabalho. Uma ao sudeste de Assunção, região do rio Paraná; outra ao noroeste,

¹¹⁶ AGUILAR, Jurandir C. Op. Cit., p. 11.

¹¹⁷ MORALES, Martín Maria. Op. Cit., p. 49.

¹¹⁸ MONTOYA, Antonio R. de. **Conquista espiritual**: hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Trad. Pe. Arnaldo Bruxel, S. J., Rev. Pe. Arthur Rabuske, S. J., 1ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985, p. 45.

¹¹⁹ Hernando Arias de Saavedra, ou simplesmente, Hernandarias, tornou-se governador pela primeira vez em 1602. “De fato, o assucesso Hernando Arias de Saavedra, proeminente governador do Rio da Prata é um dos primeiros *criollos* a assumir um posto de governança de destaque na região, se tornaria um defensor dos monopólios limenhos, combatendo regiamente o comércio por Buenos Aires; por outro lado, se empenhou em encontrar alternativas econômicas para sua região natal, cada vez mais ameaçada pela vila platina”.(VILARDAGA, 2008, p. 4)

¹²⁰ “La obra de fray Reginaldo de Lizárraga se ha reputado siempre como, una de las más importantes para el conocimiento geográfico del continente americano. (...) Su obra por la cual ocupará en todo tiempo sitio preeminente entre los historiadores primitivos de Indias, la llamó: Descripción breve de toda la tierra del Perú, Tucumán, Río de la Plata y Chile. El autor dedicó el libro, extenso y minucioso, al excelentísimo señor conde de Lemos y Andrada, presidente del Consejo Real de Indias”. (PÁEZ, 1959, p. 437)

região do Guairá; e mais uma ao oeste, próximo do rio Paraguai, na região onde habitavam os Guaicuru.¹²¹

A frente missionária do Guairá – como podemos ver na Figura 1 – representava a fronteira entre as regiões metalíferas espanholas e os domínios lusos, despertando especial interesse – por motivos diversos – tanto no Provincial Diego de Torres, quanto no governador Hernandarias. Para o primeiro, esta frente representava a oportunidade de evangelização da população indígena, já para o outro, determinaria a exploração econômica da região. Vale ressaltar que a penetração jesuítica na região foi largamente favorecida pela amizade com o Cacique Arapizandú que gozava de grande autoridade localmente. Del Techo (apud Becker, 1992, p. 88), nos informa que

Arapizandú, varón que gozaba de gran autoridad entre ellos, se presentó al Gobernador Hernando Arias, prometiéndolo fundar con otros caciques una ciudad somentida al Rey Católico si les enviaban sacerdotes

Este mesmo cacique “se apresentou ao governador e, em nome de mais nove caciques, seus companheiros, manifestou o desejo de terem sacerdotes”¹²². Coube então aos missionários Joseph Cataldino e Simón Masseta o atendimento espiritual dos grupos indígenas desta região.¹²³

¹²¹ ARRÓSPIDE. José L. R. Antonio Ruiz de Montoya y las reducciones del Paraguay. Asunción: CEPAG, 1997, p. 66.

¹²² BECKER, 1992, p. 21.

¹²³ BECKER, 1992, p. 22. Sobre a viagem de Cataldino e Masseta, Nicolas del Techo comenta: “El obispo del Paraguay, el gobernador y el Provincial de la Compañía, dieron amplias facultades á los PP. Cataldino y Mazeta para que éstos ejercieran su ministerio apostólico en el Guairá, donde estuvieron algún tiempo; penetraron en las selvas, desafiando toda clase de peligros, ya de fieras, ya de los hombres, y atravesaron ríos y lagunas; llegaron á la Purificación de Nuestra Señora, en el año 1610” DEL TECHO, Nicolas. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. Tomo II. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897. p. 139. Em carta, o governador Hernandarias, ou Hernando Arias de Saavedra, escreve, em 1604 “(...) que solía haber en ella y en Gauyrá cuarto ó cinco padres que eran de mucha utilidad y buen ejemplo”. PASTELLS, R. P. Pablo. **História de la Compañía de Jesús en la Provincia**

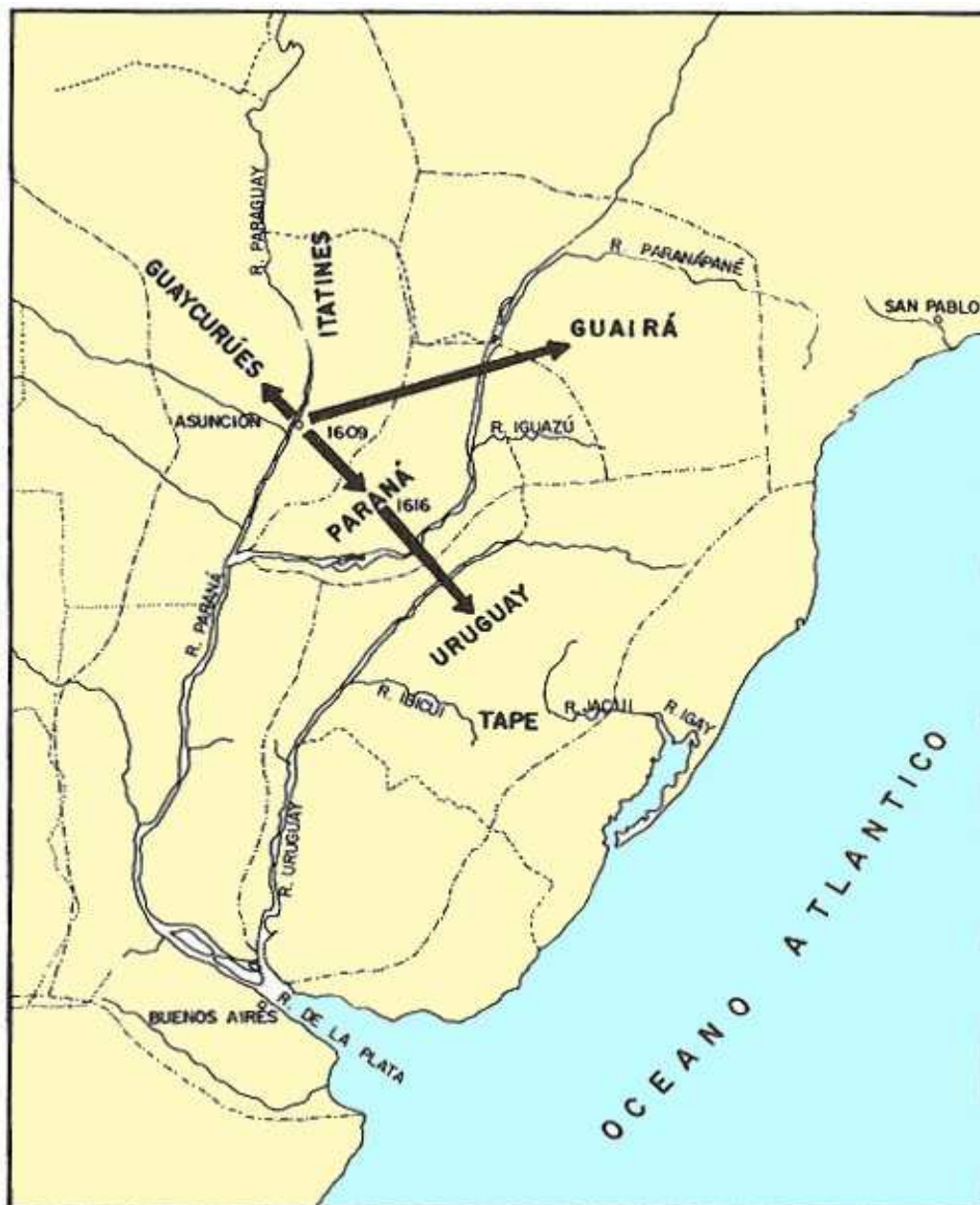


Figura 1 - Frentes de expansão missionária¹²⁴

Entre 1610 e 1630, viriam a ser fundadas várias missões no vale do Paranapanema¹²⁵. Ao mesmo tempo, outros missioneiros, se dirigiram

del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Peru, Bolívia y Brasil) según los documentos originales del Archivo General de Indias. Tomo I. Madrid: Libreria General de Victoriano Suárez, 1912. p. 110.

¹²⁴ Fonte: CARBONELL DE MASY, Rafael. **Estratégias de desarrollo rural en los pueblos guaranies (1609-1767)**. Barcelona: Antoni Bosch Editor, 1992. p.47.

¹²⁵ As reduções fundadas na região do Guairá, conforme Becker (1992, p. 62-63), são: Loreto e San Ignacio, em 1610; San Francisco Javier, em 1622; San José, em 1625; Encarnación, 1625 ou 1626; San Miguel e San Pablo, em 1626; San Antonio, Concepción

para a região do alto Paraguai, denominada de Itatim, onde estabeleceram contato com as populações indígenas e fundaram *pueblos*. Também foram realizadas missões entre os índios nas regiões do rio Uruguai e do Tape, o que significou que entre 1610 até 1640 cerca de quarenta reduções foram fundadas reunindo guaranis¹²⁶.

Os missionários observavam a orientação de atrair de forma amistosa¹²⁷ tanto aos índios, quanto aos caciques, até então encomendados e sujeitos ao serviço pessoal. “Esta ação, até então inusitada por parte de sacerdotes espanhóis, atrairia e chamaria a atenção dos índios, que se sentiam protegidos sob a autoridade dos padres”¹²⁸. Os pioneiros a missionar pela região seguiram pelo rio Paraná até a confluência dos rios Paranapanema e Pirapó, fundando, primeiramente, a redução de Loreto – batizada, originalmente, pelo padre Cataldino, de “*Virgen de Loreto*” – na qual construíram um templo provisório, e mais tarde, fundaram a de San Ignacio, a “un cuarto de legua de la anterior”¹²⁹. Atestando o uso desta estratégia de atração dos indígenas, encontramos referências nos relatos dos missionários à troca de presentes, sendo que os objetos que mais agradavam os índios eram os

e San Pedro, em 1627; Siete Arcánjeles del Tayoabá, em 1627 ou 1628; e finalmente, Santo Tomás e Jesus Maria, em 1628

¹²⁶ MAEDER, Ernesto J. A. De las misiones del Paraguay a los Estados Nacionales: configuración y disolución de una región histórica. In. **Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea**. São Paulo: EDUC, 1999. p. 115.

¹²⁷ “*Como lo recordaba la citada cédula de 1607, estos índios debían ser congregados con la sola predicación del Evangelio, es decir, sin la mediación de las armas y como contrapartida de ello se les exoneraba de la encomienda y, por tanto, de los servicios anejos al menos por diez años*”. MORALES, 2005, p. 50. Porém, a abrangência do trabalho nos anos iniciais não foi efetivamente muito grande como nos descreve o historiador da Companhia padre Lozano, em 1754, “*Pero como la Província era tan dilatada, y los Obreros pocos, quedo la mayor parte fin participar de este beneficio, unos por no dexarfe tratar, trayendo continua guerra en defenfa de fu libertad, otros por estar muy retirados, y efcondidos*”. LOZANO, Pedro. **Historia de la Compañia de Jesus em la Província del Paraguay**. Tomo Segundo. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernandes y del Supremo Confejo de la Inquificion, 1754.

¹²⁸ GADELHA, 1980, p. 211.

¹²⁹ DEL TECHO, 1897, p. 143.

instrumentos de ferro, assim como as contas de vidro, pentes e açúcar¹³⁰. Na carta ânua de 6 de junho de 1610, o padre Diego de Torres refere que

*(...) por aca pero todo esto esta pidiendo chaquiras peynes tixeras, agujas, alfileres, cuchillos, trompas, rosários y imagines, y todo los demas rescates que a V.R. lê parecieren tambien hemos menester erramientas, y adrezos del altar.*¹³¹

Mas a instalação de reduções de indígenas na região do Guairá¹³² também pode ser percebida como parte da estratégia de defesa de território pelos espanhóis. De direito, a posse desta região era assegurada aos espanhóis pelo Tratado de Tordesilhas¹³³, mas – mesmo que de modo velado – os lusos contestavam esses limites¹³⁴. É preciso considerar que, a instalação das primeiras missões jesuíticas se deu no período da União Ibérica e que:

Muitas dificuldades apresentaram-se diante da concretização da missão jesuítica no Paraguai, uma região de fronteira entre as Coroas de Castela e Portugal. Com a anexação do Reino de Portugal

¹³⁰ GADELHA, 1980, p. 213.

¹³¹ **DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA**. Tomo XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañia de Jesús (1609-1614). Buenos Aires: Talleres/Casa Jacobo Peuser, 1927, p. 47.

¹³² O Pe. Montoya, na "Conquista Espiritual", localiza o território de Guairá: "Distava Guaira da cidade de Assunção 160 léguas, indo-se ao oriente. Mais adiante, e no mesmo rumo, encontrava-se Vila Rica, distando 60 léguas de Guairá". MONTOYA, Antonio R. de. op. cit., 1985, p. 37.

¹³³ De acordo com Kehl (2005, p. 37), em 7 de julho de 1494 foi assinado o Tratado de Tordesilhas, "denominado "Capitulação da Partição do Mar Oceano", que apenas em 1506 seria ratificado pela bula *Ea Quae Pro Bono Pacis*, do papa Júlio II. Mas este tratado deixava vagas algumas questões, que no entanto seriam cruciais para os interesses das duas Coroas: em primeiro lugar, não estipulava a partir de qual das ilhas do arquipélago de Cabo Verde (que ocupa uma longitude de 3º30", aproximadamente) seriam contadas as 370 léguas a oeste que demarcariam as terras de Portugal e Espanha; em segundo lugar, não determinava quantas léguas tinha um grau. Apesar das imprecisões, o Tratado de Tordesilhas nunca foi corrigido, pois era isso que permitia acomodar interesses de um lado ou de outro à conveniência da ocupação desta ou daquela parte da ilha".

¹³⁴ Segundo Prien (1985, p. 259), "como hasta el siglo XVIII no se estuvo en condiciones de medir impecablemente las longitudes geográficas, resultaba confuso por donde corria la línea demarcatória convenida en el Tratado de Tordesilhas, a lo largo del subcontinente, de manera que ni castellanos ni lusos se preocuparon de ello, impulsando sus respectivas colonizaciones según puntos de vista geopolíticos y económicos, hacia el oeste o al este".

a Coroa de Castela, no ano de 1580, os impedimentos geográficos e políticos aparentemente amenizaram-se. Portugal mantinha a sua autonomia administrativa e encontrava maior agilidade de penetração nos territórios da Coroa de Castela; em contrapartida, os espanhóis fizeram-se presentes nas diversas regiões do Brasil, contribuindo na aceleração do desenvolvimento econômico e na defesa das suas fronteiras.¹³⁵

A Ordem, desde a entrada na região, parecia ter definido claramente quais seriam seus objetivos: os de conquistar o território e catequizar os índios, o que previa o conhecimento e o domínio das línguas indígenas¹³⁶. Porém, este não se constituiria no maior entrave ao trabalho jesuítico, mas o regime de *encomiendas*, que, além de desagregar o núcleo familiar, se caracterizava pelos maus tratos aplicados aos indígenas e pelos elevados índices de mortalidade que o trabalho excessivo e os castigos provocavam¹³⁷. De início, os *encomenderos* se mostraram favoráveis à missão por redução, pois acreditavam que apaziguaria os índios para, posteriormente, serem utilizados como mão de obra¹³⁸. No entanto, de acordo com a carta de Muzio Vitelleschi ao Provincial Diego de Boroa, de 1637, a Companhia se propunha a algo bastante distinto: “*acerca de segundo punto de si hay obligación de defender los indios para que se pongan en cabeza del Rey, y no de los españoles o encomenderos*”.¹³⁹

De maneira geral, as questões do serviço pessoal e do tributo aparecem como problemas desde a criação da Província. No início, quando

¹³⁵ AGUILAR, 2002, p. 10.

¹³⁶ Sobre o conhecimento e sistematização da língua guarani, podemos citar as obras publicadas pelo padre Antonio Ruiz de Montoya “*Tesoro* de 1639, e a *Arte e Vocabulário* de 1640, trabalhos de dicionarização e de gramática guarani (...). Em 1639, ele publicou ainda o *Catecismo de la Lengua Guarani*, em um texto redigido em guarani e castelhano”. MARTINS, Maria Cristina Bohn. *Jesuítas na América do Sul: práticas missionárias, escrita política*. In. MOREIRA, Luiz Felipe Viel; MAEDER, Ernesto J. A. **Instituições, fronteiras e política na história sul-americana**. Curitiba: Juruá, 2007. p. 53.

¹³⁷ GADELHA, 1980, p. 193-194.

¹³⁸ GADELHA, 1980, p. 196-197.

¹³⁹ Carta de Muzio Vitelleschi ao Provincial Diego de Boroa, em 1637. In. MORALES, Martín Maria. Op. Cit., p. 55.

as atividades da Companhia se limitavam a missões volantes e batismos em massa, aparecia com menos força. Entretanto, no momento em que os índios começam a ser reduzidos em núcleos sedentários e encaminhados a uma forma mais estável de cristianização, esta questão aparece com mais força¹⁴⁰. Todavia, graças à habilidade do Provincial Diego de Torres e à influência exercida pela Companhia junto ao rei, as missões se tornam dependentes diretamente da Coroa, com a condição de efetuarem o pagamento de tributos, após dez anos de sua implantação.¹⁴¹

Solucionada, por ora, a questão da tributação surgem novos desafios, um deles é apontado por Barcelos (2000, p. 95), “reconhecia-se a necessidade de um conhecimento prévio das condições geográficas locais, mas se deixava em aberto o regime de fundações de novos núcleos”. Portanto, a estrutura urbana que se instalaria seria moldada de acordo com a experiência, com adaptações e incorporações, que acabariam por produzir um modelo espacial novo e único.

Este modelo espacial era novo não apenas para os jesuítas, mas também para os guaranis, que participarão ativamente na implantação dos povoados. Vale ressaltar que cada uma das linhagens ou parcialidades (*teýi*) guaranis ocupavam uma casa comunal (*teýi-óga*), que abrigava dezenas de famílias. O grupo familiar guarani era composto por relações de parentesco que regiam as atividades do grupo e as relações de poder¹⁴². Como podemos perceber, a sociedade indígena guarani se organizava de forma muito distinta daquele que caracterizava os *pueblos* de espanhóis e as reduções jesuíticas. Para Melià (1993, p. 105) a forma de organização do espaço guarani refletia a estrutura de sua própria cultura, portanto, “reduzir-se” era aceitar uma nova configuração social e

¹⁴⁰ KERN, 1982, p. 32.

¹⁴¹ GADELHA, 1980, p. 196-197.

¹⁴² SOUZA, 2002, p. 224.

“ciertamente la “reducción” como pueblo, y el espacio que ella producía, se diferenciaban profundamente del tekoha guarani, el lugar donde hasta entonces se había realizado y producido la cultura guarani”.

Cabe lembrar que a ocupação dos territórios dos guaranis que compreendem a região da Província Jesuítica do Paraguai pelos espanhóis remonta o século XVI, ainda sob as bases do Tratado de Tordesilhas firmado entre Portugal e Espanha no século anterior. Quando, em 1516, Juan Díaz de Solís tocou pela primeira vez as costas do Rio da Prata, ele inaugurou a conquista do território e das gentes desta região. Após várias tentativas infrutíferas, devido à resistência dos grupos indígenas locais, os espanhóis conseguem dar início a estabelecimentos urbanos. É somente nos seiscentos que a Coroa Espanhola consolidará a conquista da região andina, iniciando intensivamente a exploração dos minérios e a lenta e gradual exploração da região que circundava a bacia do Rio da Prata.¹⁴³

Segundo Ossanna (2009, p. 3) *“estudios etnohistóricos (Susnik, 1979-80; Clastres, 1993; Metraux, 1973 y 1927; Mandrini, 1983)”* nos mostram que antes da chegada espanhola, a região do Rio da Prata havia sido povoada recentemente por tribos tupi-guarani. Anteriormente à chegada dos espanhóis, este território havia sido ocupado especialmente pelos guaranis. Estes eram agricultores itinerantes e sua subsistência era garantida pela caça, pesca e coleta. Nestas áreas

o ambiente florestal e das margens fluviais lhes davam condições de realizar em abundância a caça e a coleta. A inexistência de animais domesticados em toda a América Atlântica levou os grupos de horticultores a manterem padrões de subsistência baseados na caça em larga escala, como forma de suprir as suas necessidades de proteínas. Importantes também para completar a dieta alimentar foi a coleta de vegetais, principalmente as raízes, os

¹⁴³ Ainda segundo BARCELOS (2000, p. 94), “cidades como Buenos Aires (1536 e 1580), Asunción (1537), Santa Fé (1573) e Corrientes (1588) são exemplos de núcleos urbanos estabelecidos por espanhóis na região platina no século XVI. (...) Asunción destacou-se como núcleo irradiador de fundações de povoados espanhóis como Ciudad Real del Guairá (1557), Villa Rica del Espíritu Santo (1577-1589) e Santiago de Xerez (1593)”.

frutos e as folhas comestíveis, assim como de mel silvestre. O ambiente deveria também ser capaz de suprir outras necessidades dos grupos.¹⁴⁴



Figura 2 – Ocupação Guarani¹⁴⁵

Os guaranis fazem parte da grande família linguística tupi-guarani, formada por diversos grupos diferentes. Na época anterior à chegada europeia, esses grupos se estendiam desde a Amazônia até a Bacia do Prata e, graças as habilidades de canoeiros, desenvolvidas por alguns deles, se integraram ao meio abundante em vias aquáticas circundadas

¹⁴⁴ KERN, 1994, p. 110.

¹⁴⁵ Fonte: ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de fronteira**: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Tese (Doutorado em Estudos Históricos Latino Americanos), São Leopoldo, 2004. p. 72.

por florestas¹⁴⁶. Conforme podemos observar na área cinza da Figura 2, seu habitat preferencial era o das zonas férteis de várzeas do médio curso dos rios que descem do planalto brasileiro em direção ao oeste e ao sul e os terrenos aluviais junto às lagoas próximas do litoral atlântico.¹⁴⁷ Estudos arqueológicos já comprovaram a existência de “uma forte relação com um tipo específico de sistema ecológico: as áreas de vales de rios, cobertas por Floresta Estacional Decidual e Semidecidual”¹⁴⁸.



Figura 3 – Região do Chaco¹⁴⁹

¹⁴⁶ CARAVAGLIA e MARCHENA, 2005, p. 87.

¹⁴⁷ SCHMITZ, Pedro I. Índios guaranis, kaingang e xokleng: territórios indígenas e fronteiras. In. MOREIRA, Luiz Felipe Viel; MAEDER, Ernesto J. A. **Instituições, fronteiras e política na história sul-americana**. Curitiba: Juruá, 2007, p. 131.

¹⁴⁸ ROOGE, 2004, p. 71.

¹⁴⁹ Fonte: MILLER, 1999 apud CYPRIANO, 2000. p. 23.

Já na região do Chaco – uma extensa planície inundável que compreende atualmente partes do território da Argentina, Bolívia e Paraguai – encontravam-se diversos grupos. Nesta vasta região, havia quatro principais famílias linguísticas: os guaycurú, os mataco, os vilela e os chiriguanos¹⁵⁰. Estes grupos, na maior parte, oscilavam entre o nomadismo, que acompanhava as alternâncias do clima, e o semi-nomadismo – característico dos grupos agrícolas –, pois sua alimentação era praticamente toda fundamentada na caça, pesca e coleta. Uma característica que fazia parte do universo cultural da maioria dessas etnias era a guerra, o que se refletiu, posteriormente, nas tentativas de ocupação espanhola e dificultou bastante a instalação das reduções jesuíticas neste território¹⁵¹.

1.2. A Província Jesuítica do Paraguai na segunda metade do século XVII

A segunda metade do século XVII é um momento de estabilidade dos povoados jesuíticos, *“ya que ahora disfruta la Província de más tranquilidad, nos viene la gana de destinar a algunos misioneros a esta gente tan bárbara de la viña del señor”*¹⁵².

Até mesmo a população aumenta, já que, segundo Blumers (1992, p. 29),

¹⁵⁰ “1) *guaycuru* (diversos grupos étnicos: *tobas, mocovís, abipones, pilagás, mbayás, caduveos* y *payaguás*); *mataco* (con vários grupos: *mataco, mataguayo, matará, chulupí, tonocoté* y otros); 3) *vilela* (con los *vilela, lule* y *chunupí*), y 4) nos encontramos también en la región chaqueña con indígenas pertenecientes a la gran familia guarani, como los *chiriguanos*”. (CARAVAGLIA e MARCHENA, 2005, p. 88). Por ora, nos deteremos a estes grupos que pensamos serem importantes neste primeiro momento. No decorrer do trabalho, quando surgirem outras parcialidades faremos menção e identificaremos.

¹⁵¹ CARAVAGLIA e MARCHENA, 2005, p. 89.

¹⁵² **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY**. Años 1650 a 1652. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 94.

Esto alento la confianza própria, la solidaridad y la aceptación del oportuno asesoramiento en las reducciones, factores claves en el desarrollo económico que acompañó a un crecimiento demográfico desconocido en otras regiones de la gran cuenca del Plata: de 28.714 almas, repartidas en 20 reducciones en 1647, se pasa a 58.118 ubucadas en 22 pueblos en 1677.

Ainda sobre este período, Carbonell de Masy (1992, p. 91) nos diz que “*las reducciones entran en una fase de desarrollo que explica el crecimiento demográfico desde 1647 con 28.714 habitantes hasta 1700, con 86.173*”.

Depois da expansão inicial em direção ao Guairá, Tape e Itatim¹⁵³, a localização das reduções fica praticamente circunscrita à mesopotâmia dos rios Paraná e Uruguai. Na Carta Ânua de 1650/52, o relator faz referência a dezoito povoados indígenas e a oito colégios¹⁵⁴. Conforme podemos observar na Figura 4, em 1650, após quarenta anos de fundações sucessivas de reduções indígenas, não resta nenhuma redução das frentes missionárias iniciais. Portanto, em meados do século XVII, nos parece que a situação é de retração, os povoados estão estrategicamente “protegidos” pelas barreiras naturais, sobretudo pelos rios, e pela autorização de armamento dos índios reduzidos, após inúmeros apelos da Ordem às autoridades da Coroa Espanhola.

¹⁵³ A expansão do Guairá vai de 1610, com a fundação de San Ignacio e Loreto, até 1628, com as fundações de Santo Tomás e Jesús María; o Tape teve sua primeira missão em 1626, com a fundação de Nuestra Señora de La Candelaria e o último povoado a ser fundado foi San Cristóbal, em 1634, logo após, em 1635, se intensificam as incursões bandeirantes por este território; e o Itatim, que inicia as fundações de povoados em 1632, com San José de Ycaroy, até a fundação da última, em 1635, Nuestra Señora de Fe del Tare. (BECKER, 1992, p. 63-109-167)

¹⁵⁴ As reduções que estão em funcionamento na época em que foi escrita esta carta são: San Ignacio Guaçu; San Ignacio Mini; Itapua; Nossa Sra. de Loreto; Santos Apóstoles; San Nicolás; Santa Maria La Maior; Cadelária; Santo Tomé Apostol; Iapeyú e M'Bororé; San José; Santa Ana; São Miguel; Santos Mártires Del Japón; Corpus Christi; Concepción; San Carlos; e San Javier. Os colégios citados são: Colégio de Córdoba; Colégio de Buenos Aires; Colégio de Santa Fé; Colégio de La Rioja; Colégio de Salta; Colégio de Tucumán; Colégio de Santiago Del Estero; e o Colégio Del Paraguay (Assunção).

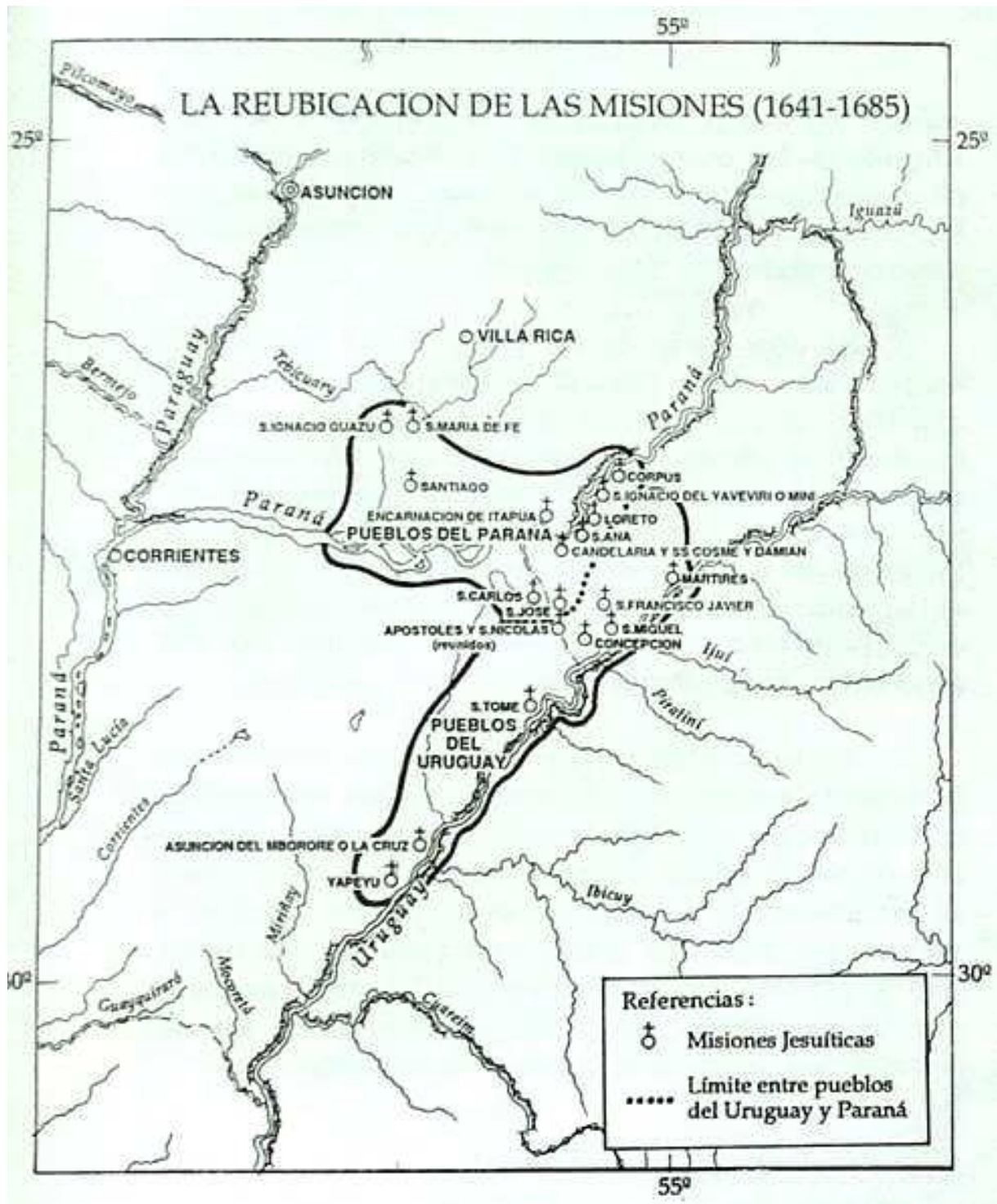


Figura 4 – Localização dos povoados jesuíticos entre 1641 a 1685.¹⁵⁵

Esta situação é, sem dúvida, decorrente dos ataques paulistas às reduções jesuítico-guaranis. Entre 1638 e 1640, para proteger-se melhor do potencial bélico dos bandeirantes e seus aliados tupis, os tapes e os

¹⁵⁵ Fonte: MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. Op. Cit., p. 65.

guaranis cristãos abandonam suas terras, localizadas próximo da costa atlântica, se estabelecendo a oeste do rio Uruguai¹⁵⁶.

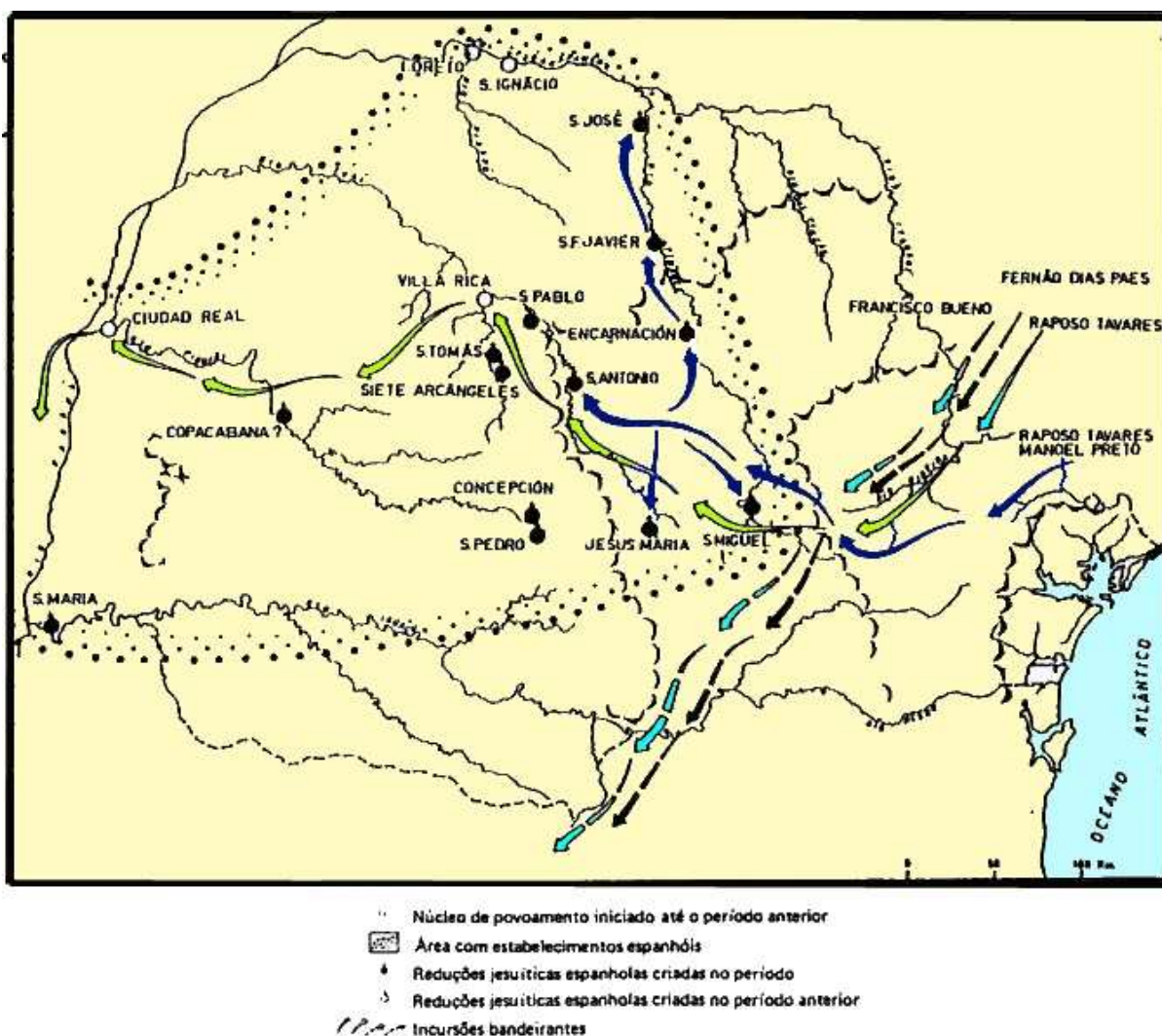


Figura 5 – Ataques bandeirantes ao Guairá¹⁵⁷

A caça aos índios já convertidos começa entre 1628 e 1629, quando as reduções perdem entre oito e dez mil pessoas, número que aumentaria, consideravelmente, entre anos de 1630 e 1631, período em que foram capturados ou mortos mais de 30 mil índios¹⁵⁸.

¹⁵⁶ BLUMERS, 1992, p. 29.

¹⁵⁷ CARDOSO; WESTPHALEN, 1986 apud AGUILAR, 2002, p. 483.

¹⁵⁸ CARBONELL DE MASY, 1992, p. 82.

As incursões paulistas pelos territórios missionados por jesuítas eram rentáveis e aumentaram com o passar do tempo, até culminarem na retirada dos povoados da região do Guairá e na crescente organização de resistência. O interesse por este determinado grupo de índios se justificava por já estarem “*habituados al trabajo y civilizados por los jesuítas, um precio mucho mayor que por los salvajes de las selvas*”¹⁵⁹.

Quando as treze reduções reuniam cerca de cem mil índios, os bandeirantes atacam e os fazem de escravos, repedindo-se com novas expedições para novos povoados missioneiros. Não havendo outra alternativa, “los jesuítas deciden armar y entrenar a los indígenas bajo la dirección de los que, entre ellos, habían combatido en Europa”¹⁶⁰.

Como podemos observar na Figura 6, diante dos ataques bandeirantes e dos seus efeitos prejudiciais sobre o trabalho missionário desenvolvido junto aos indígenas das reduções implantadas no Guairá, o padre Montoya organizou o êxodo de dez mil pessoas de Loreto e San Ignacio, além de mais duas mil remanescentes de outras reduções¹⁶¹. Montoya, na Conquista Espiritual, nos diz:

*Instalaba el temor de que los de San Pablo que quedaban en los despoblados pueblos no se arrojasen por el rio abajo en nuestro seguimiento, los cuales juntos con esotros los viéramos como dos manadas de hambrientos lobos en el rebaño de ovejas mansas.*¹⁶²

Isto foi possível graças à fabricação “*en muy breve tiempo 700 balsas sin muchas canoas sueltas, en que se embarcaron más de 12.000 almas, que solas escaparon en este diluvio tan tempestuoso*”¹⁶³. Depois

¹⁵⁹ KONETZKE, Richard. **América latina**: la epoca colonial. Madrid: Siglo XXI Ediciones, 1993. p. 251.

¹⁶⁰ BENASSAR 1987, p. 183.

¹⁶¹ CARBONELL DE MASY, 1992, p. 82.

¹⁶² MONTOYA, Antonio R. de. op. cit., 1892. p. 157-158.

¹⁶³ MONTOYA, Antonio R. de. op. cit., 1892. p. 154.

disso, “el Guairá estaba definitivamente despoblado (...) [e, assim] caía fuera de los intereses coloniales”¹⁶⁴.

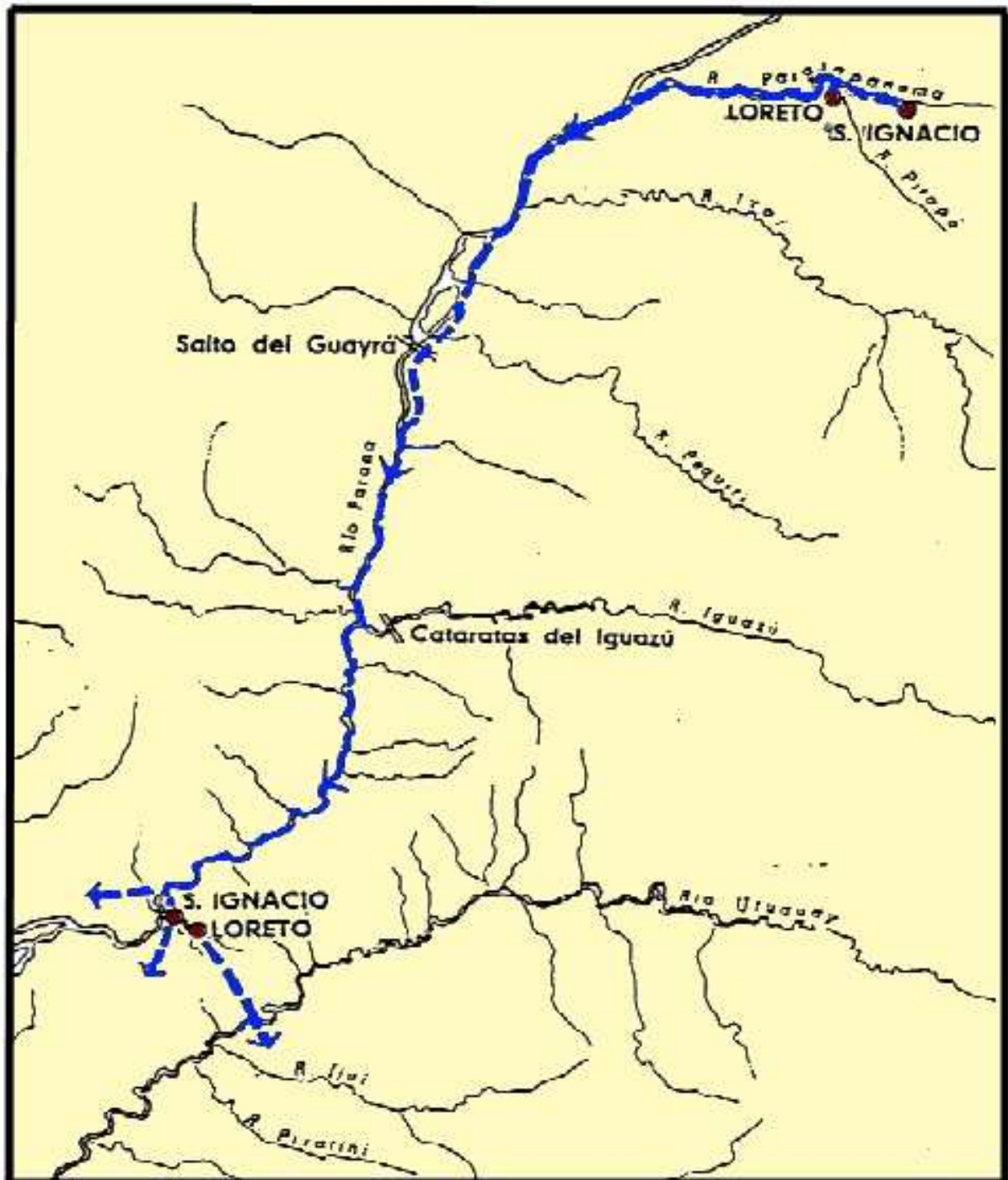


Figura 6 – Êxodo das reduções do Guairá¹⁶⁵.

¹⁶⁴ MELIÀ, 1988, p. 89.

¹⁶⁵ Fonte: MONTOYA, 1985 apud BOGONI, 2008, p. 183.

Instalados em regiões mais protegidas, os guaranis puderam organizar a reação aos ataques de paulistas, e que resultou na vitória de Mbororé, em março de 1641¹⁶⁶. Segundo Neumann (2000, p.74),

Para fazer frente a ação desses escravocratas, os jesuítas obtiveram a concessão de armas de fogo para equipar os índios, situação ímpar na América Hispânica. A possibilidade de uma milícia permanente nas missões, consolidou a aliança militar jesuítico guarani e determinou uma nova condição para as reduções, determinando transformações sobre as estruturas internas da sociedade missioneira. O êxito obtido por parte da milícia guarani na *Batalha de M`borore* em 1641, debelou definitivamente a ação dos bandeirantes em direção às reduções.

Vale lembrar que as missões de índios guaranis foram as únicas que organizaram um contingente militar – dotado de armas de fogo – encarregado tanto de sua defesa, quanto do território sob domínio espanhol¹⁶⁷, mesmo com as constantes reclamações dos colonos.¹⁶⁸. Apesar da vitória parcial sobre as bandeiras paulistas, a captura de escravos indígenas por espanhóis e portugueses não foi suprimida¹⁶⁹.

Passados os ataques e a destruição dos aldeamentos jesuíticos nas frentes do Guairá, Tape e Itatim e a transmigração de um contingente bastante expressivo de indígenas para um território mais afastado do perigo iminente, são estabelecidos novos povoados às margens do rio Paraná.¹⁷⁰ Parcialmente resolvido o problema das invasões paulistas, outras questões ressurgiram. Em meados do século XVII, a discussão sobre os pagamentos de tributos à Coroa ainda era delicada. Em abril de 1658, o Visitador do Paraguai, Blázquez de Valverde determina a

¹⁶⁶ BLUMERS, 1992, p. 29.

¹⁶⁷ KERN, 1982, p. 167.

¹⁶⁸ FRANZEN; FLECK; MARTINS, 2008, p. 21.

¹⁶⁹ PRIEN, 1985, p. 274.

¹⁷⁰ A busca de escravos indígenas, como destaca Meliá (1988, p. 82) “*es um hecho innegable, sin embargo, que, entre 1629 y 1632, los paulistas se apoderaron de decenas de miles de indios*”, atacando e destruindo as primeiras frentes de evangelização jesuítica.

contagem dos tributários de impostos¹⁷¹, ação que vinha sendo postergada desde 1649, devido aos desentendimentos com o bispo Cárdenas¹⁷². Esta decisão preocupou os padres que chamavam a atenção para a escassez da circulação de moedas e a dificuldade de obtenção dos recursos necessários, mesmo comercializando a erva-mate.¹⁷³

Os trabalhos de evangelização, em tão extensa região, exigiam uma quantidade significativa de missionários. As cartas deste período citam constantemente, tanto a carência de missionários, quanto a necessidade de serem enviados novos desde a Europa, uma vez que “*era tan escasa la población europea*”¹⁷⁴. A carta de 1650/1652, assinada por Francisco Vasquez de la Mota¹⁷⁵, dedica 13 páginas das suas 96 a este assunto.

¹⁷¹ Na “*Petición presentada ante el Gobernador Visitador D. Juan Blázquez de Valverde pó el Mestre de campo Pedro de Belaustegui*”, datada de 23 de março de 1658, encontramos: “*Sigue la decisión del Gobernador D. Juan Blázquez de Valverde, en que dice: (...) que está presentada en el cuaderno de los autos del informe [en la Real Audiencia de la Plata] que se hace á S.M. del título que deben pagar*”. PASTELS, Tomo II, 1915, p. 532.

¹⁷² D. Bernardino de Cárdenas era bispo do Paraguai desde 18 de agosto de 1640, “nascido em Chuquisaca, entrara muito moço na ordem de S. Francisco, na qual em breve tempo adquirio grande reputação por sua eloquecia e pela irreprehensível austeridade de seus costumes”. DEMERSAY, L. Alfredo. **Historia Geral do Paraguay: desde a sua descoberta até nossos dias**. Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1865. p. 62. Para um apanhado geral do conflito entre jesuítas e o bispo Cárdenas, ver mais em: AVELLANEDA, Mercedes. Estratégias del conflicto Cárdenas-Jesuítas por el control de las reducciones en Paraguay. In. NEGRO, Sandra; MARZAL, Manuel M. (ors). **Un reino en la frontera: las misiones jesuítas en la América colonial**. Lima: Ediciones Abya-Yala, 1999. p. 115 – 146. Na Carta Anua de 1650/1652, assinada pelo futuro Provincial da Província Francisco Vázquez de la Mota, há várias páginas dedicadas a este conflito, em um trecho podemos perceber as denúncias que o bispo levantava contra a Companhia: “*Dijo mentirosamente que había encontrado las pruebas en nuestro Archivo de casa despues de nuestra expulsión, siendo el título de uno de estos fascículos: Infidelidad contra la Real Auduencia, y de outro: Infidelidad contra el Virrey*”. **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY**. Años 1650 a 1652. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 82.

¹⁷³ FRANZEN; FLECK; MARTINS, 2008, p. 21.

¹⁷⁴ ASTRAIN, 1996, p. 190.

¹⁷⁵ De acordo com a sua “*Necrología*”, elaborada na carta de 1663-1666, “*Era natural del Belmente, ciudad de la província de Toledo, y su familia era descendiente en liena recta de los condes orgacences, y tuvo por tio al celeberrimo Padre Gabriel Vasquez. (...) Murió a los 90 años de su edad (...) pasado después de su profesión de cuatro votos 53 años*”. **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY**. Año 1663 a 1666. Traducción

Também na carta de 1668, assinada por Andrés de Rada, encontramos outra dessas descrições: “*el numero de sujetos se há reducido tanto, porque el Padre procurador que tenia que traer nuevos desde Espana, ya tantos años no pudo partir del puerto*”¹⁷⁶. Além de os centros formadores da Companhia, como o instalado em Córdoba, não conseguirem suprir a crescente demanda por novos sacerdotes e irmãos, existiam, segundo Astrain (1996, p. 190) outras limitações que acabavam por tornar recorrentes os pedidos por mais missionários:

la limitación que se había puesto en admitir novicios a consecuencia de la Octava congregación general. Así como a las provincias de Méjico y Peru se les señaló el número de cinco novicios por año, a esta del Paraguay se le asignaran solamente três.

Por fim, é preciso lembrar que em meados do XVII mantinha-se a intervenção do Estado espanhol no trabalho missional, em função do Padroado Régio¹⁷⁷. Sabe-se que desde 1646, havia a ideia, por parte da Coroa, de encarregar o clero secular da tarefa evangelizadora na América, o que ocorrerá apenas após a expulsão da Companhia, já na segunda metade do século XVIII.

Pode-se dizer que a segunda metade do século XVII, período sobre o qual estamos nos ocupando, se caracteriza, tanto por uma reorientação

de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 16.

¹⁷⁶ **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668.** Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 2.

¹⁷⁷ O Padroado foi uma delegação que o papa conferiu aos reis de Portugal e Espanha para que “em seus domínios respectivos, a responsabilidade da organização da Igreja: delimitação das dioceses, designação dos bispos etc. De alguma maneira, os soberanos se tornam chefes das Igrejas novas. O papa se contenta em ratificar as nomeações sem intervir diretamente”. COMBY, Jean. **Para ler a história da igreja II: do século XV ao século XX.** São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 56. Os missionários que atuavam no Novo Mundo estavam, conseqüentemente, subordinados, tanto ao Papa, quanto ao Rei.

do projeto reducional, que implicou sua expansão para outras regiões, com vimos no na Figura 1, quanto pela sua consolidação em novos locais como mostra a Figura 4. Em suma, a Companhia de Jesus, em meados do século XVII, já havia encontrado uma definição de sua prática missional – que com o tempo se aprimorou –; as ameaças bandeirantes haviam se reduzido; o conflito desgastante com o bispo, Cárdenas, exaustivamente citado nas cartas da década de 40, já havia sido resolvido; e, entre outros desafios, a Ordem parecia ter acumulado experiência no enfrentamento da geografia da região na resistência de alguns grupos indígenas.

No próximo capítulo, trataremos exatamente deste aspecto, procurando nos deter na análise dos desafios que as reduções enfrentavam tanto para comunicar-se entre si, quanto para escoar os produtos aos povoados e, também, das missões volantes ou de entrada dos missionários para a atração dos indígenas. Num trecho de uma Carta Anua da década de sessenta do século XVII se lê: *“tuvieronse que marchar los pobres 30 leguas más adelante, al lugar asignado a ellos por el gobernador”*¹⁷⁸, o que parece apontar para a revisão constante da demarcação de um território católico e sob jurisdição espanhola. Buscaremos, inicialmente, evidenciar como esta região era percebida – e representada – pelos missionários encarregados de percorrê-la para catequizar e atrair os indígenas para as reduções, assim como quais eram as noções de cartografia que os padres dispunham para representar tal região.

¹⁷⁸ **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY.** Año 1663 a 1666. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo:IAP/UNISINOS. p. 10.

Capítulo II

A Província Jesuítica do Paraguai: a natureza e a cartografia

"Gran parte de este País, por estar situado dentro del tropico de Capricornio, es mal sano, y enfermizo, especialmente para los forasteros (...)"

Pe. Pedro Lozano¹⁷⁹

Neste capítulo, denominado "A Província Jesuítica do Paraguai: a natureza e a cartografia", apresentamos as condições climáticas, a diversidade de relevo, a hidrografia, os tipos de vegetação e as atividades econômicas da região onde os missionários jesuítas se instalaram ou por onde circularam. Em outras palavras, apresentaremos a região geograficamente, através de um levantamento cartográfico e bibliográfico já produzido sobre o tema. Nos interessa aqui, encaminhar subsídios para o terceiro capítulo.

De início, trataremos da escrita produzida sobre os aspectos físicos da região platina, após, e da mesma forma, buscaremos discutir sobre a cartografia produzida com base na região, sua produção e as condições de

¹⁷⁹ LOZANO, Pedro. **Historia de la Compañía de Jesus em la Província del Paraguay**. Tomo Segundo. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernandes y del Supremo Confejo de la Inquificion, 1754.

produção, ou seja, as condições técnicas para a produção de mapas neste período.

2.1. A América dos registros do século XVII

O “novo mundo” descoberto por Colombo, no século XV, era um continente completamente desconhecido pelos europeus. Suas paisagens e seus habitantes não encontravam analogias com o que era conhecido. O que dizer para os europeus ávidos de informação? Como descrever um animal originário das novas terras como uma anta, os rios imensos ou as plantas exuberantes?¹⁸⁰ Para Ribeiro (2006, p. 1),

Estes novos animais, assim como toda a natureza das novas terras, precisavam se tornar conhecidos, verificando a sua utilidade e prevenindo-se dos seus perigos. Aqueles que aqui aportavam, se preocupavam em se informar junto aos nativos e a partir da própria experiência, transmitir tais novidades ao Velho Mundo.

Este conhecimento, apesar de obtido através dos cinco sentidos, era transmitido através de palavras, tanto oralmente, quanto por escrito. À medida que o século XVI despontava, os relatos de viagens ganhavam importância e a curiosidade sobre as novas terras aumentava, formando-se, assim, um contingente de pessoas ávido por este tipo de informação.

As narrativas de viagem foram, desde as primeiras notícias recebidas do novo mundo, um dos meios privilegiados para que os europeus se informassem a respeito das novas terras. Sabe-se que desde Colombo, a América foi alvo de representações através da escrita. Ele mesmo, em um de seus primeiros impulsos, após ter chegado ao Novo

¹⁸⁰ Para Thomas (1989, p. 18), “foi entre 1500 e 1800 que ocorreu uma série de transformações na maneira pela qual homens e mulheres, de todos os níveis sociais, percebiam e classificavam o mundo natural ao seu redor. (...) Esses séculos produziram tanto um intenso interesse pelo mundo natural como as dúvidas e ansiedades quanto à relação do homem com aquele que recebemos como herança em forma amplificada”.

Mundo, escreveu cartas, uma delas foi para Luis de Santángel¹⁸¹, na qual dizia: “ciente de que lhe agradecerá saber de grande vitória com a qual aprouve a Nosso Senhor coroar minha viagem, escrevo-lhe esta (...)”¹⁸². Como nos lembra R. Romano (1973, p. 12), quando se refere à natureza, Colombo descreve uma “paisagem idealizada pela imaginação européia”¹⁸³. Em seu “*Diário de bordo*”, exalta uma natureza bucólica, “uma paisagem deleitosa, nascida da experiência fundamentalmente visual do viajante, eclode na América e desfilava, sedutora, diante do leitor europeu”¹⁸⁴.

De maneira geral, os europeus descreveram de muitas e distintas formas a América que encontraram. As novas terras são retratadas de acordo com a visão de cada um. A América do Norte, por exemplo, é relatada pelo florentino Verrazano¹⁸⁵ como um território densamente florestado; o pastor calvinista francês Jean de Léry¹⁸⁶ se detém na

¹⁸¹ Segundo Greenblatt (1996, p. 75), “Santángel, o *escribano de ración*, ajudou Colombo a angariar dinheiro para financiar sua viagem”.

¹⁸² GREENBLATT, 1996, p.75.

¹⁸³ ROMANO, Ruggiero. *Mecanismos da Conquista colonial*. São Paulo, Perspectiva, 1973, p.12-24. In: MARQUES, A. M. **História moderna através de textos**. São Paulo: Contexto, 1994. Segundo Romano “este tratamento desajeitado da natureza contrasta, flagrantemente, com muitas descrições precisas e sagazes dos habitantes nativos. É como se a paisagem americana não fosse mais que um pano de fundo sobre o qual estão convenientemente agrupadas as gentes permanentemente fascinantes do Novo Mundo.”

¹⁸⁴ GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o novo mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 150.

¹⁸⁵ Gruzinski e Bernard (2006, p. 639), “Em 1524, resolvido a quebrar a intolerável monopólio hispano-português, Francisco I enviou o florentino Verazzano para explorar as margens atlânticas da América do Norte. Elas foram batizadas com o nome de Nova França”.

¹⁸⁶ Conforme Santos (2008, p. 40), Jean de Léry, nasceu em “La Margelle no ano de 1534, pertencia a uma família de burgueses. Em 1552, com apenas dezoito anos, Léry já se encontrava em Genebra seguindo os cursos de teologia e as prédicas orientadas por Calvino. (...) Após quase um ano de vivência em terras brasileiras, Jean de Léry inicia sua viagem de regresso rumo à Europa em 4 de janeiro de 1558, alcançando a Bretanha em 26 de maio de mesmo ano”.

descrição da fauna e da flora exóticas do Brasil; Hans Staden¹⁸⁷, em sua “Viagem ao Brasil” - publicada pela primeira vez em 1557 – anuncia no início de seu relato que apresentava a “Descrição verdadeira de um paiz de selvagens nus, ferozes e cannibaes, situado no Novo Mundo America, desconhecido na Terra de Hessen”¹⁸⁸.

É sabido que a passagem da Idade Média para a Moderna foi um momento de muitas mudanças, algumas decorrentes de eventos relacionados diretamente com os descobrimentos. O feudalismo dava lugar ao mercantilismo, ampliando a abrangência do comércio e proporcionando o gradativo domínio dos mares. A Renascença, através da retomada dos clássicos greco-romanos, permitiu aos europeus ocuparem uma posição central e de vanguarda em relação aos outros povos.

Para compreender o desconhecido, os europeus usavam estruturas intelectuais moldadas durante os séculos anteriores, surgidas dos contatos indiretos com outras culturas, em sua maioria, ao longo das fronteiras estabelecidas e conhecidas, não exigindo grandes esforços de negociação como aqueles que precisaram empreender na América¹⁸⁹. Também cabe lembrar que, especialmente para os europeus ibéricos dos séculos XVI e XVII, o universo medieval ainda estava muito presente, o que pode ser constatado em manifestações como as peregrinações, devoção aos santos e superstições¹⁹⁰.

¹⁸⁷ Segundo Mota (2008, p. 37), “Hans Staden foi autor de um dos primeiros relatos a circular na Europa revelando a vida cotidiana nas tabas dos tupinambás”. Embarcou para a América em 1548, em direção ao Rio da Prata, mas ele e toda a tripulação naufragam na região do atual litoral paulista, ali é tomado como prisioneiro pelos Tupinambás e sua saga começa.

¹⁸⁸ STADEN, 1930, p. 13.

¹⁸⁹ GREENBLATT, 1996, p. 79.

¹⁹⁰ TORRES, 1999, p. 178.

O esforço comparativo orientou o teor das primeiras narrativas que chegaram à Europa, dado o total desconhecimento dos europeus em relação à América. As primeiras notícias davam conta de um território composto por uma fauna variada e por uma vegetação exuberante, cenário em que conviviam harmoniosamente nativos “inocentes”¹⁹¹. Para Vainfas (1995, p. 17), “A descoberta das terras e povos americanos colocou os europeus num grave dilema entre reconhecer o *outro* e afirmar o *ego*”. Segundo Massimi (2003, p.70),

Os cronistas e os historiadores encarregados de preservar e transmitir a memória histórica dos contatos e dos choques com os novos mundos, possuíam um código de interpretação das realidades socioculturais alheios, construído a partir dos padrões disponíveis na Europa da época, e inspirado pela exigência pragmática de realizar relações e ações concretas nos novos mundos. (Grifo nosso)

Como bem observado por J. Theodoro (1992, p. 42):

a América surgiu primeiro pelo gosto, pelo prazer de narrar, de expor os fatos com sutis matrizes, capazes de restaurar o imaginário do interlocutor, despertando nele o interesse pela aventura, pelo maravilhoso, pelo conhecimento do desconhecido.

A América dos primeiros relatos necessitou passar por um período de revelação geográfica. Não havia um conhecimento do todo e os primeiros registros eram fruto de explorações fragmentárias. Aos poucos, “as peças de um gigantesco quebra-cabeça continental”, iam se encaixando¹⁹². Também Augras (1991, p. 20), nos chama a atenção para o fato de que

Este mundo, que não constava nos mapas - a não ser como lugar vazio preenchido por vagas alusões míticas toma consistência ao ser inventariado, classificado, “novo mundo” frente ao antigo mundo já conhecido, o seu oposto e talvez seu complemento. Como falar do novo sem aludir ao velho? Como descrever o

¹⁹¹ SANTOS, 2006, p. 52.

¹⁹² GIUCCI, 1992, p.12.

diferente sem remeter ao semelhante? Como articular esse paradoxo? A costura entre conhecido e desconhecido se fará pela mediação do imaginário.

À medida que a conquista e a colonização avançavam, o contraste entre “velho” e “novo” mundo e a ampliação do conhecimento sobre a espacialidade americana, produziu o alargamento da visão dos europeus, isto porque a natureza desse “*Mundus Novus*”, colocou em xeque muitos conceitos estabelecidos¹⁹³. Já no século XVI, durante o reinado de Felipe II o império espanhol na América se estendia desde o norte, começando logo abaixo do trópico de Câncer, aproximadamente entre os graus vinte e dois e vinte e um, e ao sul, indo até o grau trinta e oito. Num período que se estendeu por 50 anos, os espanhóis exerceram domínio sobre uma área de cerca dois milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados e sobre cinquenta e sessenta milhões de pessoas, ou seja, quase um quinto da humanidade naquele momento¹⁹⁴.



Figura 7 – O Império Espanhol nos tempos de Felipe II¹⁹⁵

¹⁹³ SANTOS, 2006, p. 2.

¹⁹⁴ BAUDOT, Georges. **La vida cotidiana em la América española en tiempos de Felipe II**: Siglo XVI. Trad. Stella Mastrangelo. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 81-82.

¹⁹⁵ Fonte: Disponível em: <http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1211927461405_220050798_12677/Imperio%20en%20tiempos%20de%20Felipe%20II.jpg>. Acessado em: 05 abr. 2010.

O Novo Mundo se revelou campo privilegiado para a atuação de dominicanos, franciscanos, mercedários e outras ordens religiosas, que enviaram missionários a fim de evangelizar os nativos. Já o envio dos jesuítas para a América, segundo Assunção (2000, p. 77):

apresentou-se como proposta de viagem ao desconhecido, uma "jornada tão larga e perigosa" (Carta de D. Pedro Mascarenhas a D. João III. Roma, 10 de março de 1540 (in: Leite, 1954: 106 – vol.I)). O fator surpresa era a única certeza da qual não podiam esquivar-se. As novas terras naqueles idos, antes de serem uma realidade concreta, constituíam-se para a maior parte da população européia como um local longínquo e imaginário que só um grupo muito seleto de navegantes teve oportunidade de experimentar. A evangelização das novas terras, neste contexto, apresentava-se como algo totalmente novo e desconhecido, tão desconhecido quanto a natureza das terras americanas. (Grifo nosso)

Entre os vários relatos, destacam-se também as informações produzidas pelos padres jesuítas, que escreviam seguindo prescrições dadas pela Ordem, em especial, para a escrita das Cartas Ânua¹⁹⁶. Suas cartas, em formato de relatório, são fontes de informações não só das atividades da própria Companhia de Jesus, mas de acontecimentos que circundavam sua ação, tais como os conflitos com outras ordens, com representantes políticos da Coroa Espanhola e, também, sobre a geografia e a natureza dos locais por onde se circulavam e missionavam.

Como no início das atividades missionárias, não havia padres nascidos na América, sendo todos provenientes da Europa¹⁹⁷, o olhar

¹⁹⁶ Hansen (2003, p. 45), analisando os escritos de Vieira nos esclarece sobre como se compunha a escrita da maioria das cartas jesuíticas. Elas são estruturadas "segundo as partes e os estilos tradicionais da correspondência, já referidos *salutatio, exordium, captatio benevolentiae, narratio, argumentatio, petitio, conclusio, subscriptio*. No século XVII, como demonstra o *Tratatto delle lettere missive* (1678), de Emanuele Terauro, tendeu-se a reduzir as partes tradicionais da carta a três – *proêmio* (ou exórdio), *discurso* (ou narração) e *fim* (ou saudação), também chamados de "corpo", "cabeça" e "coda". [Hansen define "coda" como um tipo de cumprimento].

¹⁹⁷ A admissão de padres nascidos na América nos quadros a Companhia foi compreendida de formas diferentes pela Província Jesuítica do Brasil e pela Província Jesuítica do Paraguai. A primeira não admitiu nenhum padre nascido no Brasil como sacerdote.

etnocêntrico se impôs nos primeiros relatos jesuíticos sobre as terras e as gentes americanas. Mais adiante, com a admissão de sacerdotes nascidos na América na Província Jesuítica do Paraguai, as descrições não irão se caracterizar exclusivamente pelo deslumbramento, caracterizando-se pelo destaque dado às dificuldades que esta natureza colocava ao trabalho missionário.

No que se refere à escrita jesuítica, há um considerável investimento na narração do destemor e do heroísmo dos missionários em suas andanças por campos, vales, rios e matas, cujas descrições impressionavam pela vastidão e exuberância. Segundo Santos (2006, p. 35) "a natureza revelada pelos jesuítas é a natureza que se revela em muitos momentos através das imagens bíblicas". Para confirmar esta constatação, destacamos uma passagem da Carta Ânua de 1652/54:

En el invierno hay frio y nieve; en verano una tan continuada lluvia, que raras veces se pude contemplar el cielo sereno, sintiéndose sin embargo un sufocante calor. Por consiguiente, toda la atmósfera está llena de mosquito y bichos que pican. Cuando a veces cesa la lluvia, sigue una densísima neblina, causando como unas tinieblas de Egipto.¹⁹⁸ (Grifo nosso)

Outro aspecto a se considerar é que a teologia da época referendava o predomínio do homem sobre a natureza. Em relação a este aspecto, resgatamos o pensamento do jesuíta José de Acosta que, em 1587, faz referência às plantas como criações exclusivamente destinadas ao uso do homem.

As plantas formou o Soberano Criador não apenas para comida, senão também para recreação e para medicina e para operações do homem. Das que servem de sustento que é o principal, se tem

¹⁹⁸ **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY.** Años 1652 a 1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 4. As "*tinieblas de Egipto*" a que se refere o autor da carta são aquelas encontradas no livro de Êxodo, capítulo 10, da Bíblia Sagrada.

dito, e algo também das de recreação; das de medicina e operações se dirá outro pouco.¹⁹⁹

As populações locais, por sua vez, veneravam os entes da natureza como o sol, a chuva ou o trovão, não havendo qualquer correspondência com a crença cristã²⁰⁰. Ao descrever a natureza – a fauna e a flora – e os indígenas, o jesuíta – imbuído da missão de evangelizar – irá, evidentemente, fazê-lo a partir de categorias européias e católicas. Podemos observar esta articulação entre o conhecido e o desconhecido nesta passagem da Conquista Espiritual, de 1639, escrita por Montoya: *“Hay unos animales que llaman anta. Son como borricos, las orejas muy pequeñas, (...) La carne es muy buena semajante a la de la vaca”*²⁰¹. Havia, conseqüentemente, a necessidade de conhecer melhor as regiões percorridas e as populações contatadas, o que se traduziu tanto em relatos e informes – ricos em detalhes –, quanto no aprimoramento da cartografia.

2.2. A América nos mapas do século XVII

As descrições sobre a natureza americana, como sabido, não se limitaram àquelas que encontramos em narrativas deixadas por leigos e religiosos, na medida em que ela foi alvo também de inúmeras representações na cartografia. Sabe-se que no século XVII, Felipe II – grande apreciador de mapas – solicitou a todos os seus oficiais, informações geográficas do Império, incluindo a América. Foram, no entanto, os mapas elaborados por jesuítas os mais importantes neste

¹⁹⁹ ACOSTA, José de. **Historia natural y moral de las Indias**: en que se tratan de las cosas notables del cielo, elementos, metales, plantas y animales dellas y ritos y ceremonias, leyes y gobierno de los indios. México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1985.

²⁰⁰ THOMAS, 1989, p. 25-26.

²⁰¹ MONTOYA, Antonio R. de. op. cit., 1892, p. 22.

período²⁰². Os mapas jesuíticos usavam um sistema de referência baseado na longitude obtida através da medida em graus dos ângulos formados entre a distância dos astros e a linha do horizonte, depois convertida em léguas e jornadas, na maioria dos casos, não precisas. Há que se considerar também que a légua jesuítica era diferente da légua espanhola e que a jornada era a distância percorrida por um dia de caminhada²⁰³. Assim como as cartas, as crônicas e demais relatórios, os mapas empenhavam-se em registrar a presença da Companhia de Jesus no território americano.²⁰⁴

Para Barcelos (2006, p. 277), os mapas jesuíticos refletem, de um lado, a organização interna das áreas missionadas, registrando a localização dos elementos naturais e, sobretudo, “artificiais que reafirmassem esta organização”. De outro lado, a cartografia jesuítica agregava novas informações, resultantes de expedições exploratórias, que serviam, tanto para corrigir equívocos, quanto para planejar novas ações.

Contudo, ainda no final do décimo quinto século e durante o seguinte, a projeção cartográfica da América era limitada. Quanto mais distantes do Velho Mundo, mais distorcidos e fictícios se tornavam os contornos dos mares e das terras. Mapear era uma operação tanto psíquica, quanto espacial²⁰⁵. Varela Marcos (2008, p. 30), nos diz que esta *“Etapa rica en manifestaciones cartográficas manuscritas y de imprenta, pues ambos fenómenos se cruzan, a la vez que se mezclan con lo valioso*

²⁰² GAGLIANO, Joseph A.; RONAN, Charles E. **Jesuit encounters in the New World: jesuit chroniclers, geographers, educators and missionaries in the Americas, 1549-1767.** Roma: Institutum Historicum S. I., 1997. p. 114.

²⁰³ SOUSA, Neimar M. De. Cartografia histórica. Revista Tellus, ano 2, n. 2, abr. Campo Grande – MS 2002, p.173. Disponível em: <http://www.neppi.org/projetos/gera_anexo.php?id=756>. Acesso em: 21 fev. 2010. Segundo Marques (2001, p. 61), a milha espanhola era equivalente a 634.920 centímetros, ou 634 metros.

²⁰⁴ BARCELOS, 2006, p. 276.

²⁰⁵ TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza: mito, história e as terras selvagens.** Trad. José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Campus, 1990. p. 93.

de las obras y la importancia de la imagen". A Figura 8 mostra o detalhe de um mapa atribuído ao jesuíta José Cardiel que, segundo Furlong, foi produzido em 1760²⁰⁶, portanto já na segunda metade do século XVIII, um século adiante de nossa análise e que mesmo assim, o Lago de Xarayes, uma interpretação errônea do que hoje é conhecido como Pantanal, ainda perdurava na representação cartográfica da região platina. Para Costa (2007, p.26),

Xarayes é uma construção geográfica absolutamente espanhola, criada a partir dos conquistadores do rio da Prata e divulgada no início do século XVII pelos cronistas das Índias(...) [sua] imagem figurou nas cartas européias dos séculos XVII e XVIII, exetando as portuguesas.

As primeiras representações da região platina, como nos informa Buisseret (1997, p. 157), são de "*Juan Romero (1560-1630), one of the earliest superiors, made a map around 1600 that has been lost. The Belgian, Luis Ernot (1598-1667), also composed a map of Paraguay region, but this too has been lost*"²⁰⁷. Poucos são os mapas produzidos sobre esta região no século XVII. A maior parte deles data do século XVIII, momento em que a atuação jesuítica estava bem mais organizada e estável. Durante o século anterior, como sabemos, muitos foram os obstáculos para a implantação das missões e, por consequência, a produção de cartografia.

²⁰⁶ FURLONG, 1936a, p. 97.

²⁰⁷ Juan Romero (1560-1630), um dos primeiros Superiores, fez um mapa ao redor de 1600 que foi perdido. O belga, Luis Ernot (1598-1667), também compôs um mapa da região do Paraguai, mas isto também se perdeu. (tradução nossa)



Figura 8 – Representação do Lago de Xarayes²⁰⁸

Muitos foram os religiosos da Companhia que se dedicaram à elaboração de mapas, desde Juan Romero, em 1593, até Sanchez Labrador e José Cardiel, que produziram trabalhos no século XVIII²⁰⁹. A cartografia jesuítica foi, ao mesmo tempo, importante para a organização e controle do espaço, e fundamental, também, para a divulgação dos territórios missionados. À medida que estes mapas eram publicados na Europa, o espaço americano se tornou cada vez mais conhecido, sobretudo, pelos candidatos a missionários. Vale lembrar que esta vasta coletânea de mapas era acompanhada de cartas e livros que narravam os infortúnios e os sucessos obtidos na conversão dos indígenas.²¹⁰

Segundo Barcelos (2006, p. 281-282), embora a produção cartográfica tenha sido rica, há poucos trabalhos específicos que tratem

²⁰⁸ Detalhe do mapa "Parte de la América Meridional en que trabaja el zelo de los religiosos de la Compañía de Jhs de la Prov.^a dicha del Paraguay". Fonte: BARCELOS, 2006, p. 298.

²⁰⁹ BARCELOS, 2000, p. 100.

²¹⁰ BARCELOS, 2006, p. 280.

do assunto. A mais significativa coletânea é a que Guillermo Furlong²¹¹ faz da área da Província Jesuítica do Paraguai, na qual compila cento e onze mapas, fornecendo detalhes específicos sobre cada mapa, como datas aproximadas e publicação, provável(eis) autor(es) e outros dados, além de reproduzir cinquenta e um desses mapas. Outros estudos cartográficos que podemos destacar são os de Ernest Burrus²¹², que contempla a região da Nova Espanha, e os de Miguel Angel Stefañuk²¹³, que trata da cartografia da região de Misiones, e, ainda, Miguel Leon-Portilha²¹⁴, sobre a Califórnia. De acordo com o já citado Furlong (1936, p. 8):

Fuera de Espana se publicaron numerosos mapas durante el siglo XVII, y primera mitad del siglo XVIII, pero todos ellos fueron refundiciones de los mapas de los Padres jesuítas. Cuantos mapas holandeses, franceses, alemanes e italianos hemos visto hasta el presente, todos ellos no constituyen sino simples calcos, y no siempre felices, de las cartas compuestas sobre el terreno por los abnegados misioneros.

O mapa jesuítico mais antigo de que se tem notícia e está a salvo é o mapa "Paraguay ó Província de Rio de la Plata cum regionibus adjacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra" (Mapa 1). Furlong (1936, p. 21), nos diz que

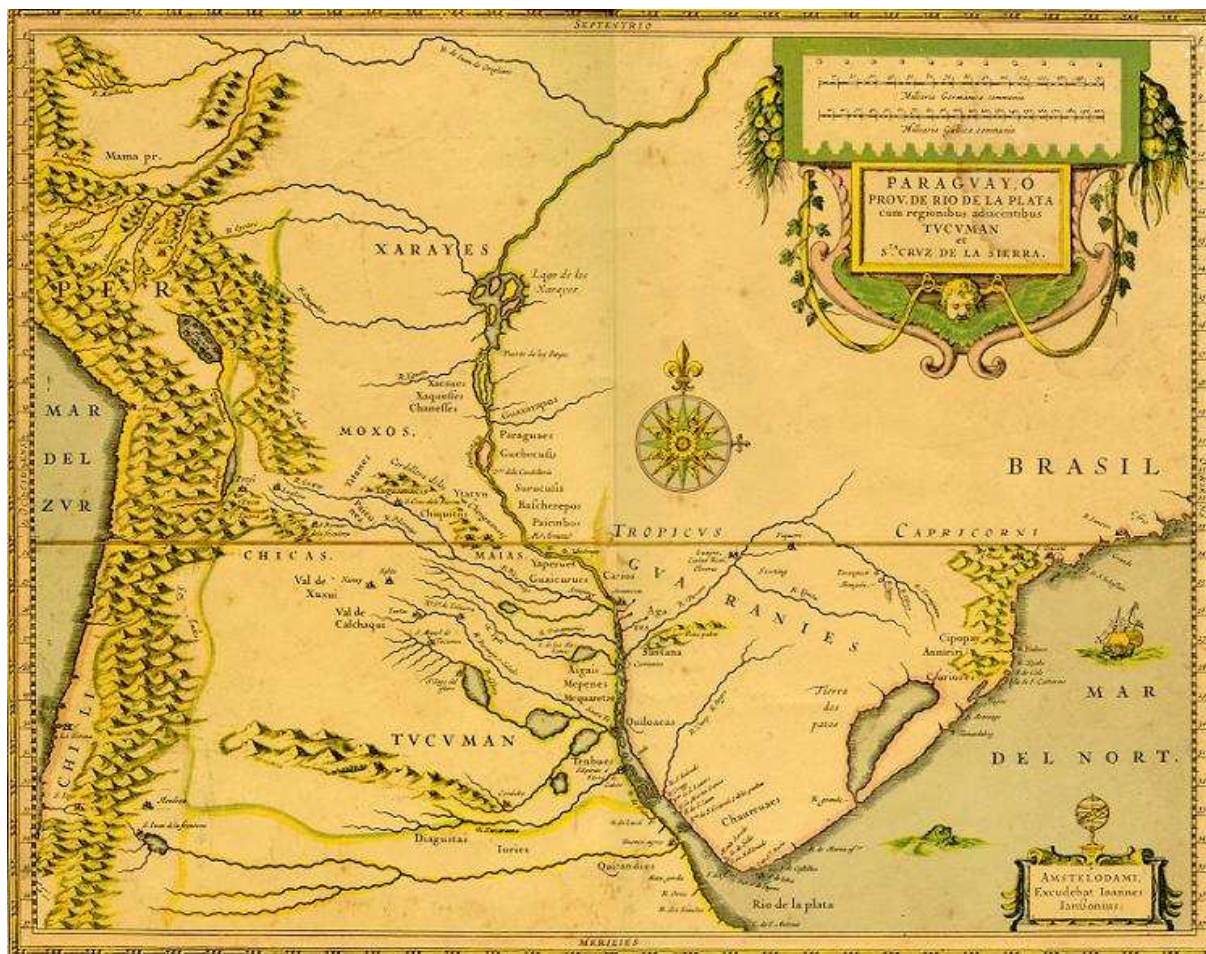
En las Cartas Annuas, se publica una del P. Diego de Torres escrita en mayo 17 de 1609. En ella se hace una acertada relación del Perú, Paraguay, Chile y Tucumán, relación que coincide con este mapa, de surte que parece ser uno mismo el autor de la relación y del mapa.

²¹¹ FURLONG, Guillermo. **Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata**, Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1936.

²¹² BURRUS, Ernest J. **La obra cartográfica de la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesus (1567-1967)**. 2 vol. Madrid: Ediciones José Porrúa Turanzas, 1967.

²¹³ STEFAÑUK, Miguel Angel. **Evolución de la cartografia de Misiones**. Posadas: Ediciones Montoya, 1991.

²¹⁴ LEON-PORTILLA, Miguel. **Cartografia y crônicas de la Antigua Califórnia**. UNAM, México: Editorial Alhambra Mexicana, 1989.



Mapa 1 - "Paraguay ó Província de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra".²¹⁵

Conforme Barcelos (2006, p. 283), o mapa não está datado de forma precisa, e a informação fornecida por Furlong – sobre o ano e autoria – não estaria completamente comprovada, existindo outras indicações de data ou de autoria. O que se sabe, com certeza, é que o mapa é anterior à fundação das reduções do Guairá, Tape e Itatim.

Ao olharmos atentamente para o mapa, veremos que na parte indicativa do território português, foi incluído estrategicamente um *box* com informações sobre a região. Este recurso, no entanto, não impede

²¹⁵ FURLONG, Guilherme. **Cartografia jesuítica del Rio de la Plata**, Buenos Aires: Facultad de Filosofia y Letras, 1936^a. Lâmina I, n. 02 do Catálogo, p. 21 do texto, apud Barcelos, 2006, p. 283. Conforme Barcelos (2006, p. 283).

que se constate o desconhecimento geográfico dos domínios portugueses por parte do autor do mapa.

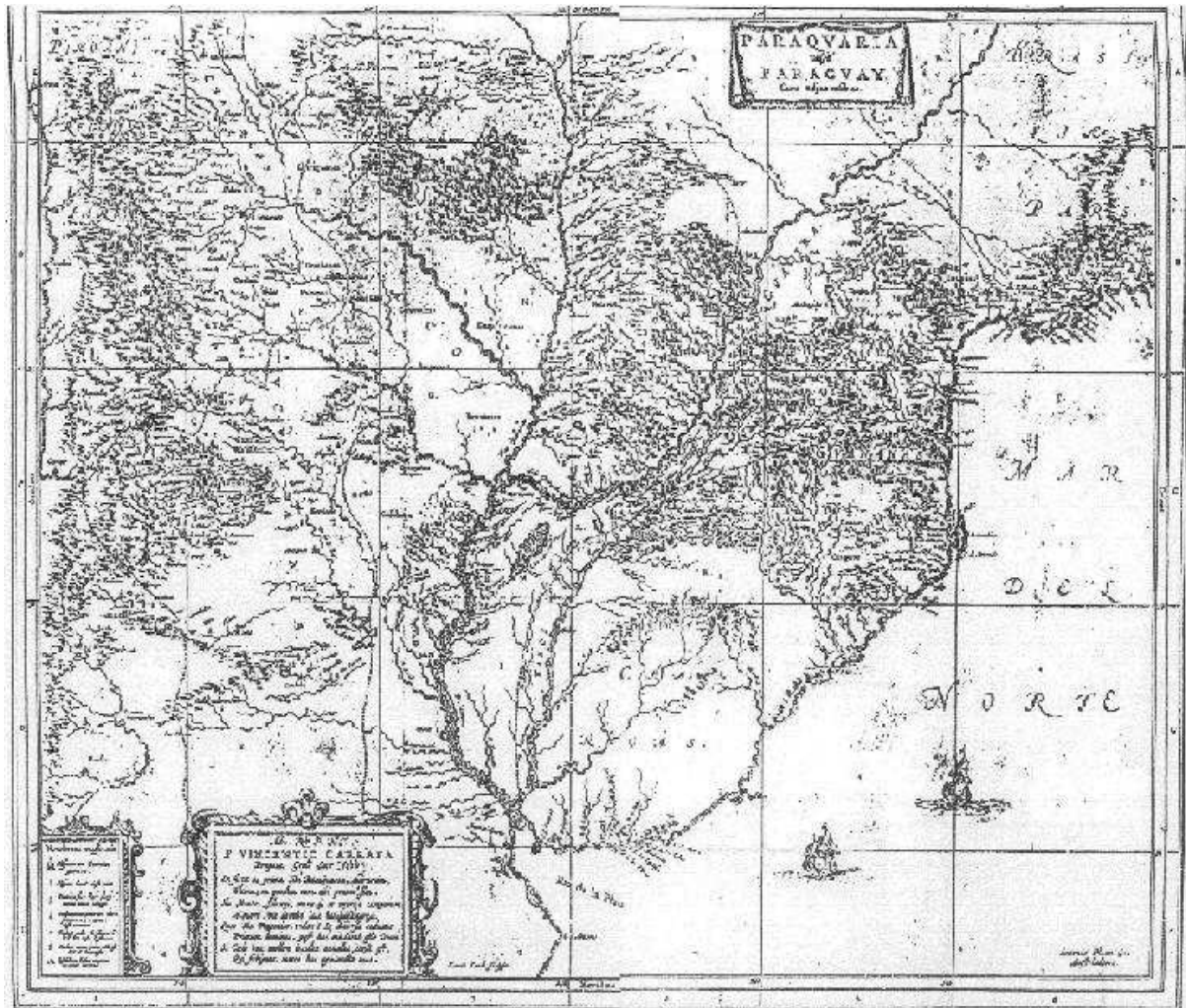
Porém, ao centro, temos de forma destacada, a existência do lago de "Xarayes" e a continuação do rio Paraguai, até desaparecer na borda superior do mapa. Como já vimos, esta informação perdurará em representações cartográficas jesuíticas até meados do século XVIII, ou seja, por cerca de um século e meio após esta elaboração²¹⁶. Uma análise mais apurada do mapa em questão poderá levantar vários outros pontos problemáticos. O Oceano Atlântico, por exemplo, está denominado como "Mar del Nort". Talvez o autor esteja identificando como mar a área localizada ao norte da foz do Rio da Prata, porém na outra extremidade do mapa, é indicado o "Mar del Zvr", onde deveria estar o atual Oceano Pacífico. Ao que tudo indica este mar do sul está relacionado às colônias espanholas do Peru e México. Os rios Paraná e Iguazu não estão representados devidamente, nem pela grandeza que possuíam, nem em seus cursos. O que chama a atenção é que neste local já havia presença espanhola, através da referência à Ciudad Real de Guairá, às margens do Paraná. Deduz-se que o conhecimento geográfico da região deveria ser maior do que aquele representado no mapa.

Já no mapa "Paraqvaria/Vulgo/Paragvay./Cum adjacentibus"²¹⁷ (Mapa 2), datado de 1647, constatamos uma situação diferente no que se refere a sua apresentação. Furlong (1936, p. 26) afirma que "ningún mapa del siglo XVII puede compararse con éste en la riqueza de su contenido y en la exactitu de sus detalles", além disso, destaca o fato de

²¹⁶ Segundo Costa (2000, p. 76), "localizadas a sudeste de Xarayes, as missões pantaneiras foram fundadas em meados do século dezessete, em plena região do Itatim. Este lugar havia sido visitado em 1542, por Domingo de Irala e reconhecido por Nufrio de Chaves, quando, em 1548, entrou rio Paraguai acima, com o objetivo de fundar a que seria a primeira cidade da região. Passados alguns anos, em 1593, fundava-se ali Santiago de Jerez; no mesmo lugar, anos depois, os jesuítas iniciam seu trabalho missionário".

²¹⁷ BARCELOS, 2006, p. 287.

ser um trabalho realizado por mais de uma pessoa, por necessitar de uma volumosa reunião de dados, "imposible que um solo hombre pudera componerlo".



Mapa 2 - Paraquaria/Vulgo/Paraguay./Cum adjacentibus²¹⁸

Passados cerca de 40 anos, a cartografia já reunia uma série de dados que, dispostos neste mapa, sugerem um levantamento sistemático e rigoroso de informações. A datação de Furlong, muito provavelmente, está correta e a evidência maior disto é a menção feita ao Padre Geral Carrafa, cujo generalato se deu entre os anos de 1646 até 1649. Porém, cabe ressaltar que neste mesmo mapa aparecem as localizações dos povoados do Guairá e do Tape, que foram destruídas ainda na década de

²¹⁸ Fote: BARCELOS, 2006, p. 287.

1630. Curiosamente, em sua "Cartografia Jesuítica", Furlong não faz menção a esta inconsistência dos registros gráficos.

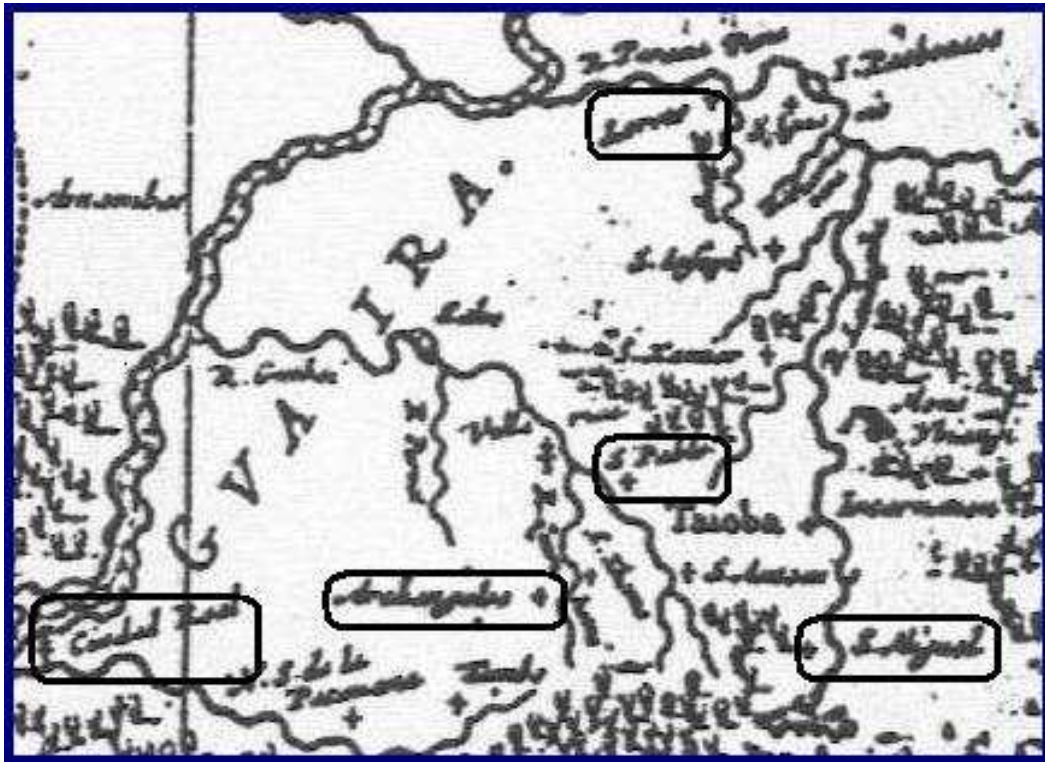


Figura 9 – Região do Guairá

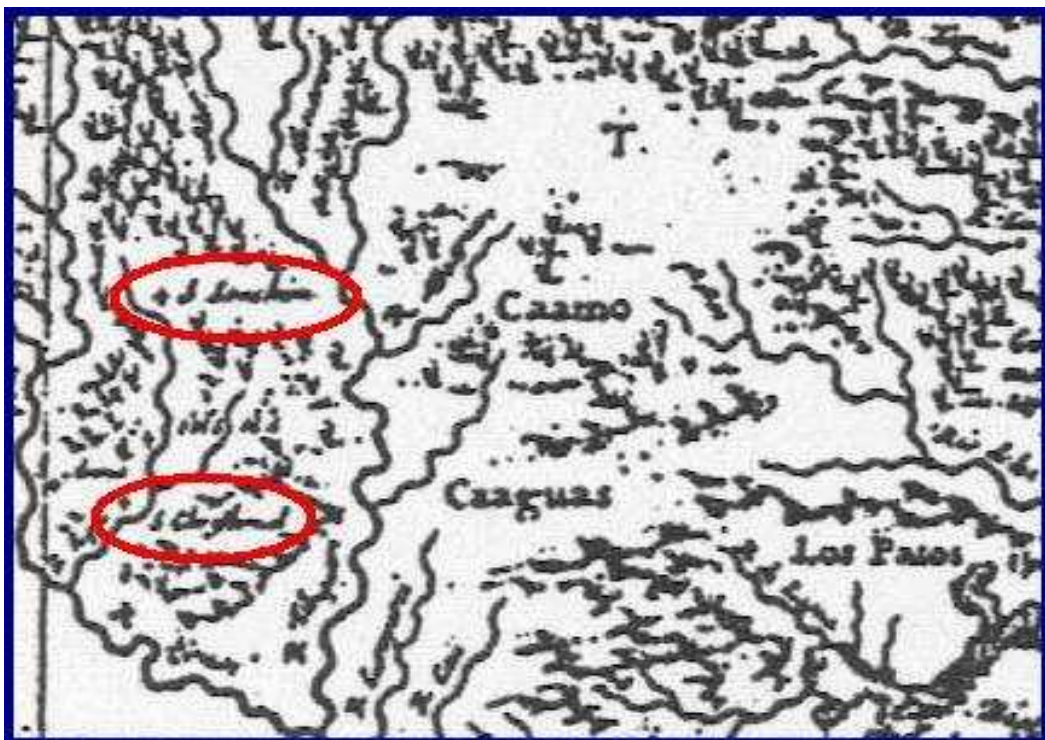


Figura 10 – Região do Tape

Como podemos verificar nas Figuras 9 e 10, encontram-se assinaladas as missões do Guairá e do Tape, em um mapa pretensamente produzido após a destruição promovida pelos bandeirantes paulistas.

Na Figura 9, estão dispostos os povoados do Guairá, podemos verificar a localização, entre outras, da redução de Loreto, na parte superior da figura; mais abaixo, ao centro San Pablo; à direita, no canto inferior, San Miguel; ao centro inferior, Arcangeles, e, no canto esquerdo da figura, Ciudad Real, que não resistiu aos ataques bandeirantes da década de 1630. Já na Figura 10, estão os povoados da região do Tape. Na indicação superior está a redução de San Joaquin e na inferior San Cristobal. Convém atentar para a localização destas reduções no mapa, uma vez que são complicadores para a sua correta – ou aproximada – datação. Devemos, no entanto, lembrar que as representações cartográficas, assim como as escritas, estão condicionadas ao contexto de produção e à relação existente entre remetente/destinatário.

É Quadros (2008, p.30) quem nos adverte que

As figurações cartográficas são uma espécie de discurso condensado. (...) Trata-se, portanto, de aprender a ler os registros e enxergar através dos olhos dos outros. Desta forma, busca-se descobrir as técnicas da caracterização espacial, a produção de uma ordem, a seleção, classificação e interpretação dos elementos de uma paisagem.

Amparados nesta definição, entendemos que tanto em um texto escrito, quanto em um mapa, podem ser encontrados dois tipos de espacialidades²¹⁹, uma baseada em experiências empíricas e outra que é construída indiscriminadamente pelo “narrador” empenhado em descrever o que vê a um potencial “destinatário”²²⁰. Isto nos leva a concluir que

²¹⁹ Aqui retomo o conceito de espacialidade, ou seja, um recorte, o momento, em que o uma realidade é percebida e reproduzida.

²²⁰ Os termos “escritor” e “destinatário” seguem a categorização de Hansen, citado acima, ao identificar aquele que emite a informação e aquele que recebe a informação.

tanto as representações cartográficas, quanto a documentação jesuítica nos apresentam concomitantemente, duas Américas, uma que poderíamos denominar de “América real” e outra(s), de “América(s) imaginada(s)”.

2.3. A América real

Atravesado por dos caudalosos ríos; fecundizado por sus numerosos afluentes; sin serranías elevadas ni llanuras inmensas; sembrado de grandes bosques que en abundancia suministraban excelente madera para la construcción de embarcaciones, edificios y muebles, y ofrecían al mismo tiempo l apreciada yerba mate; dotado de clima suave y saludable, en que ni verano ni el invierno extremaban sus rigores; fertilísima la tierra y apta para variados cultivos; con superiores campos de ganadería; sin enfermedad endémica ninguna y pródiga en recompensar el esfuerzo humano.²²¹

Neste tópico trataremos, especificamente, da área que abrangia a Província Jesuítica do Paraguai criada em 1610. Uma extensa região, onde desembocam vários rios que correm em sentido norte-sul, formando outros e que, finalmente, esvaem-se mar adentro através do Rio da Prata. Conforme podemos observar na Figura 11, as águas começam a juntar-se pelo oeste, nos Andes, e, a leste, em regiões como o Planalto Central Brasileiro, acabando por formar os três maiores rios que constituem a Bacia do Prata, os rios Uruguai, Paraná e Paraguai. Esta extensa rede fluvial acabou por facilitar a penetração colonial espanhola, e conseqüentemente, a ação das ordens religiosas também²²².

Política e economicamente, a região estava localizada numa região periférica. Os centros mais importantes e embrionários foram Buenos Aires, na costa do Rio da Prata, e Assunção, localizada mais no interior,

²²¹ GARAY, Blas. Prólogo. In.: DEL TECHO, Nicolas del. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús**. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897. p. 36.

²²² MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. Op. Cit., p. 22.

junto ao rio Paraguai²²³. Na Figura 11, vemos a Bacia do Rio da Prata. Embora saibamos que a antiga Província Jesuítica do Paraguai extrapolasse este território, basicamente era nela e nos vales de seus principais rios que se instalarão as frentes missioneiras jesuíticas sobre as quais tratam as Cartas Ânuaas que analisamos nesta dissertação. Portanto, usaremos a cartografia e os estudos recentes referentes à Bacia do Rio da Prata para buscar subsídios de comparação entre os relatos do século XVII e a topografia consagrada na literatura e pesquisas atuais.



Figura 11 – Bacia do Rio da Prata²²⁴

²²³ BAUDOT, Georges. **La vida cotidiana em la América española en tiempos de Felipe II**: Siglo XVI. Trad. Stella Mastrangelo. México: Fondo de Cultura Económica, 1992. p. 83.

²²⁴ Fonte: Comitê Intergubernamental Coordenador de los Países de la Cuenca del Plata: Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguay. Programa Marco para la Gestión Sostenible de los Recursos Hídricos de la Cuenca del Plata. Foz de Iguazú, 2008. Disponível em: <http://www.eflownet.org/download_documents/Escenarios%20para%20la%20Cuenca%20del%20Plata.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2010.

Segundo Maeder (1995, p. 22), a topografia da região é composta por

*un sinnúmero de esteros, camadas, bañados y lagunas que imponen su sello al paisaje, desde Alto Paraguay, en la región del Gran Pantanal, hacia aguas abajo, destacándose los esteros del Ñeembucú en la confluencia con el Paraná y el extenso sistema del Iberá en la provincia de Corrientes.*²²⁵

A Bacia do Rio da Prata se caracteriza, basicamente, por uma região quase totalmente plana ao centro, que inclui o Pantanal, com um planalto a leste (o Maciço do Mato Grosso) e a oeste a Cordilheira dos Andes.²²⁶

O clima é bastante definido pelas estações do ano, sendo invariavelmente frio no inverno, devido às massas de ar polar, aspecto que foi destacado por Carbonell de Masy: “*El clima es semitropical, com veranos cálidos, inviernos frescos, e inesperadas heladas*”²²⁷. É, conseqüentemente, uma região que apresenta grande amplitude térmica²²⁸. Este aspecto, aliás, pode ser constatado na Carta Anua de 1663-1666, em que o padre Andrés de Rada refere-se às condições climáticas:

Por el cual se empeñan nuestros Padres a procurarles largamente el sustento de la vida espiritual, aunque con muchos trabajos y sacrificios de nuestra parte, en el frio del invierno y el calor del verano, por caminos casi intransitables, por paramos secos, por profundos pantanos y ríos, por horribles precipicios, y montañas

²²⁵ MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. Op. Cit., p. 22.

²²⁶ UNESCO - World Water Assessment Programme. **La Plata Basin Case Study**: Final Report. 2005. p. 4. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151252e.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2010.

²²⁷ CARBONELL DE MASY, Rafael. Op. Cit., 1992. p. 18.

²²⁸ Amplitude Térmica é a diferença entre as médias anuais de temperatura máximas e mínimas. FULGENCIO, Paulo Cesar. **Glossário Vade Mecum**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

*casi inaccesibles, con enormes gastos de viaje por aquellas regiones dilatadas.*²²⁹



Figura 12 – Clima: Bacia do Prata²³⁰

²²⁹ **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY.** Año 1663 a 1666. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo:IAP/UNISINOS. p. 5.

²³⁰ Fonte: UNESCO - World Water Assessment Program. La Plata Basin Case Study: Final Report. 2005. p. 6. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151252e.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2010.

De fato, no inverno as temperaturas médias mensais têm diferenças, dependendo da localização, se mais ao norte ou ao sul. Em julho, por exemplo, a temperatura média em parte do noroeste da bacia é superior a 20° C, enquanto que em Buenos Aires é de cerca de 10° C mais frio. No verão, as diferenças ficam por conta da distância em relação ao mar. Em janeiro, as temperaturas máximas médias são mais 27,5° C no oeste da Argentina e no Chaco, enquanto que nas zonas costeiras do sul do Brasil, o Uruguai e de Buenos Aires são abaixo de 22,5°C.²³¹

Já o padre Lorenzo Sobrino, na Carta que compreende os anos de 1652 a 1654, se refere desta forma ao clima da região do Chaco:

*En el invierno hay frio y nieve; en verano una tan continuada lluvia, que raras veces se puede contemplar el cielo sereno, sintiéndose sin embargo un sofocante calor.*²³²

Sobre a influência que o clima exercia diretamente no trabalho dos missionários, o padre Cristóbal Gómez, na carta de 1672-1675, nos conta que

*En 1673, en pleno verano, se hizo esta excursión apostólica, ya que aquella pobre gente, por el resto del año, está ocupada en las faenas de sus amos, y desparramada por diferentes parajes. Pero en tiempo de los calores fuertes está recogida en sus casas, pudiéndoseles explicar en este tiempo con más facilidad la doctrina evangélica.*²³³

Padre Gómez está se referindo ao Chaco, região que segundo Arnt (2005, p.27)

²³¹ UNESCO - World Water Assessment Program. **La Plata Basin Case Study**: Final Report. 2005. p. 8. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151252e.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2010.

²³² **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY**. Anua de 1652-1654. Traducción de Carlos Leonhardt, Buenos Aires, 1927. p. 4.

²³³ **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY**. Año 1672-1675. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 24.

O clima característico é quente e úmido no verão e frio e seco no inverno, com temperatura média anual de 25°C. Anualmente chove no Pantanal entre 1.100 e 1.200 mm, e 45% das chuvas concentram-se nos meses de dezembro, janeiro e fevereiro.

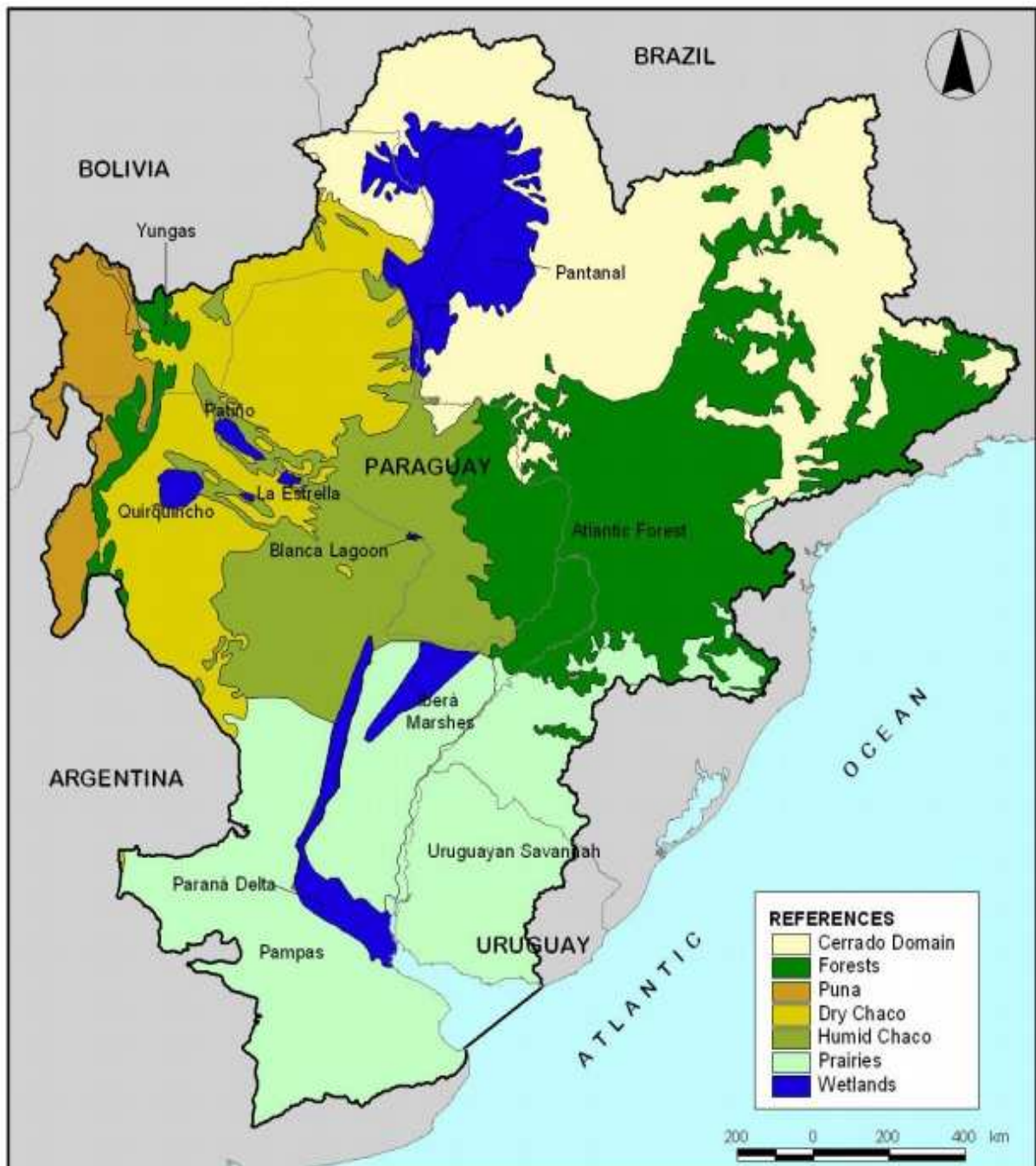


Figura 13 – Vegetação: Bacia do Prata²³⁴

²³⁴ Fonte: World Water Assessment Program. La Plata Basin Case Study: Final Report. 2005. p. 138. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151252e.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2010.

As formações vegetais seguem as condições do terreno e clima. Como podemos observar na Figura 13, ao norte temos um clima tropical, já ao sul, um clima mais temperado. Do mesmo modo, a leste o clima é marítimo e com abundância de águas, enquanto que a oeste há menos abundância de águas. Deste mosaico resultam três grandes formações vegetais: as gramíneas, as florestais e as mistas²³⁵.

O mesmo padre Cristóbal Gómez, na Carta já referida, referindo-se as reduções do Paraná e Uruguai, nos informa sobre as formações vegetais da região,

*Es de ver esta vastísima provincia de los indios del Paraguay, y mueve a derramar lágrimas de ternura el acordarse, como estos montes tupidos, y estos escondrijos de las selvas ántes estaban consagrados a un estúpido culto idolátrico, y ahora...*²³⁶ (grifo nosso)

As formações gramíneas se localizam mais ao sul, região em que chove menos e as temperaturas são menores. O ambiente predominantemente florestal está localizado na direção centro-leste e as formações mistas, que se alternam em formações herbáceas e lenhosas, se distribuem espacialmente de forma variada²³⁷. Em geral, a capa vegetal, principalmente onde os guaranis habitavam, era fruto de uma terra fértil, que, por sua vez, era resultado de uma formação basáltica, rica em nutrientes e recortada por uma rede de rios que mantinha um sistema gigantesco de irrigação. De acordo com Carbonell de Masy (1992, p. 18), a vegetação “depende de la temperatura, relacionada, a su vez, con la altura y la exposición e los vientos”.

²³⁵ MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. Op. Cit., p. 26.

²³⁶ **CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY**. Año 1672-1675. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p. 14. Grifo nosso.

²³⁷ MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. Op. Cit., p. 19.

De maneira geral, temos vários cenários que compõem a região que compreende a Província Jesuítica do Paraguai desde *“valles anchos y quebradas de una altitud entre 1.500 y 3.000 metros sobre el nivel del mar”*²³⁸, com *“clima seco y cálido con una temperatura media de unos 20 grados, con inviernos poço crudos dada la alta insolación diurna”*²³⁹, característica dos territórios mais ao norte, ou mesmo *“antiplanicie - 3.300-3.400 metros sobre el nivel del mar - con algunas seranías que forman cuencas cerradas donde los rios terminan en pequeñas lagunas”*²⁴⁰, ou mesmo regiões como a transição das alturas andinas para o Chaco, onde encontramos uma *“selva de transición desde los 500 hasta los 1.200 metros, con árboles de gran altura, lianas y sotobosque denso de hierbas y arbustos”*²⁴¹. Além dessas paisagens, também temos a região de Santiago del Estero, que apresenta *“llanuras y sierras bajas, presenta características muy particulares (...) con precipitaciones superiores a los 500 mm anuales y una temperatura media de unos 20”*. Em outras, regiões como o pampa, onde as pastagens são predominantes ou em locais ao nível do mar, como as regiões costeiras, apresentam uma diversidade bastante grande e que é retratada em vários relatos inseridos nas Cartas Ânua que consultamos.

No próximo capítulo, buscaremos reconstituir as viagens missionárias e os deslocamentos realizados pelos missionários jesuítas neste amplo e tão diverso território. São inúmeras as evidências na documentação do cuidado que tinham os padres em descrever as condições em que se davam suas andanças e, especialmente, sobre o território que percorriam. Prova disso está no mapa *“Mapa de las*

²³⁸ CARAVAGLIA, Juan Carlos. MARCHENA, Juan. **América Latina de los orígenes a la independencia**. Vol. I. América precolombina y la consolidación del espacio colonial. Barcelona: Crítica, 2005. p. 90.

²³⁹ Ibid, p. 90.

²⁴⁰ Ibid p. 92.

²⁴¹ Ibid, p. 92.

estancias que tenían los pueblos misioneros al oriente del Rio Uruguay”, que serve de base para a Figura 14, e que nos mostra uma série de caminhos que interligavam algumas das reduções.

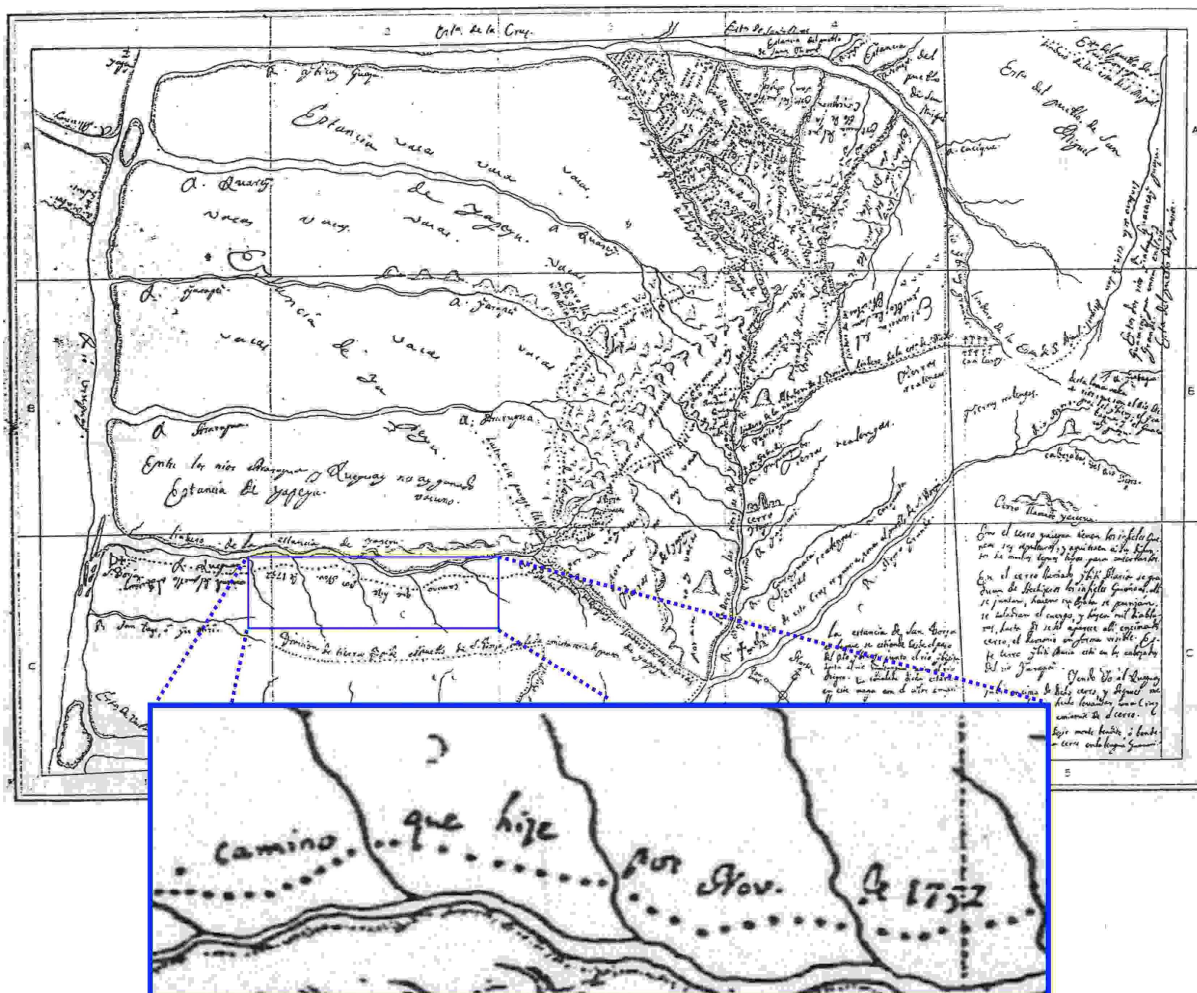


Figura 14 – Caminhos Jesuítas²⁴²

Na Figura 14 constata-se uma inscrição que diz: “Camino que hice en Nov. de 1752”. Isto mostra que a criação e, também, o controle de caminhos entre os povoados era uma necessidade para a manutenção da comunicação eficiente entre eles. Como podemos perceber no mapa abaixo, há várias outras linhas pontilhadas, todas elas com inscrições referindo-se a ligações e caminhos percorridos.

²⁴² Figura baseada no mapa “Mapa de las estancias que tenían los pueblos misioneros al oriente del Rio Uruguay”, encontrado em Furlong, 1936^a, **Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata**, Lâmina XXIV, n. 55 do Catálogo, p. 80 do texto.

O empenho que estes missionários demonstraram em evangelizar, descrever, relatar e mapear estava, sem dúvida, alicerçado na ideia de que tudo estava sendo feito "AD DEI MAIOREM GLORIAM"²⁴³, lema fundamental da Companhia. No capítulo 3, "Jesuítas em missão: os caminhos percorridos para '*la mayor gloria de Dios*'", procuraremos, portanto, reconstituir os caminhos percorridos pelos padres jesuítas – tão detalhadamente descritos nas Cartas – com o objetivo de cartografá-los, isto é, traduzi-los graficamente.

²⁴³ "AD DEI MAIOREM GLORIAM", ou "Para a maior glória de Deus" é o lema da Companhia de Jesus, e é citado por várias vezes nas Cartas Anuas.

Capítulo III

Jesuítas em missão: os caminhos percorridos para '*la mayor gloria de Dios*'

O capítulo 3, e último, denomina-se “Jesuítas em missão: os caminhos percorridos para '*la mayor gloria de Dios*'”. Nele, inspirados na “geografia literária”, reconstituímos textual e graficamente os deslocamentos/viagens realizados (as) pelos missionários entre as aldeias, cidades, colégios e reduções narrados(as) nas Cartas Ânua da segunda metade do século XVII. Desse modo, procuraremos contrapor a versão textual à versão cartográfica, reconstituindo os caminhos percorridos, a partir das informações fornecidas pelos missionários redatores. Todas as cartas de nossa amostra serão analisadas na perspectiva autor/texto/contexto, procurando inseri-las na história da atuação da Companhia de Jesus na América platina na segunda metade do século XVII.

Além disso, buscamos identificar as representações mais recorrentes que elas apresentam sobre os diferentes espaços percorridos, não descuidando de destacar sua vinculação com as dificuldades e/ou facilidades encontradas pelos missionários da Província Jesuítica do Paraguai ao se deslocarem pelas regiões sob sua jurisdição. Nossa intenção – e maior desafio –, portanto, é a de *cartografar* os textos das

Ânuas da segunda metade do século XVII para, na seqüência, contrapô-los aos mapas existentes à época e atuais, procurando não apenas identificar semelhanças e distinções entre as duas "formas de escrita", mas, também, identificar os efeitos da experiência vivida pelo missionário na narração do trajeto percorrido.

Esta análise não poderá prescindir daquilo que o geógrafo Milton Santos chama de *espacialidades*. Como vimos na Introdução desta dissertação, a espacialidade é o momento no tempo e no espaço em que "*recortamos*" uma paisagem. É sob esta perspectiva que pretendemos "*cartografar*" as espacialidades representadas – sob a forma escrita – nas Cartas, com a preocupação de contextualizá-las e de inseri-las nas várias frentes missionárias jesuíticas do período.

É preciso lembrar que estes relatos são como "*inventários das espacialidades*" produzidas por indivíduos que deviam atender a determinadas prescrições narrativas da ordem religiosa a que pertenciam e, principalmente, considerar o leitor dessas cartas e o seu destinatário final, o Padre Geral da Companhia de Jesus, razão pela qual são marcados pela de afirmação constante da bravura diante das dificuldades e da inabalável fé dos missionários²⁴⁴.

Considerando o recorte temporal da análise proposta – a segunda metade do século XVII – cabe ressaltar que os espaços da América do Sul contemplados nas Ânuas que priorizamos não eram mais algo propriamente novo. Muitos viajantes – exercendo diferentes funções – já

²⁴⁴ Desde os princípios do Cristianismo, passando pela Idade Média e continuando por muito tempo ainda, a ideia corrente sobre as reações da natureza era a de que ordem natural dependia dos desígnios divinos. O homem não se situava na natureza como um elemento num conjunto, ele não pertencia à natureza, mas sim a um lugar privilegiado, graças ao destaque que Deus deu a ele (BELO, 2008, p. 16.). Segundo Thomas (1988, p. 34), um pregador chegou a observar, em 1696, que "os camelos foram sensatamente colocados na Arábia, onde não havia água, e as bestas selvagens 'enviadas a desertos, onde podiam causar menos dano'".

havam feito descrições destas paisagens e muitos missionários já haviam sido enviados para estas paragens. Seus relatos, no entanto, são marcados tanto por interpretações similares, quanto por impressões diferentes sobre uma mesma paisagem, o que parece apontar não apenas para a subjetividade do narrador, mas para uma dinâmica da espacialidade que é alvo dos relatos.

No primeiro tópico deste capítulo, abordaremos o importante papel desempenhado pelos Colégios da Companhia de Jesus distribuídos por toda a Província Jesuítica do Paraguai, na medida em que deles partiam expedições apostólicas com diferentes finalidades.

3.1. Atuação dos colégios jesuítas

Em consulta à vasta produção bibliográfica sobre o tema, pudemos constatar que tanto o trabalho de mediação político-comercial entre a Coroa ou entre os colonos espanhóis e os povoados, quanto o de promoção dos trabalhos missionários passava pelos Colégios da Companhia. Pode-se afirmar que os Colégios atuavam como centros difusores da ação jesuítica na região em que se encontravam instalados. Dentre as atividades que cabiam aos colégios estavam a da "evangelização e instrução de crianças e jovens"²⁴⁵; a promoção de "rendas que garantissem o sustento e a continuidade da obra empreendida"²⁴⁶, e, especialmente, a formação de "funcionários suficientes para cumprir as funções religiosas e de ensino, os serviços domésticos, a lavoura e as tarefas próprias da atividade pecuária das estâncias"²⁴⁷. Também era função dos colégios jesuíticos o atendimento

²⁴⁵ PIOLI, Alicia J. **O Colégio Jesuíta de Corrientes**. São Leopoldo: UNISINOS. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). São Leopoldo, 2002. p. 92.

²⁴⁶ Ibid., p. 92.

²⁴⁷ Ibid., p. 92.

espiritual tanto de espanhóis, quanto dos grupos indígenas²⁴⁸, tarefas às quais se dedicaram mesmo em períodos de aparente retração como a década de 1650²⁴⁹. Como podemos verificar na Figura 15, a Carta Ânua de 1652/54 faz referências aos deslocamentos de padres jesuítas em função de missões volantes que partiam dos colégios visando à reconversão dos espanhóis e à conversão de tribos indígenas. De um deles, o Colégio de Salta, *"se sale cada año en excursión apostólica a la ciudad de Jujuy, y desde el mismo colegio se cuida la misión de los Calchaquíes, y se emprende la del Chaco"*²⁵⁰. Na mesma carta, encontramos menção ao Colégio de Tucumán, a partir do qual, *"no contentos todavía estos buenos hijos de la Compañía, con tanto trabajo, hicieron dos de ellos el año antepasado una gira de misioneros por el valle de Catamarca"*²⁵¹. Do Colégio de Santiago del Estero, *"hicieron, además, los Padres frecuentemente excursiones de a os a las aldeas de los indios y a las estancias de los españoles"*²⁵², enquanto que no Colégio de Córdoba comemorava-se *"el más grande provecho espiritual [...] del adelantado campo de Córdoba, adonde cada año se dirigen dos Padres, recorriendo a una distancia de 130 leguas"*²⁵³.

²⁴⁸ FRANZEN; FLECK; MARTINS, 2008, p. 23.

²⁴⁹ Como exposto no Capítulo I, os povoados jesuíticos que se estendiam até bem próximo da costa atlântica, no período em questão, estavam instalados todos a oeste do Rio Uruguai, dando a impressão de retraimento da campanha de expansão missionária rumo ao leste. Este movimento se deu em função dos ataques bandeirantes, vindos das áreas de domínio português.

²⁵⁰ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Años 1652 a 1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS., p. 3.

²⁵¹ Ibid., p. 14.

²⁵² Ibid., p. 16.

²⁵³ Ibid., p. 22. Sobre essa prática de deslocamentos dos missionários, Siqueira (2008, p. 11-12), destaca que "os jesuítas foram como que itinerantes profissionais diferentes dos andarilhos da Idade Média ou dos viajantes dos séculos XVIII e XIX, que se deslocavam movidos pela curiosidade, científica ou não. Eles não viajavam para ficar ou para tornar a viajar, mas para serem presentes na conversão do gentio e sua assistência".

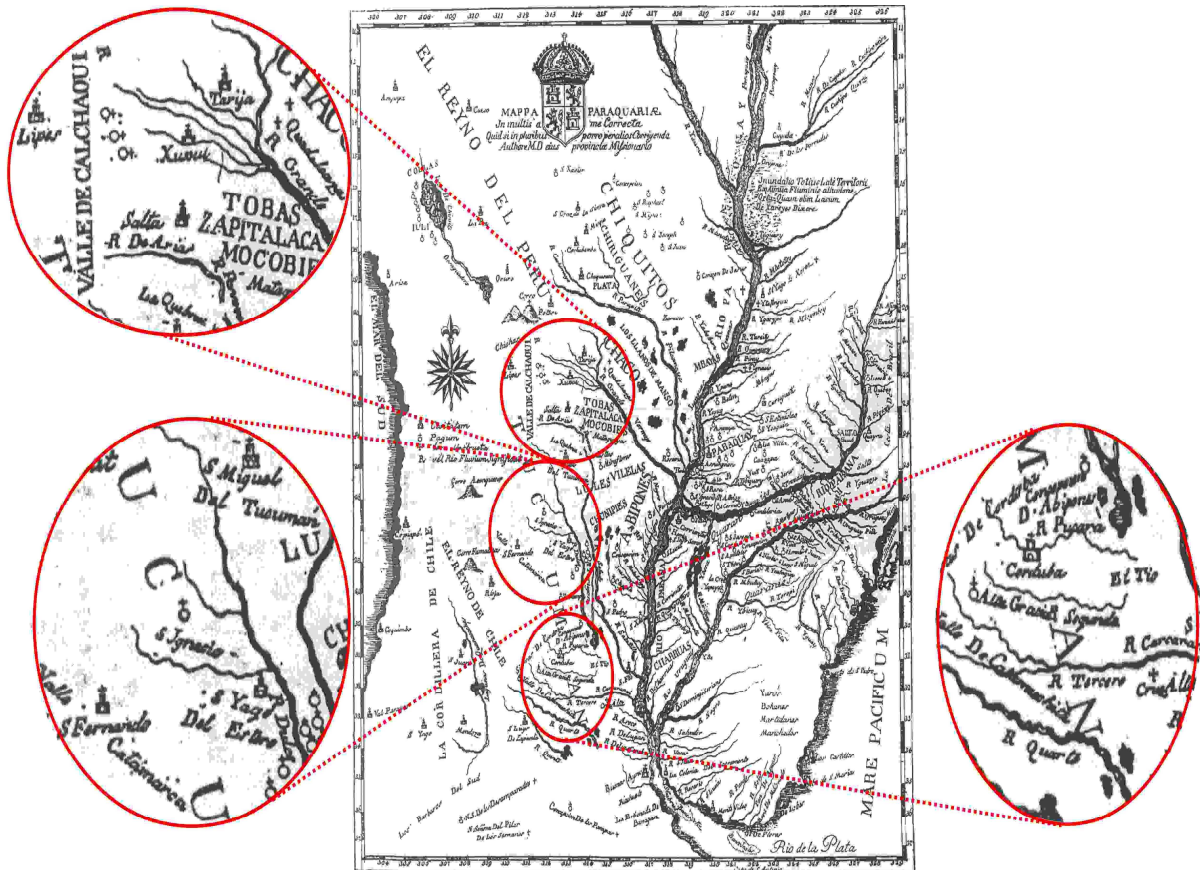


Figura 15 – Locais de missão volante referidos na Carta Ânua de 1652-1654²⁵⁴

Se levarmos em conta as informações da Carta Ânua de 1650/1652, a importância dos Colégios para a irradiação do trabalho missional fica evidente, como procuramos demonstrar na Figura 16, na qual apresentamos a distribuição espacial dos colégios e das regiões mais citadas como alvo dessas missões.

Na figura abaixo encontramos os oito Colégios, mais a localidade de Jujuy, constantemente mencionada como ponto de partida de algumas missões direcionadas ao Vale de Calchaqui. Sobre Jujuy, o padre De La Mota nos conta que “*todos los años salen de este colégio y el de Tucumán dos sacerdotes de la Compañia a las ciudades de Estero y de Jujuy, la*

²⁵⁴ Figura elaborada pelo autor com base no mapa “*Mappa Paraquariae In multis a me Correcta. Quid si in Pluribus porro peralios Corrienda. Authore M. D. eius provinciae Misionario*”, encontrado em Furlong, 1936^a, **Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata**, Lâmina XLVI, n. 99 do Catálogo, p. 120 do texto. As regiões em destaque receberam tratamento gráfico pelo autor.

primera 60 leguas de Salta"²⁵⁵. Considerando as fontes de que dispomos – as Cartas Ânuas de 1650 a 1675 –, esta distribuição dos Colégios pelos territórios que abarcavam as Províncias Jesuíticas não irá se alterar até a década de setenta do século XVII. Pode-se constatar que os colégios se concentravam na região próxima à Cordilheira dos Andes, com exceção do Colégio de Assunção, que se localizava próximo dos domínios portugueses e tinha como foco de atuação as regiões do Guairá, Tape e Itatin.

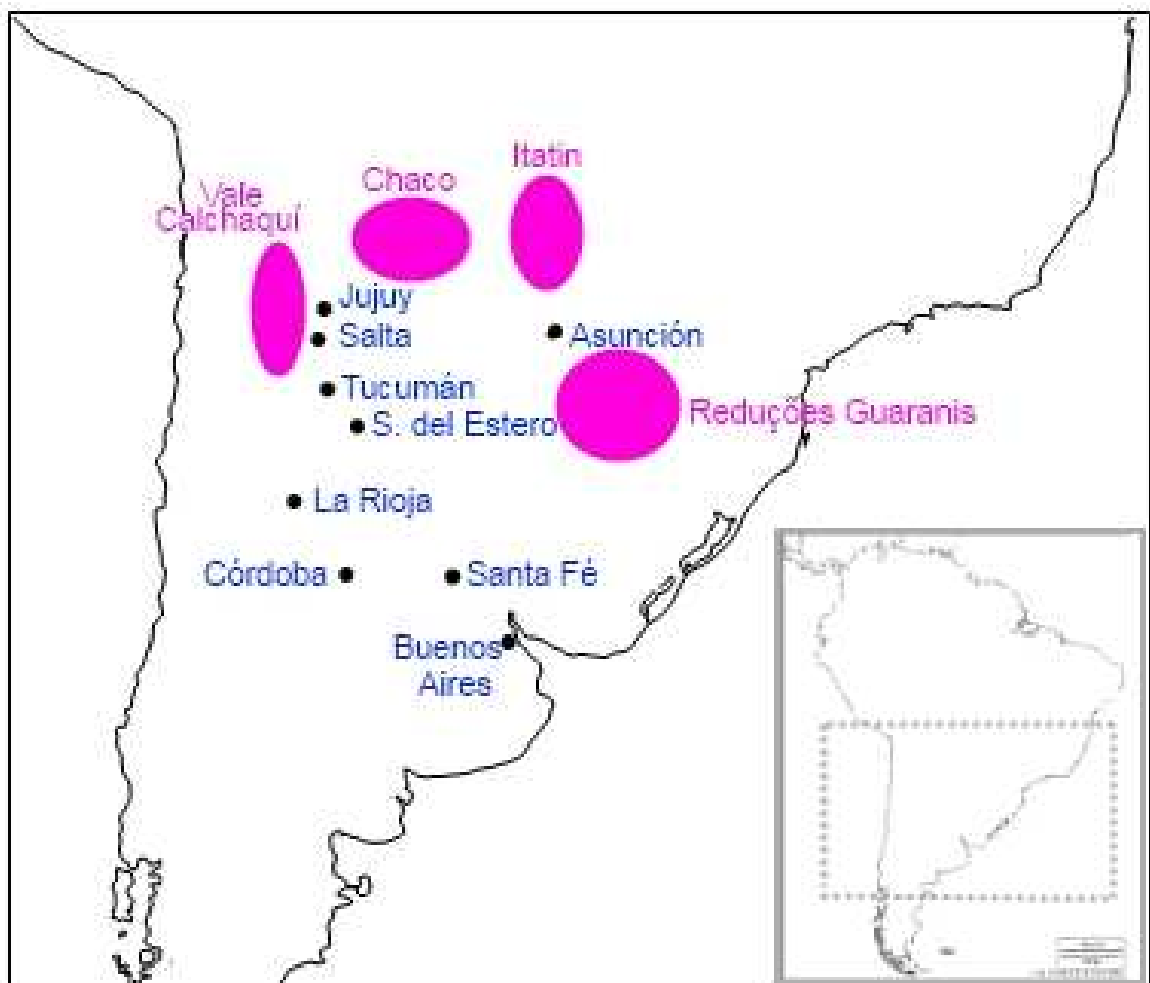


Figura 16 – Colégios e zonas de atuação da Província Jesuítica do Paraguai²⁵⁶

²⁵⁵ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. Traducción de Carlos Leonhardt, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS., p. 69.

²⁵⁶ Figura adaptada da imagem disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/S730/america+do+sul_politico.gif>. Acesso em: 08/04/10.

Nesta mesma carta – a de 1650/1652 – encontramos passagens nas quais sobressaem as dificuldades encontradas pelos missionários no cumprimento de missões. Segundo a carta, o padre Francisco Vasques de La Mota iniciou uma viagem à Europa – uma “*expedición de nuevos misioneros*”²⁵⁷ –, a partir do colégio de Córdoba – que servia como sede da Província Jesuítica do Paraguai. Um de seus comentários iniciais refere-se às exigências impostas pela burocracia espanhola, uma vez que para ir a Europa – partindo de Córdoba – os missionários deveriam se dirigir a Potosí, em vez de tomar o “*camino real a Buenos Aires [que] no era más de 100 leguas. Desde allí si iba al Brasil con embarcaciones portuguesas, siendo el viaje corto, facil y barato, hasta España*”²⁵⁸. Este trajeto, além de menos dispendioso, não demandava “*preocuparse aqui de caretas y jumentos; y allí de arrieros, silas y mulas, embarcar y desembarcar los bultos, acarrear los víveres y otras necesidades de la vida*”. O padre De La Mota destaca, ainda, que o itinerário proposto pela Coroa implicava passar por vários portos, importando em “*pagar los impuestos y fletes, y tragar las sinverguenzas de los empleados del puerto*”²⁵⁹. Na Figura 17, podemos observar que realmente tratava-se de um problema, pois indo por Buenos Aires, bastava aportar uma vez mais em algum porto do Brasil, e, depois disso, somente na Espanha. Como não era possível fazer o trajeto mais curto, o jesuíta teve que dirigir-se a Potosí, pegar uma embarcação no porto de Arica com destino a Lima, de Lima seguir até o Panamá e do Panamá até a Espanha.

O padre *De La Mota* nos conta que sua viagem de Córdoba até Potosí foi muito difícil “*en especial, porque por la ferocidad de los jumentos, y por lo escabroso del camino, muchas veces se volcaron las*

²⁵⁷ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 2.

²⁵⁸ Ibid., p. 3.

²⁵⁹ Ibid., p. 3.

carretas y se hicieron pedazos, exponiéndose a peligro nuestra vida"²⁶⁰. Para piorar a situação, os bois que deveriam carregar a carga "*se han escapado todos*"²⁶¹ e as mulas que os substituíram eram "*eran tercas y reacias*"²⁶².

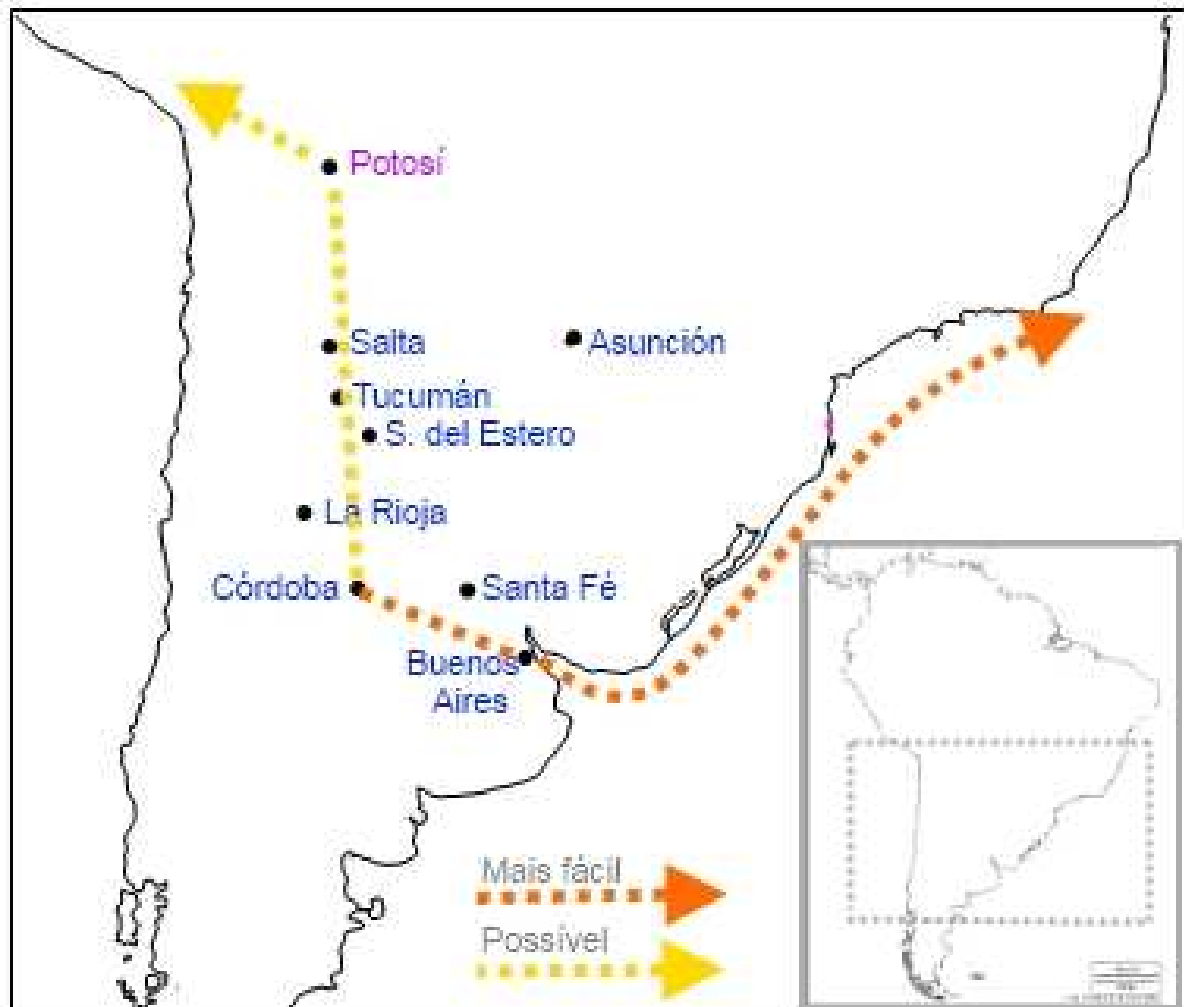


Figura 17 – Rota Francisco Vasques de la Mota²⁶³

Ao longo deste capítulo veremos que estas dificuldades são constantemente mencionadas. As menções feitas aos perigos enfrentados

²⁶⁰ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 4.

²⁶¹ Ibid., p. 4.

²⁶² Ibid., p. 4.

²⁶³ Figura adaptada da imagem disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/S730/america+do+sul_politico.gif>. Acesso em: 08/04/10.

pelos missioneiros são apenas um exemplo do que os caminhos percorridos dentro, e às vezes fora, da Província Jesuítica do Paraguai podiam reservar aos padres. Para obtermos uma visão geral, começaremos, especificamente, com os relatos feitos sobre as missões que partiam dos Colégios em direção aos locais que a Companhia definiu como alvo de sua atuação.

Estas viagens, entre as diferentes regiões de atuação dos jesuítas no sul da América, denominadas de missões para "*cosecha de almas*"²⁶⁴, são constantemente mencionadas, como as que se deram em direção ao Vale de Calchaquí, promovidas pelo Colégio de Salta, e que visavam os índios calchaquíes, os pullares, os humacas e outros²⁶⁵. O vale referido na Carta de 1650/52, como podemos observar na Figura 18, é descrito pelo jesuíta como "*bastante angosto, entra por allí por varios días de camino, y sus habitantes viven en las pendientes casi inaccesibles de las montañas, parte en cavernas, parte en toldos y ranchos*"²⁶⁶. Segundo o redator da Ânuia, dada a condição do relevo, em especial, os "*Yacobileos [...] dejan morir de hambre a sus sacerdotes, no trayéndoles ni agua del río*"²⁶⁷.

Se as populações contatadas não eram hospitaleiras, os caminhos da região norte da Província Jesuítica do Paraguai, não eram melhores, exemplo disso é o comentário de *De La Mota*, quando diz: "*me ví muchas veces forçado a apear-me, para no caer abajo juntamente con la mula*"²⁶⁸. Como podemos ver na Figura 18, o jesuíta está se referindo às montanhas que compõem a Cordilheira dos Andes, que impõem dificuldades tanto de

²⁶⁴ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 55.

²⁶⁵ FRANZEN; FLECK e MARTINS, 2008, p. 23.

²⁶⁶ Ibid., p. 44.

²⁶⁷ Ibid., p. 49.

²⁶⁸ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 46.

acesso, quanto de fácil locomoção aos viajantes. De fato, esta região dos Andes, onde nascem os rios Pilcomayo e Bermejo, é bastante peculiar, por possuir grandes altitudes, diferentemente da região junto aos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, onde as altitudes são bem menores, em alguns casos chegando a quase zero. No Mapa 3, que mostra a Província Jesuítica do Paraguai, vemos que seu território é bastante extenso, incluindo partes da atual Bolívia até o extremo sul da América do Sul.

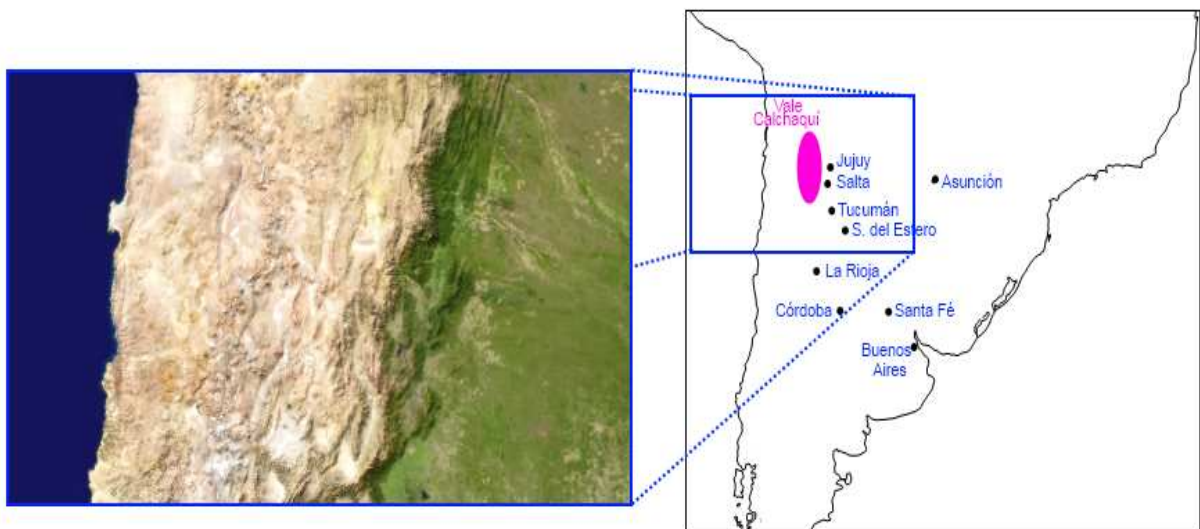


Figura 18 – Vale de Calchaquí²⁶⁹

Ao descrever o caminho percorrido pelo vale de Calchaquí, o padre De La Mota informa que “*por las pedregosas pendientes de la mantaña, al borde de los precipícios*”²⁷⁰, somente consegue resistir “*sacudidos por los vientos frios*”²⁷¹, inspirado por “*Dios en bien de la eterna salvación de estos bárbaros*”²⁷² Vale ressaltar que estas missões “*para las vastas*

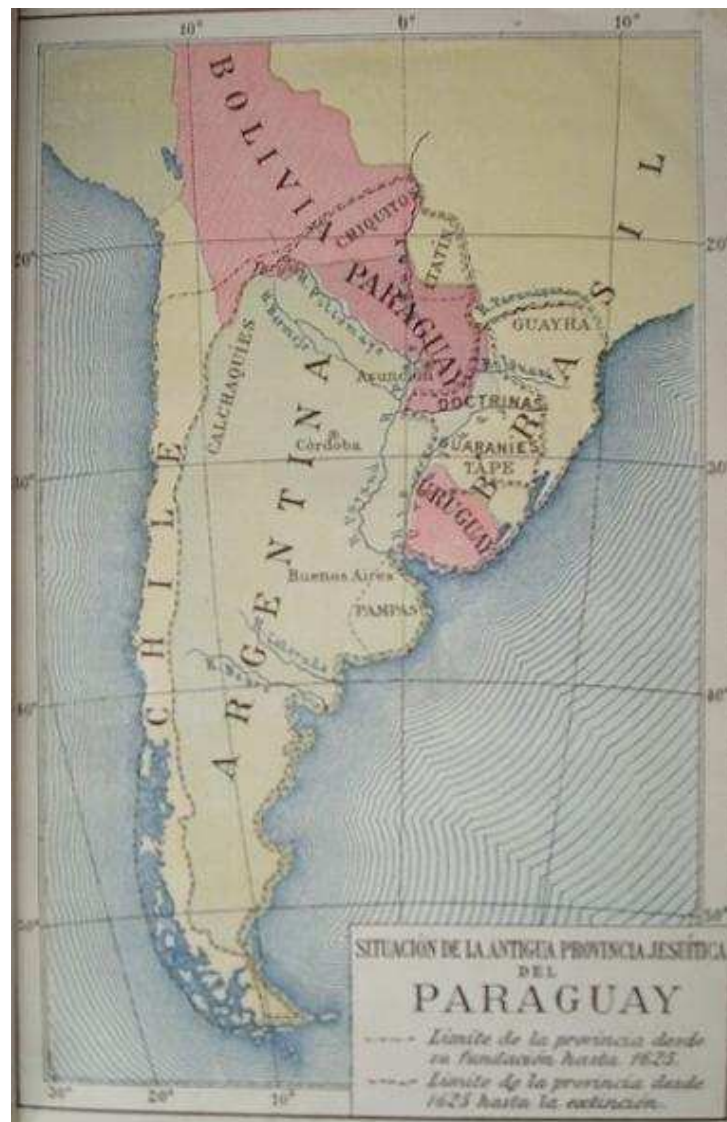
²⁶⁹ A imagem de satélite foi adaptada da imagem disponível em: <http://neccint.files.wordpress.com/2009/05/south_america_satellite_plane1.jpg>. Acesso em: 18/04/10 e o mapa foi adaptado da imagem disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/S730/america+do+sul_politico.gif>. Acesso em: 08/04/10.

²⁷⁰ Ibid., p. 46.

²⁷¹ Ibid., p. 46.

²⁷² Ibid., p. 46.

regiones de los calchaquíes"²⁷³ foram interrompidas, após sublevações desses povos que não aceitavam a dominação espanhola. Neste caso "el gobernador de la provincia mobilizo un ejercito y emprendió una expedición militar para castigar a los rebeldes"²⁷⁴.



Mapa 3 – Limites da Província Jesuítica do Paraguai²⁷⁵

²⁷³ CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662. Organização, introdução e notas: Beatriz Vasconcelos Franzen, Eliane Cristina Deckmann Fleck e Maria Cristina Bhon Martins. PROCAD "Territórios Diversos, Múltiplas Fronteiras" - UFMT-UNISINOS-UFPE, p. 49.

²⁷⁴ Ibid., p. 49.

²⁷⁵ Fonte: ACOSTA, Fernando Peres. **Las misiones del Paraguay**: recuerdos históricos de una vida feliz entre los índios guaraníes. Telleres Gráficos: Lloréns Castelo, Palamós, 1920. p. 2.

Além das missões que partiam em direção ao Vale de Calchaquí, outras se dirigiam ao Chaco, saindo de Jujuy, também instalada numa região montanhosa e com vales muito profundos, o que dificultava sobremaneira as expedições de missionários (ver Figura 19). Segundo Lorenzo Sobriño, aquelas que partiam de Jujuy em direção ao norte, passavam por *"una cadena de montañas escarpadas tras de la otra, conduciendo el sendero al borde de terribles precipicios"*²⁷⁶, o que tornava *"el camino tan horrible, que no podría pasar por allí un reptil, y apenas un pájaro"*²⁷⁷. Apesar destas condições desfavoráveis, um dos missionários – o padre Juan Pastor, contando 73 anos –, teria suportado *"frio, nevazones y temporales no sólo con paciencia, sino con buen humor"*²⁷⁸. O relato prossegue, informando que *"helábalos la lluvia fria, y abligábalos el aspero camino a andar a pie, a trepar por las empinadas cumbres"*²⁷⁹, e que, diante disto, parar de andar era uma tarefa difícil, pois o vento era *"tan huracanado que soplabá allí"*²⁸⁰ que se *"alborotaban las mulas"*²⁸¹. Em relação à região dos vales, a Carta de 1652/1654 nos revela que *"nada tenían de atractivo, tan desiertas y pantanosas que eran, y tan oscuras y sombrías por impedir la altura de los montes la luz del sol"*²⁸². Todas estas dificuldades, no entanto, teriam sido vencidas pelos missionários *"por el celo por la gloria de Dios, y la salvación de las almas"*²⁸³ e, assim, *"quedaron atrás los montes, ríos, selvas, pantanos, y entraron en la región del Chaco"*²⁸⁴.

²⁷⁶ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Años 1652 a 1654. op. cit., p. 4.

²⁷⁷ Ibid., p. 4.

²⁷⁸ Ibid., p. 4.

²⁷⁹ Ibid., p. 4.

²⁸⁰ Ibid., p. 4.

²⁸¹ Ibid., p. 4.

²⁸² Ibid., p. 4.

²⁸³ Ibid., p. 4.

²⁸⁴ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Años 1652 a 1654. op. cit., p. 4.

Passados alguns anos, encontramos na Carta de 1672/1675 uma outra descrição sobre a região do Chaco feita pelo padre Cristóbal Gómez:

*La parte meridional [del gran Chaco] está rodeada por las provincias u diócesis de Chuquizaca, de Santa Cruz de la Sierra, del Tucumán, del Paraguay y del Rio de la Plata; mientras su parte setentrional se confunde con los domicilios de los indios del Brasil y del rio Marañón, hacia las regiones de Nueva Granada.*²⁸⁵

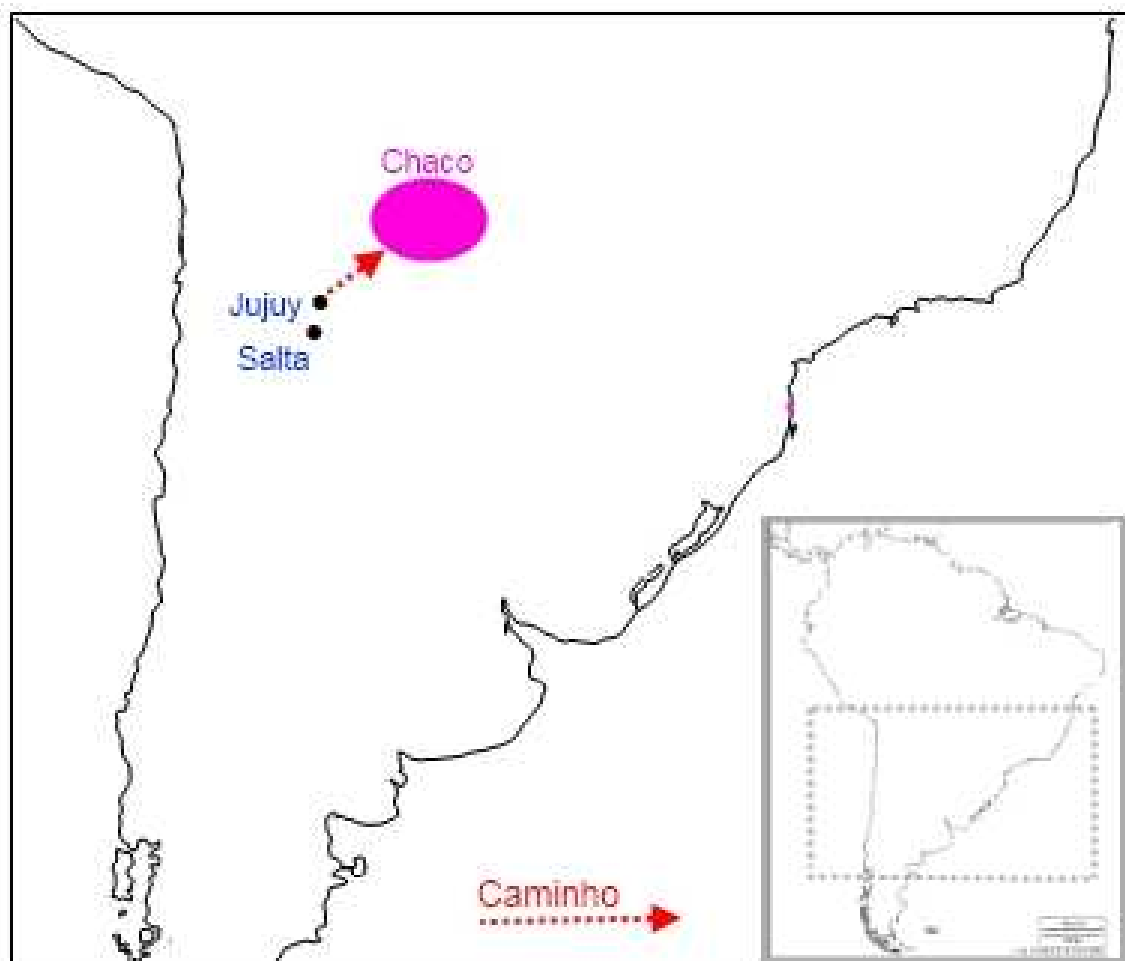


Figura 19 – Caminho percorrido pelo Padre Juan Pastor²⁸⁶

Em relação ao potencial econômico-produtivo da região do Chaco, a Carta de 1650/1652 ressalta que “*El suelo es fértil y apto para la agricultura, descontando algunos pantanos, (dice) que se producen granos*

²⁸⁵ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. op. cit., p. 31.

²⁸⁶ Figura adaptada da imagem disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/S730/america+do+sul_politico.gif>. Acesso em: 08/04/10, com informações obtidas a partir da Carta Anua de 1652/1654.

y hortalizas, y frutas del país. En las selvas se encuentra miel en abundancia.".²⁸⁷ Curiosamente, na carta de 1652/1654 Lorenzo Sobriño não destaca o potencial da região para a agricultura, ao informar que as populações se alimentavam "*sino de miel silvestra y de raíces*"²⁸⁸, e "*de algo de venado, en especial unas especies de cabras, de puercos silvestres*"²⁸⁹. Da fauna da região, o que mais chamou sua atenção foi um animal "*monstruoso que se llama anta, con un cuerpo como asno, un cuello y una cabeza como puerco, y patas como buey*"²⁹⁰.

O Chaco, como já visto no capítulo 2, é uma região de transição entre os Andes e a planície central da América do Sul. Esta região se caracteriza por uma variação de 500 a 1500 metros de altitude. Portanto, quando os missioneiros saíam de Jujuy, a uma altitude de aproximadamente 1.200 metros de altitude, eles percorriam um caminho repleto de vales, rios e despenhadeiros até chegarem às regiões mais planas. Mesmo que a distância em linha reta entre Jujuy e o Chaco fosse menor que a de Córdoba até Buenos Aires, a dificuldade era muito maior, pois, no segundo caso, a planície predominava. Quando os padres narradores das Cartas se referem à planície que predominava nas cercanias de Córdoba, a dificuldade era, sem dúvida, a distância a ser percorrida, pois, como veremos mais adiante, ela se constituía num dos obstáculos mais difíceis de serem transpostos, mesmo em terreno mais favorável.

Já o Itatim, localizado na planície central do continente, estava sob a responsabilidade do Colégio de Assunção. Com altitudes variando entre 80 e 150 metros e entrecortada pelo rio Paraguai, a região que

²⁸⁷ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 95.

²⁸⁸ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Años 1652 a 1654. op. cit., p. 5.

²⁸⁹ Ibid., p. 5.

²⁹⁰ Ibid., p. 5.

conhecemos atualmente com a denominação de *Pantanal*, era muito propensa a inundações. Com o objetivo de evangelizar os índios desta região – “*un innumerable gentio salvaje*”²⁹¹–, muitas missões volantes foram realizadas, sendo, posteriormente, estabelecidas reduções junto a estas populações nativas, como se pode depreender da informação que consta na Carta de 1650/1652, de que existiam “*dos pueblos, el de San Ignacio, y el de la Nuestra Señora de la Fe*”²⁹² (ver Figura 20). Nesta mesma Carta, *De La Mota* reclama da retirada forçada dos missioneiros jesuítas da região, solicitada pelo Bispo Cárdenas devido ao conflito com a Companhia de Jesus. Resolvida a situação, nos inícios da década de 1650, a assistência aos povoados do local veio a ser retomada – com muito trabalho – pelos missionários, já que, de acordo com *De La Mota*, “*los pobles indios así maltratados tuvieron que huir a sus antiguos montes, hallándose más seguros entre los tigres que entre esta clase de párocos*”²⁹³.

A fim de cumprir as visitas periódicas, o jesuíta relata que havia sido aconselhado a não se dirigir à região sem escolta militar, por causa das “*dificuldades de los viajes fluviales, infestados por los Payaguás*”²⁹⁴ – índios canoeiros que dominavam o rio Paraguai ao norte de Assunção. Segundo *De La Mota*, conseguiu chegar “*solo armado con la cruz*”²⁹⁵, tendo encontrado o padre Justo Mancilla, “*guapo como ántes, caminando por las tupidas selvas y montes, para recoger a los escondidos, hallando buen número de estos infelices, y llevándolos al pueblo*”²⁹⁶. Não deixou, no entanto, de registrar que Mancilla e outro missionários se encontravam

²⁹¹ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 42.

²⁹² Ibid., p. 42.

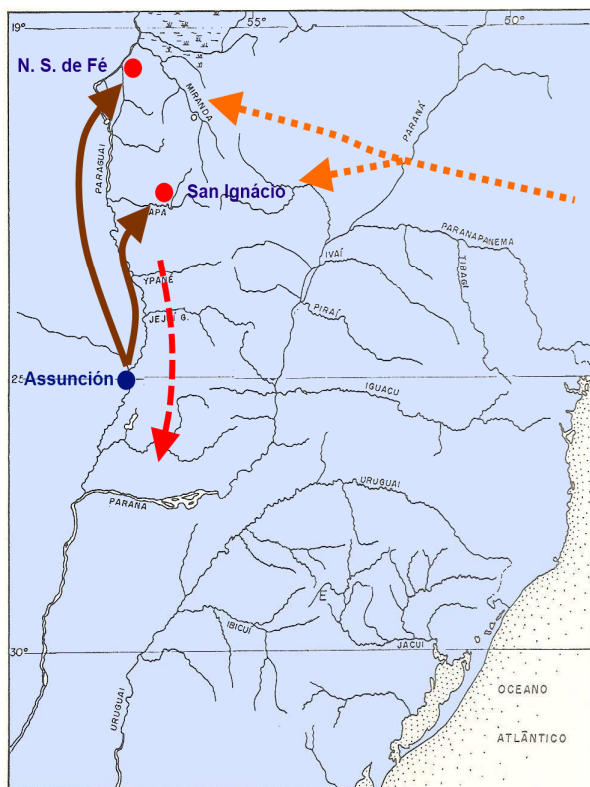
²⁹³ Ibid., p. 42.

²⁹⁴ Ibid., p. 42.

²⁹⁵ Ibid., p. 43.

²⁹⁶ Ibid., p. 43.

nas condições mais miseráveis possíveis, com suas sotanas quase totalmente destruídas e "medio muertos de hambre"²⁹⁷.



●
"... estos pueblos, el de San Ignacio, y el de la Nuestra Señora de la Fé..."



"El colegio de la Asunción, (...) ayudó (...) a la transmigración de los pueblos de itatines ..."



"... los bárbaros circunvecinos..."



"... caminando por las tupidas selvas y montes, para recoger a los escondidos, hallando buen número de estos infelices, y llevándolos al pueblo..."

Figura 20 – Deslocamentos visando trabalhos missionais nos povoados do Itatim²⁹⁸

Na Carta de 1668, Andrés de Rada nos informa que em 1651, o padre Juan de Contreras havia sido enviado ao Itatim, "cuando corrió ya la voz de que se acercaba también hacia allá el lusitano del Brasil"²⁹⁹, problema constante durante todo o trabalho missional jesuítico, e que, por várias vezes, fez com que os estabelecimentos fossem alvo "de continuos asaltos de los bárbaros circunvecinos"³⁰⁰ (ver Figura 20). As "tantas

²⁹⁷ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 43.

²⁹⁸ Figura obtida da adaptação do mapa encontrado em BECKER, 1992, p. 19. A informação das localizações dos povoados descritos na Carta Anua de 1650/1652, também foram encontradas em Becker.

²⁹⁹ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668. op. cit., p. 18.

³⁰⁰ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1669 – 1672. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS, p. 18.

*privaciones*³⁰¹ enfrentadas pelo padre Contreras e por outros tantos acabaram provocando a transmigração dos povoados para próximo de "San Ignacio del Paraguay, en cuya cercanía se radicarón al fin los pueblos [itatinés]"³⁰², o que acreditavam facilitaria o trabalho de evangelização e afastaria os indígenas do perigo lusitano que vinha do leste. Além disso, os povoados estariam em local mais propício à prática da agricultura, já que não mais teriam que lidar com as enchentes típicas do Pantanal.

O padre Rada menciona a transmigração dos povoados do Itatim, patrocinada pelo "colegio de la Asunción"³⁰³, que teria prestado todos "los socorros indispensables, haciendo grandes gastos para este fin"³⁰⁴, aliviando "los grandes trabajos de aquellos misioneros"³⁰⁵ (ver Figura 20).

Ainda sobre as transmigrações, temos o relato que consta na Carta de 1650/1652. Nela, De La Mota conta que os povoados de Santos Apostoles e San Nicolas deveriam se "juntar en un sólo pueblo todos os habitantes"³⁰⁶, devendo estabelecer-se "en lugar más salubre, y terreno más fértil"³⁰⁷. A redução de Santos Apostoles foi fundada em 1633, no Tape, e transmigrada, em 1638, para o lado ocidental do rio Uruguai, já a redução de San Nicolas foi fundada pelo padre Roque González em 1626, em local próximo da margem oriental do Rio Uruguai e, após ataques de bandeirantes paulistas, migrará, em 1637, também para a parte ocidental

³⁰¹ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668. op. cit., p. 18.

³⁰² CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1669 – 1672. op. cit., p. 29.

³⁰³ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668. op. cit., p. 7.

³⁰⁴ Ibid., p. 7.

³⁰⁵ Ibid., p. 7.

³⁰⁶ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. op. cit., p. 26.

³⁰⁷ Ibid., p. 26.

do rio Uruguai. Somente em 1651 se fundirá com a redução de *Apostoles*³⁰⁸, como podemos observar na Figura 21.

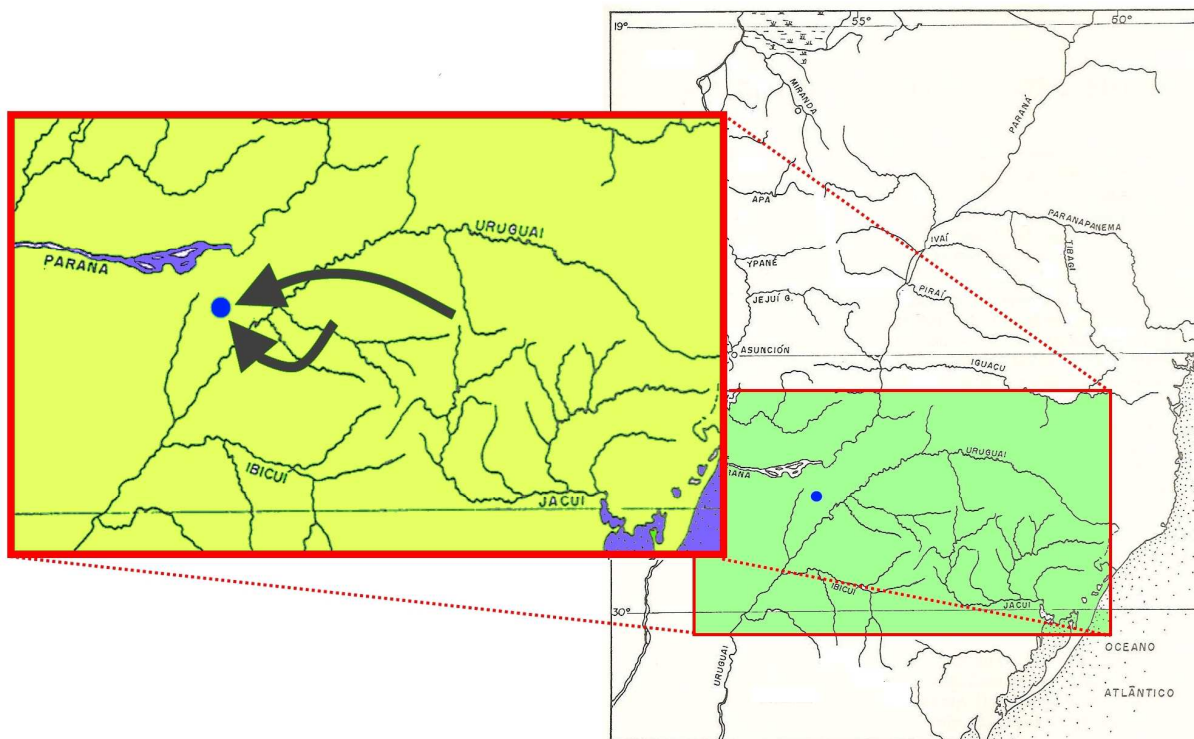


Figura 21 – Transferência dos povoados de Apostoles e S. Nicolas.³⁰⁹

A realocação dessas reduções demandou, sem dúvida, um grande empreendimento. Se levarmos em consideração que as distâncias a serem percorridas eram grandes, que envolviam a travessia de um grande rio como o Uruguai, um grande número de pessoas, além do abastecimento de alimentos para uma viagem que demoraria vários dias, causa estranheza a não descrição da migração desses indígenas na Carta que analisamos. Nela, encontramos apenas referência à chegada, quando *De La Mota* diz que “ayudaron en la transmigración los pueblos vecinos, bajo la dirección de los Padres”.

³⁰⁸ BECKER, Ítala I. B. **Lideranças Indígenas no começo das reduções jesuíticas da Província do Paraguai**. Revista Pesquisas, São Leopoldo: IAP, 1992. p. 149.

³⁰⁹ Figura obtida da adaptação do mapa encontrado em BECKER, 1992, p. 19. A informação das localizações dos povoados descritos na Carta Anua de 1650/1652, também foram encontradas em Becker.

No próximo tópico nos dedicaremos aos caminhos percorridos pelos missionários por ocasião das missões campestres, um tipo de missão regular que se diferenciava do trabalho realizado nas reduções de índios.

3.2. As missões campestres – “*Predicar la Palabra de Dios a estos pobres*”³¹⁰

Como já antecipamos em outro momento, as Cartas Ânuaas que analisamos fazem referência às missões populares – urbanas e campestres – que eram promovidas anualmente pelos jesuítas, consistindo numa variação das missões populares surgidas na Europa no século XVI que na América receberam a denominação de missões campestres³¹¹. Estas missões não visavam somente às populações indígenas, mas também, e não poucas vezes, serviam para o atendimento espiritual e, ainda, como estratégia de reconversão das populações espanholas e *criollas* instaladas junto aos colégios da Companhia de Jesus.

Na carta de 1672/1675 temos a descrição de uma dessas missões campestres realizadas pelos colégios jesuítas entre índios e espanhóis. De início, o padre Cristóbal Gomez, que assina a Carta, descreve as regiões como “*dilatadas*”³¹², “*situadas a lo largo de los rios, otras en los valles y empinados montes*”³¹³, em que os espanhóis viviam longe da “*civilización urbana*”³¹⁴, “*entre montes y selvas*”³¹⁵. O jesuíta não deixou de lamentar o grande número de almas que se perdia, em razão das dificuldades de

³¹⁰ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. op. cit., p. 21.

³¹¹ CERVEIRA, Luis Alexandre. Paixões, transgressões e tragédias: as missões populares urbanas e campestres (Província Jesuítica do Paraguai, primeira metade do século XVIII. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, 2008, p. 85.

³¹² CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. op. cit., p. 20.

³¹³ Ibid., p. 20.

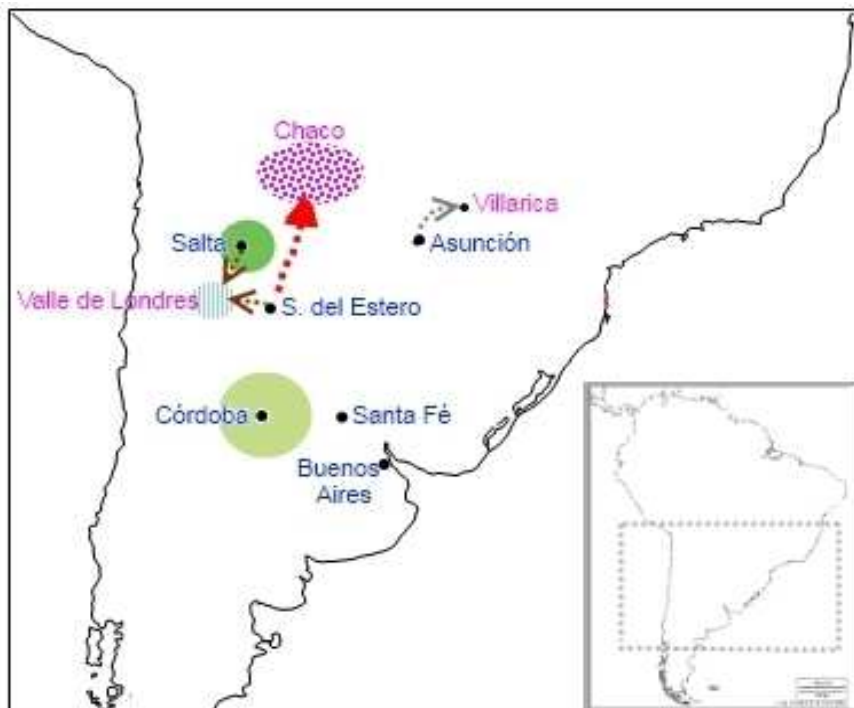
³¹⁴ Ibid., p. 20.

³¹⁵ Ibid., p. 20.

acesso à região e da falta de sacerdotes. Na Figura 22 apresentamos o mapeamento dessas missões campestres, a partir das descrições que encontramos nesta Carta. Nela, podemos observar as áreas de abrangência da atuação missioneira, de quais colégios partiam estas ações e quais os locais que eram alvo deste tipo de trabalho.

Seguindo a ordem em que são referidas na Carta, iniciamos pelas missões campestres que partiam do Colégio de Córdoba, e que alcançavam território distantes mais de 300 léguas, ou seja, que se estendiam por aproximadamente 1.250 quilômetros³¹⁶. A região percorrida pelos missionários, apesar de extensa, não apresentava variações de altitude, caracterizando-se por uma geografia mais plana, entrecortada por rios que correm no sentido norte sul, invariavelmente de oeste para leste, desembocando no Oceano Atlântico. Atualmente, a região que circundava o antigo Colégio de Córdoba é uma das maiores produtoras de gêneros agrícolas da Argentina, desenvolvimento, em grande medida, tributário do estabelecimento das estâncias durante o período colonial.

³¹⁶ Para esta conversão estamos utilizando a medida de 4.192 metros para cada milha, segundo MARTINI, Ângelo. **Manuale di metrologia, ossia misure, pesi e monete in uso attualmente e anticamente presso tutti i popoli**. Torino, Loescher, 1883, p. 321. Cabe advertir que a légua pode variar de localidade para localidade, por este motivo, estamos utilizando a metragem de léguas da cidade de Assunção, usadas até o século XIX. Vale lembrar que se usarmos a *légua geográfica* da cidade de Madrid, Espanha, teremos 6.687 metros para cada légua, e que se empregarmos a utilizada na cidade de Lima, Peru, teremos 4.576 metros para cada légua. A medida moderna para légua é equivalente a aproximadamente 5.500 metros.



- "En la extensión de 300 leguas hay unas 600 estancias, pertenecientes a la jurisdicción de Córdoba. Allí hay gran cosecha espiritual ..."
- ➔ "(...) colegio de Santiago del Estero suele enviar misiones al campo (...) El año 1673 se habían ido dos de nuestros sacerdotes a la región del Chaco."
- "El colegio de Salta (...) frecuentemente salen dos o tres de los cinco o seis sujetos, para misionar por afuera."
- ⦿ "La más difícil misión (...) es la que se da por el llamado valle de Londres."
- "Por la gran falta de sujetos, tuvo que venir el uno del Santiago del Estero..."
- "(...) Asunción (...) despachó otro misionero a Villarica (...) emporio de la Yerba mate (...)"
- Santa Fé / Buenos Aires "Santa Fe y Buenos Aires, sino regularmente se las hace por los lugares campestres"

Figura 22 – Missões campestres realizadas pelos Colégios³¹⁷

³¹⁷ Figura adaptada da imagem disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/S730/america+do+sul_politico.gif>. Acesso em: 08/04/10, com informações obtidas a partir da Carta Anua de 1672/1675.

De acordo com padre Gómez (ver a Figura 22), havia “*en la extensión de 300 leguas, unas 600 estancias pertenecientes a la jurisdicción de Córdoba. Allí hay gran cosecha espiritual*”³¹⁸. Além da referência à grande concentração de estâncias espanholas na região – devido às condições propícias à criação –, depreende-se do relato que a população que nelas vivia – ou no seu entorno – ficava desassistida durante boa parte do ano, o que fazia com que durante as missões, “*a cada año*”³¹⁹, fossem ouvidas mais de “*2.000 confesiones*”³²⁰, número celebrado por Gómez.

Também do Colégio de Santiago del Estero eram enviadas missões campestres, como se pode deduzir desta informação que nos é dada pelo padre Gómez: “*(...) el colégio de Santiago del Estero suele enviar misiones al campo (...) El año de 1673 se habían ido dos de nuestros sacerdotes a la región del Chaco*”³²¹. Como já visto anteriormente, o Colégio de Salta também mantinha um trabalho missionário regular no Chaco, o que, provavelmente, ocorria devido às dificuldades impostas pelos caminhos que levavam ao Chaco. Mais adiante, no mesmo relato (ver Figura 22), encontramos referências à atuação dos missionários do Colégio de Santiago del Estero no vale de Londres³²², que se encontrava sob a responsabilidade do Colégio de Salta. Desta informação, podemos concluir que em algumas áreas, como no caso da região do Chaco, os colégios trabalhavam em conjunto, dedicando-se indistintamente às comunidades que eram alvo da atuação da Companhia de Jesus. Isto pode ser constatado na referência feita pelo padre Provincial de que “*sin*

³¹⁸ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. op. cit., p. 21.

³¹⁹ Ibid., p. 22.

³²⁰ Ibid., p. 22.

³²¹ Ibid., p. 22.

³²² Conforme podemos observar na Figura 22, o Vale de Londres, citado na Carta, fica ao sudoeste do Colégio de Salta e a oeste do Colégio de Santiago del Estero, na Cordilheira dos Andes.

*embargo procuré despachar allá dos misioneros. Por falta de sujetos tuvo que venir uno del Santiago del Estero*³²³. Sobre a região do vale de Londres, o jesuíta nos informa que se caracterizava pela "falta de agua, tan necesaria con este calor, [e por um] clima mortífero"³²⁴, o que implicava que as incursões missionárias fossem feitas em momentos diferentes, já que a permanência por períodos longos na região não era possível e nem recomendável. Segundo esta mesma Ânua, do Colégio de Salta saíam missioneiros envolvidos nas missões no vale dos Calchaquíes, de Londres e no Chaco.

Quanto ao Colégio de Assunção – o mais próximo das reduções de indígenas guaranis à época – sabe-se que atendia Vila Rica, uma das cidades espanholas mais afastadas dos centros urbanos dominados pela Coroa Espanhola. Esta cidade – cabe ressaltar – teve três fundações, em localidades diferentes³²⁵. No momento em que este relato foi produzido, Villa Rica estava localizada ao nordeste de Assunção. O padre Gómez relata que ao redor de Assunção havia numerosas aldeias, povoadas por índios e espanhóis, e que, nesta época, "El mismo colegio despachó a otro misionero a Villarica, al cual ayudó uno de los misioneros de las reducciones del Paraná. Es esta una ciudad que es emporio de la yerba mate"³²⁶. Como já visto no Capítulo 2, era, efetivamente, nesta região que a produção de erva-mate se concentrava, devido ao clima e à altitude propícios para a ocorrência da *Ilex paraguariensis*. Apesar de ser favorável aos ervais, não era, segundo o redator da Ânua, um local indicado para a o estabelecimento de uma cidade, pois estava em um "lugar tan apartado

³²³ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. op. cit., p. 29.

³²⁴ Ibid., p. 29.

³²⁵ Conforme Maeder e Gutierrez (1995, p. 50), Villa Rica estabeleceu-se primeiramente, em 1570, às margens do Rio Ivaí, no atual estado brasileiro do Paraná, depois, em 1632, a oeste do Rio Paraná, no atual território do Paraguai, e, finalmente, em 1676 migra para a atual localização a sudeste de Assunção.

³²⁶ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. op. cit., p. 29.

*por caminos añegados la mayor parte del año, interceptando el agua la comunicación con la capital del Paraguay*³²⁷.

Ao final do relato, arrematando as descrições sobre as missões campestres, a Carta menciona, ainda, os dois colégios localizados mais ao sul, informando que os missionários que deles partiam *“tan poco esquiváronse de estas pesadas misiones [...] los demás colegios, los de Santa Fe y Buenos Aires, sino regularmente se las hace por los lugares campestres, muy numerosos en el ejido de estas ciudades*³²⁸.

O que se constata como um padrão narrativo nestes relatos sobre as missões campestres é que em nenhum momento os missionários envolvidos se mostram abalados em sua fé diante das dificuldades impostas pela geografia, quer estejam eles atuando no alto das montanhas andinas ou nos pântanos próximos de Assunção. Pelo contrário: elas se constituem em fator de enaltecimento do trabalho missional e de justificativa para a continuidade do apostolado.

Na continuidade, nos determos nos necrológios – ou obituários –, inseridos nas Ânuas que consultamos, e que nos oferecem ricas informações sobre os caminhos percorridos por alguns missionários jesuítas e as representações de que foram alvo.

3.3. As Necrologias – Valorizando os “*Incansable[s] en el trabajo*”³²⁹

As necrologias dos padres ou irmãos que integram as Cartas Ânuas que analisamos são fonte rica de informações sobre os caminhos

³²⁷ Ibid., p. 29.

³²⁸ Ibid., p. 30.

³²⁹ CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662. Organização, introdução e notas: Beatriz Vasconcelos Franzen, Eliane Cristina Deckmann Fleck e Maria Cristina Bhon Martins. PROCAD “Territórios Diversos, Múltiplas Fronteiras” - UFMT-UNISINOS-UFPE, p. 34.

percorridos pelos jesuítas em missão. Em cada uma dessas necrologias há uma pequena biografia do padre ou do irmão que faleceu durante o período abrangido pela carta e, nelas, aparecem algumas das viagens que realizou durante sua vida. Deve-se esclarecer que não se tratam de informações pormenorizadas, razão pela qual nem todos os deslocamentos foram registrados ou, quando o foram, apresentam-se de forma muito breve. Um exemplo disso, dentre tantos, é a necrologia do padre Pedro de Mola, que encontramos na Carta de 1659/1662. Nossa intenção, na sequência, é a de *mapear* as informações contidas nesta necrologia sobre os caminhos que este jesuíta percorreu ao desempenhar suas funções de missionário.

Segundo sua necrologia, o padre Pedro de Mola, nasceu em Aragón, na Espanha, a 17 de janeiro de 1602, tendo fugido muito jovem de casa – devido aos maus tratos aplicados por sua madrasta – tomou a direção de Roma. Acolhido na Companhia, aos 19 anos de idade, em 31 de agosto de 1619³³⁰, foi admitido como noviço. Como nos conta Andrés de Rada, ainda durante seu noviciado, Mola solicitava constantemente aos seus superiores para ser enviado às “*misiones de indios (...) en aquellas dilatadas regiones*”³³¹. Após obter a permissão e chegar a Buenos Aires, concluiu seus estudos e foi autorizado a ir “*a las tan ansiadas misiones*”³³². À época da obtenção da autorização por Mola estava sendo implantada – pelo padre Antonio Ruiz de Montoya – a frente missionária do Guairá, este o incumbiu de “*fundar el pueblo de San Miguel*”³³³. No entanto, ao chegar ao local, pôde constatar que já estava “*bastante*

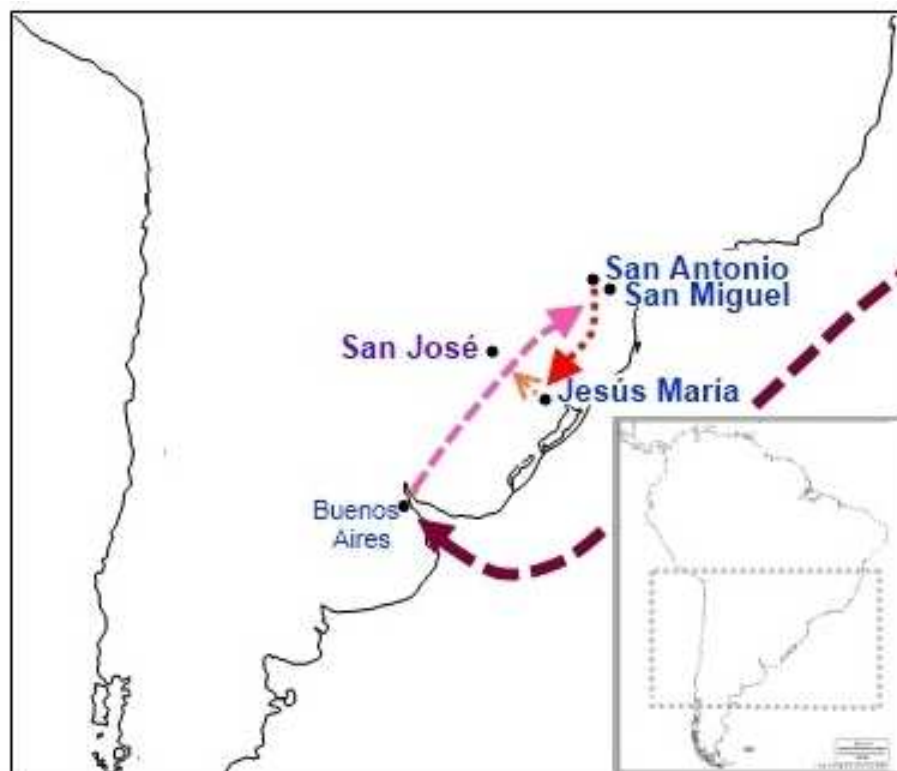
³³⁰ STORNI, Hugo. **Catálogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Prata) 1585-1768**. Roma: Institutum Historicum S. I., 1980, p. 184.

³³¹ CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662. op. cit., p. 72.

³³² Ibid., p. 73.

³³³ Ibid., p. 73.

*adelantado*³³⁴, não havendo a necessidade de sua permanência. Desse modo, partiu para San Antonio, próximo dali.



← - - "Era natural de Graus, ciudad de Aragón (...) a la Compañía, a la edad de diez y nueve años (...) Con el debido permiso de los superiores partió a Buenos Aires"

← - - "Concluidos sus estudios y ordenado sacerdote, se fue a las tan ansiadas misiones (...) para fundar el pueblo de San Miguel."

• San Antonio " (...) se fue al pueblo de San Antonio. (...)
• San Miguel Asaltaron con fiereza al pueblo los maulucos"

← - - - "[fora mandado para] la nueva reducción del Tape, llamada Jesús María"

Figura 23 – Deslocamentos realizados pelo padre Pedro de Mola³³⁵

³³⁴ Ibid, p. 73.

³³⁵ Figura adaptada da imagem disponível em <http://3.bp.blogspot.com/_t5dRZUatVE0/S730/america+do+sul_politico.gif>. Acesso em: 08/04/10, com informações obtidas a partir da Carta Ânua de 1659/1662.

Em pouco tempo os bandeirantes paulistas invadiram e destruíram todos esses povoados jesuítico-guaranis. Não por acaso, San Antonio e San Miguel foram os primeiros a serem atacados, devido a sua proximidade de São Paulo, cidade portuguesa que concentrava mamelucos profissionais em apresamento de índios, de preferência aqueles que possuísem algum conhecimento agrícola, caso dos guaranis reduzidos. O padre Mola presenciou todas as atrocidades e a destruição promovidas pelos paulistas³³⁶. Sem armas para defender o povoado pelo qual era responsável – e sem qualquer alternativa – fugiu e perdeu-se, tendo sido encontrado “*ronco de hambre y sed*”³³⁷, “*en unos montes que sólo son la morada de fieras*”³³⁸ pelo padre Silvério Pastor.

Após estes acontecimentos foi enviado à região do Tape, juntamente com o Irmão Antonio Bernal, tendo lhes sido designado o povoado de Jesus Maria, local mais avançado dos domínios espanhóis no território do atual Rio Grande do Sul, que se localizava na margem direita do Rio Pardo, próximo da foz do Rio Pardinho³³⁹. Não há informação sobre atuações do padre Pedro de Mola em outras reduções após esta data, havendo apenas menção a sua morte, sem especificação do local em que ocorreu. Deduz-se que tenha ocorrido na redução de San José, pois além de nela ter prestado alguns serviços³⁴⁰, sua necrologia está inserida na Carta de 1659/1662 logo após os relatos sobre esta redução, antecedendo as informações sobre o ocorrido neste mesmo período na redução de Mártires del Japón. Ao olharmos atentamente o mapa das reduções

³³⁶ Especificamente a invasão assistida pelo jesuíta foi ordenada por Raposo Tavares e comandada por Simão Álvares, em 30 de janeiro de 1629. (AGUILAR, 2002, p. 264).

³³⁷ CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662. op. cit., p. 74.

³³⁸ Ibid., p. 73.

³³⁹ BECKER, 1992, p. 177.

³⁴⁰ Segundo Aguilar (2002, p. 246), em carta de 1628, dirigida pelo Antonio Ruiz de Montoya ao provincial, encontra-se a seguinte informação: “na redução de San José encontrava-se o padre Pedro Mola sendo amado afetuosamente pelos índios”.

existentes neste período (ver Figura 4), podemos perceber que a Carta segue a orientação geográfica norte-sul, começando por San Ignacio e terminando por Yapeyu, o que nos leva a acreditar que as necrologias tenham seguido a mesma ordem. Contudo, segundo Storni (1980, p. 187), sua morte ocorreu na missão de Santos Apóstoles, muito próxima de San José.

Na Figura 23, podemos acompanhar graficamente a *saga* do padre Mola e as grandes distâncias que percorreu para realizar seu trabalho. Recém chegado da Europa, o jesuíta Mola passou por Buenos Aires, se dirigiu ao Guairá, e, em seguida, para o Tape e, muito provavelmente – quase ao final de sua vida –, se estabeleceu na mesopotâmia dos rios Paraná e Uruguai, de onde partia para as atividades de atendimento espiritual. Vale lembrar que muitos desses deslocamentos eram feitos a pé, o que trazia inevitáveis desgastes físicos em função dos esforços para vencer tais distâncias.

As necrologias, em geral, contam os feitos mais relevantes – e edificantes – dos missionários jesuítas, desde o seu nascimento até sua morte. Nelas são destacadas as dificuldades que estes padres enfrentaram, seus maiores sucessos, os desafios que não puderam ser alcançados e, principalmente, suas maiores provas de fé. Invariavelmente, essas mostras de fé estão relacionadas às distâncias percorridas, às adversidades climáticas e as condições – sobretudo, as de relevo e de vegetação – das regiões que percorreram atuando como missionários. Prova disso são as informações que encontramos na necrologia do padre Francisco Jiménez³⁴¹, que integra a Carta de 1668, a partir da qual elaboramos o quadro abaixo:

³⁴¹ O Irmão Francisco Jiménez, segundo Storni (1980, p. 149), nasceu em 12/11/1602, entrou para a Companhia em 24/02/1619 e morreu em 10/05/1668 em Buenos Aires.

Necrologia do Padre Francisco Jiménez	
Distância	(...) logró ser enviado a estas apartadas regiones (...) (p. 8)
Terreno/Distância	(...) los vastos y fértiles campos de pastoreo, a muchas leguas de distancia (...) (p. 8)
Terreno	(...) un viaje de explotación e las regiones de los rios, que bajan de la sierra del Tape (...) (p. 9)
Distância	(...) recorrer la distancia de tres leguas (...) (p. 9)
Terreno/Distância	(...) cincuenta leguas se adelantó por regiones pantanosas (...) (p. 9)
Terreno/Distância	(...) Su ropa se había deshecho totalmente durante este trabajoso viaje (...) (p. 9)
Terreno	(...) atravesando los rios em pequeñas y peligrosas canoas (...) (p. 10)
Distância	(...) Partió de allí, com su compañero, a las otras reducciones (...) distantes de allí unas 70 leguas (...) (p. 10)
Terreno	(...) las tierras pantanosas, y el paso por un riachuelo muy crecido (...) (p. 10)
Terreno	(...) llegándole el agua hasta el pecho (...) (p. 11)
Distância	(...) atormentó tanto el hambre durante este viaje, que hubo necesidad de matar el caballo (...) (p. 11)

Quadro 2 – Referências às distâncias e às condições dos terrenos percorridos na necrologia do padre Jiménez

Como podemos deprender do Quadro 2, nesta necrologia podem ser encontradas várias referências a distâncias, a condições de terreno e, por vezes, algumas relacionadas a ambos os temas. Nela são ressaltadas, em especial, as longas distâncias percorridas e as viagens intermináveis, enfatizadas com o objetivo de demonstrar o empenho constante e a fé demonstrada pelo missioneiro diante das dificuldades. Somente o ardor missionário e a fé poderiam justificar a resignação com que estes jesuítas percorriam lugares inóspitos, atravessavam rios e pântanos, passavam fome e se defrontavam com populações indígenas hostis. Assim, as inúmeras demonstrações de fé, virtude e dedicação do missionário falecido são enaltecidas pelo narrador, com a intenção de servir de inspiração aos jovens missionários, o que fica evidenciado na afirmação feita por Andrés de Rada de que *"tuviera yo que alargar demasiado esta narración al enumerar los actos de heroica virtud, que ejercía con su constancia en el camino una vez emprendido"*³⁴². A impressão que temos ao lê-la é a de que são tantos os feitos que estes não cabem em apenas um pequeno relatório como uma Carta Anua.

³⁴² CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668. op. cit., p. 11.

No quadro abaixo, apresentamos passagens extraídas de vários necrológicos – tanto de padres, quanto de irmãos – que constam nas Cartas Ânua da segunda metade do século XVII que analisamos. Apesar de terem sido redigidos por diferentes narradores e em períodos distintos, constata-se neles a presença do mesmo padrão de exaltação dos feitos dos jesuítas falecidos evidenciados nos dois necrológicos que analisamos anteriormente: os missionários jesuítas – movidos e fortalecidos pela fé – não temeram as distâncias, as selvas, o frio, o calor, os rios caudalosos, a altitude das montanhas ou qualquer outra dificuldade que se lhes apresentou.

Necrologias		
Padre(P)/Irmão(H)	Carta	Relato
H. Antonio Bernal	1659/1662	(...) muy contento volvia a pie a la reducción, distante unas 100 leguas (...) (p. 37)
P. Juan de Humanes	1659/1662	(...) en las misiones rurales, las cuales emprendió a cualquier temporada, fría o caliente (...) (p. 42)
P. Diego de Salazar	1659/1662	(...) Sepultóse por 42 años en esta soledad retirada en el último rincón del mundo (...) (p. 69)
P. Pedro de Salas	1659/1662	(...) para explorar aquellas selvas, (...) en cima de las montañas, a través de ríos (...) intrasitables caminos (...) (p. 78)
H. Benito Pan	1667	(...) manifestó su deseo ser enviado a este último rincón del mundo (...) (p. 4)
P. Juan de Acuña	1667	(...) una distancia de 14 leguas de pésimo camino (...) Este viaje le costó a él mismo la vida (...) (p. 6)
P. Luis Ernot	1667	(...) Llegando al gran Salto de Guayará, enfermóse gravemente, quedando postrado por dos meses (...) (p. 17)
H. Juan de Aragón	1668	(...) sufriendo naufragio al entrar en el dilatado Río de la Plata (...) (p. 5)
P. Juan de Contreras	1668	(...) Hubiérase hasta un Hércules (...) en especial, cuando tuvo que registrar los montes, para buscar os fugitivos (...) (p. 18)
H. Luis de la Cruz	1669/1672	(...) nuestro Luis estuvo sumergido en las aguas hasta el cuello por espacio de varias horas (...) (p. 12)
P. Pedro Patricio	1672/1675	(...) No le detenían en estos viajes ni montes empinados, ni rios muy crecidos, cuando se trataba de salvar almas. (...) (p. 68)
P. Francisco Ricardo	1672/1675	(...) grandísimos trabajos, buscando a los bárbaros en los esconderijos de las selvas (...) (p. 66)
P. Miguel Gómez	1672/1675	(...) le costó la transmigración de las reducciones, llenas de neófitos, fundadas en la Sierra del Tape (...) (p. 73)
P. Ildefonso Gutierrez	1672/1675	(...) Tape, Uruguay y Paraná (...) Ayudó allí en la difícil y laboriosa empresa de sacar a los salvajes de las selvas (...) (p. 18)
P. Pedro Martinez	1672/1675	(...) No pocas veces expuso su salud a los grandes calores de medio día en el verano (...) (p. 78)

Quadro 3 – Demonstrações de fé relacionadas a deslocamentos e a condições geográficas

Dentre as inúmeras demonstrações irrefutáveis de fé, destacamos aquela que refere que o irmão Antonio Bernal³⁴³ não se incomodava em fazer a pé um trajeto de 100 léguas (cerca de 550 quilômetros³⁴⁴); que o padre Juan de Humanes não se importava em atender a qualquer hora e sob qualquer condição climática e, ainda, que o padre Diego de Salazar aceitou, resignadamente, permanecer por 42 anos isolado de qualquer contato, dedicando-se, integralmente, ao trabalho missionário junto aos indígenas.

A enfática reafirmação da inabalável fé dos jesuítas no cumprimento de sua missão é padrão narrativo recorrente nas Cartas Anuais, cujos relatos tinham, dentre os seus objetivos, o enaltecimento da própria Companhia e de sua obra. Em se tratando das necrologias que estamos apresentando, constata-se que a vida de cada missionário deveria ser resumida em poucas palavras, com destaque para os seus maiores feitos. Desse modo, as dificuldades geográficas apareciam com a mesma recorrência que as questões relacionadas ao trato com as populações indígenas, por exemplo, ou com as dificuldades com as autoridades locais, ou mesmo, a difícil relação da Companhia com o clero secular. As necrologias, portanto, trazem em maior número – e com maior força narrativa – as representações de uma geografia inóspita e da desgastante tarefa de transpô-la. Assim, os rios, vales, campos, florestas, montanhas e tudo o mais que caracterizasse o caminho percorrido pelo missionário, serviam como prova de fé, não restando outra alternativa a não ser enfrentar e superar tal dificuldade. Neste tipo de relato, as dificuldades são sempre vencidas; a geografia, embora muito difícil de ser enfrentada, é sempre apenas um obstáculo, que, no entanto, não significa

³⁴³ Segundo Storni (1980, p. 37), o Irmão Antonio Bernal nasceu em Portugal em 1582, ingressou na Companhia em 20/08/1615 e morreu em Córdoba em 13/04/1661.

³⁴⁴ Na conversão que fizemos da distância informada, consideramos que uma milha equivale a 5.500 metros.

impedimento, mas, sim, uma forma de testar a fé e ressaltar as qualidades do missionário.

Ainda no Quadro 3, podemos perceber que o emprego de expressões como a de que o missionário "*volvía a pie*"³⁴⁵ ou que ia "*para explotar aquellas selvas (...) en cima de las montañas, a través de ríos (...) [e] intransitables caminos*"³⁴⁶ contribuem para ressaltar os grandes esforços empreendidos pelos missionários em face da geografia da região que percorriam. Assim, o relevo, a vegetação e o clima aparecem como pano de fundo essencial para os relatos edificantes: os rios são 'dilatados' em sua extensão ou profundidade; o clima é descrito como de 'grandes calores'; a selva na qual adentravam 'escondia os bárbaros' e as montanhas ou montes são 'empinados' e difíceis de vencer. Os péssimos caminhos percorridos 'custavam vidas' e as distâncias eram tão grandes que implicavam décadas de isolamento. É neste cenário que se desenrolaram as histórias de vida dos missionários a que temos acesso nos necrológios dessas Cartas.

Como já pudemos demonstrar no Capítulo 2, as descrições do relevo, do clima e da vegetação que encontramos nas Anuas não destoam do real encontrado ou vivido pelos missionários. Suas representações, no entanto, são superdimensionadas e usadas magistralmente como recursos discursivos para a comprovação e a valorização dos trabalhos desenvolvidos pelos padres da Companhia de Jesus. As grandes viagens e as grandes distâncias são, de fato, argumentos irrefutáveis de que os trabalhos se realizavam em condições-limite e que exigiam grandes esforços.

³⁴⁵ CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662. op. cit., p. 37.

³⁴⁶ Ibid., p. 78.

As dificuldades encontradas são, a certa altura, comparadas aos *Doze Trabalhos de Hércules*, como nesta passagem que destaca que o padre Juan Contreras "*hubiérase hasta un Hércules (...) en especial, cuando tuvo que registrar los montes, para buscar os fugitivos*"³⁴⁷. Vale lembrar que os *Trabalhos de Hércules* estão relacionados a grandes desafios, tais como o de matar leões invencíveis e dragões de cem cabeças; limpar, em apenas um dia, currais que comportavam três mil bois, ou então, perseguir animais incansáveis que, somente com a obstinação de um herói mitológico poderiam vir a ser executados. Ao estabelecer esta comparação – entre o missionário e o herói grego Hércules –, o redator da *Ânuua* enaltece as dificuldades encontradas por todos os missionários que atuavam na Província Jesuítica do Paraguai, vinculando-as às criaturas mitológicas e aos desafios que apenas um herói conseguiu vencer. O certo é que este tipo de "*elogio fúnebre*" se aproxima bastante das histórias de vida dos santos, nas quais o martírio e a virtude cristã são exaltados, a exemplo de algumas condutas de jesuítas descritas nas necrologias.

Esta pretensa "invencibilidade" do missionário jesuíta, segundo Berto (2005, p.75), pode ser observada na atitude "dos religiosos frente aos 'obstáculos' naturais [pois] conforme os documentos, não sofrem ferimentos ao cair da montaria (...) estão imunes aos perigos de ventanias e tormentas". Se algum desses missionários não consegue vencer tais obstáculos, a justificativa é a de que "fatalmente acontecem devido à conduta mártir, para a qual estavam destinados". Portanto, a lógica da narrativa gira em torno da construção de um discurso edificante, em que as dificuldades encontradas, tanto aquelas decorrentes dos deslocamentos, quanto aquelas resultantes de eventos climáticos são, invariavelmente, resolvidas com demonstrações de fé dos próprios

³⁴⁷ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668. op. cit., p. 18.

religiosos ou da população por eles atendida. No próximo tópico, apresentaremos exemplos destas situações encontradas nas Ânuas pesquisadas.

3.4. Com "*la bendición del ritual acabóse la plaga*"³⁴⁸

Na Carta de 1663/1666, após referir-se a uma grande epidemia que matou a muitos na redução de *La Encarnación de Itapuã*, o padre Andrés de Rada escreve sobre "*una prolongada sequía*"³⁴⁹, que havia desencadeado uma "*plaga de gusanos, que devoraban el resto de la siembra*"³⁵⁰, para piorar a situação, algum tempo depois sobreveio "*una funesta invasión de ratones, los cuales devastaron las plantaciones hasta las raices*"³⁵¹. Nas cartas que analisamos são inúmeras as referências a secas, enchentes e pragas que afetavam – e muito – o abastecimento das reduções. Embora houvesse uma justificativa bastante racional para as ocorrências – tanto climáticas, quanto aquelas relacionadas à localização das reduções – os missionários se empenhavam em contornar seus efeitos com rituais rogativos aos santos – "*por toda la extensión de los campos la milagrosa esquila con nombre de San Javier*"³⁵² – ou, então, através de procissões – "*se hicieron por nueve días rogativas*"³⁵³ –, após as quais, milagrosamente, "*acabóse la plaga*"³⁵⁴. Nesta mesma Ânuia há o registro de que "*hubo un ámago de otra plaga*"³⁵⁵, porém com a evocação "*de María*"³⁵⁶, teriam conseguido afastar uma "*manga de langostas, la cual por*

³⁴⁸ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1663 a 1666. op. cit., p. 76.

³⁴⁹ Ibid., p. 76.

³⁵⁰ Ibid., p. 76.

³⁵¹ Ibid., p. 76.

³⁵² Ibid., p. 76.

³⁵³ Ibid., p. 76.

³⁵⁴ Ibid., p. 76.

³⁵⁵ Ibid., p. 76.

³⁵⁶ Ibid., p. 76.

*tres días enteros pasaba por encima del pueblo, sin invadir las sementeras*³⁵⁷. A prática de invocar santos, geralmente aqueles mais conhecidos, era muito comum diante de calamidades como esta. O fervor religioso dos indígenas da redução teria, segundo o narrador, impedido a invasão dos gafanhotos às plantações.

Contudo, este argumento parece não ter sido sempre empregado, como podemos perceber na Carta de 1652/1654, em que o padre Lorenzo Sobrino descreve a cidade de "*Espíritu Santo, llamada también Villarica*"³⁵⁸, como um lugar que "*junta gente de todas las provincias y naciones, para explotar la yerba del Paraguay, (...) la cual se produce en los montes alrededor*"³⁵⁹ como um "*pobre pueblo tan apartado [que] estaba sumerjido en toda clase de crímenes, no conociendo sus habitantes lo que es el temor de Dios*"³⁶⁰, razão pela qual nela existiam "*toda clase de barbaridades*"³⁶¹. Está claro, pelo menos neste caso, que não há qualquer relação entre a produção de erva mate, que é bastante abundante, e o comportamento da população da cidade que, como fica bem evidenciado, não servia como exemplo de retidão moral pelos critérios jesuítas.

O primeiro relato – de 1666 – refere-se à redução de *Concepción de Itapuã*, localizada na margem do rio Paraná, na transição entre dois biomas³⁶² (ver Figura X – bioma do Chaco úmido e o Florestal), e o outro

³⁵⁷ Ibid., p. 76.

³⁵⁸ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Años 1652 a 1654. op. cit., p. 37. Ver a Figura 24 na página 128. Nela, Vila Rica está localizada na região de florestas.

³⁵⁹ Ibid., p. 37.

³⁶⁰ Ibid., p. 37.

³⁶¹ Ibid., p. 37.

³⁶² Bioma, segundo Coutinho (2006, p. 14), é uma "área de espaço geográfico, com dimensões até superiores a um milhão de quilômetros quadrados, representada por um tipo uniforme de ambiente, identificado e classificado de acordo com o macroclima, a fitofisionomia (formatação), o solo e a altitude, os principais elementos que caracterizam os diversos ambientes continentais".

– de 1654 – nos traz informações sobre o território onde hoje é o nordeste do Paraguai. O relato de *Concepción de Itapuã*, trata de uma cultura introduzida pelos missionários, destinada a produzir alimento para a redução, enquanto que o outro refere um produto – que era fonte de divisas, inclusive – explorado em algumas reduções jesuíticas. Vale lembrar que a erva-mate³⁶³, produzida em Vila Rica, não era alvo de pragas porque era nativa da região, já os cultivos como o trigo ou mesmo o milho eram mais suscetíveis a pragas e ataques de insetos – como os gafanhotos mencionados numa das cartas que analisamos.

Tanto as pragas, enchentes ou secas que se abatiam sobre as plantações, quanto as dificuldades que as longas distâncias a serem percorridas representavam para os missionários são apresentadas como oportunidades de demonstração de firmeza na fé. Mas, se na primeira situação – a de *Itapuã* –, as demonstrações de fé e fervor religioso são suficientes para contornar as adversidades, o mesmo não acontece na segunda situação e que remete à *Villa Rica*. Se, para os primeiros foi imprescindível a observância da conduta e dos princípios cristãos para a garantia da produção de alimentos da redução, o mesmo não parece ter sido tão essencial para garantir a produção de erva-mate, já que os habitantes da cidade espanhola de *Villa Rica* cometiam todas as barbaridades, não conhecendo o temor a Deus e nem da ira divina.

Na Figura 24, podemos visualizar os biomas e os locais citados nas Cartas. Através desta visualização fica fácil perceber que as condições geográficas corroboram com os relatos. Os ambientes os quais estavam localizadas as reduções influenciavam em muito a ocorrência de enchentes e pragas, assim como a produção agrícola.

³⁶³ CARBONELL DE MASY (1992, p. 24), nos diz que a erva-mate não era um produto de primeira necessidade, contudo, o consumo criado no Alto Peru, produzia um superávit entre as importações e exportações da região.

As más colheitas – tanto devido à seca, quanto às enchentes e às pragas – não parecem ter sido ocasionais, isto é, circunscritas a um determinado ano ou região, podendo ser observadas ano após ano, como se pode constatar nesta passagem extraída da Carta de 1667, que refere “*uma mala cosecha*” porque “*por vários años faltó a las sementeras la lluvia*”. O curioso é que, independentemente da capacidade de observação da reincidência destes eventos pelos missionários – o que poderia implicar a mudança de local da redução, por exemplo – a solução encontrada sempre envolvia “*la Divina Providencia [que] nos aumento el rendimiento de las estâncias*”.



Figura 24 – Localização de *Concepción de Itapuã* e *Villarica*³⁶⁴

³⁶⁴ Figura adaptada a partir de informações do Mapa da Vegetação da Bacia do Prata (World Water Assessment Program. La Plata Basin Case Study: Final Report. 2005. p.

Para a realização da investigação que resultou nesta dissertação, nos valem, fundamentalmente, das Cartas Anuais que, como já referido, não apenas atendiam a demandas discursivas que autor e leitor dividiam, como também refletiam o imaginário de uma época. Vale lembrar que as Cartas visavam, em primeiro lugar, atender às expectativas do leitor europeu – principalmente dos noviços da Ordem–, e, em segundo, às da instituição que normatizou esta forma de comunicação entre seus membros ainda no século XVI. Esta divulgação, portanto, era cuidadosamente produzida para que os intentos evangelizadores fossem atingidos, através de relatos edificantes. Conforme Hansen (1995, p. 108), no que se refere às cartas jesuítas, especificamente,

é oportuno lembrar novamente, por isso, o que escreve Serafim Leite sobre a correspondência: o fato de as cartas serem traduzidas e, depois de censuradas, serem editadas para edificação de um público leigo, na Europa, acompanhava-se da sua remessa para todas as conquistas, de modo que um missionário chinês podia ler sobre a ação de um indiano ou brasileiro, e vice-versa.

Sobre este conhecimento, acumulado por dezenas de anos, muitos trabalhos científicos para a época foram publicados durante o período em que a Companhia esteve atuando na América. Para Barcelos (2010, p. 2) “esta ação jesuítica sobre o espaço americano se deu através de um constante movimento de desconstrução e reconstrução das espacialidades locais”. Além das Cartas e dos mapas produzidos em profusão, as produções jesuíticas de “cunho científico” marcaram esses primeiros séculos de ocupação das Américas, principalmente no século XVIII.

138. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151252e.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2010), confrontadas com informações encontradas em MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. Op. Cit., p. 50 e p. 65.

Em se tratando de estudos feitos sobre a região platina, podemos citar os realizados por Martin Dobrizhoffer e Florián Pauke, José Solís, Joaquim Camaño e Ramón Termeyer. Embora importantes, os trabalhos destes autores enfocam períodos distintos daquele que priorizamos nesta dissertação, a saber, a segunda metade do século XVII. Vale também lembrar que até finais do século XVII, os relatos limitavam-se basicamente aos relatórios obrigatórios e a alguns poucos mapas dos quais temos notícias. É somente no XVIII que a América virá a ser esquadrihada por cartógrafos, matemáticos, botânicos, cosmógrafos, entre outros, numa escala nunca antes vista. Este importante trabalho foi realizado, na maioria das vezes, por padres jesuítas que haviam recolhido essas informações durante sua permanência na América e as publicaram em coletâneas que são até hoje consultadas.

Ao final deste capítulo, ressaltamos que dentre os seus objetivos estava o de evidenciar a possibilidade de, através das Cartas Anuais da segunda metade do século XVII, reconstituir os cenários de atuação da Companhia de Jesus na vasta área que abrangia a Província Jesuítica do Paraguai. Estes cenários, no entanto – e como procuramos mostrar –, devem ter suas descrições textuais condicionadas à intenção dos relatos e inseridas em seu contexto de produção. Assim, as descrições dos perigos e desafios enfrentados que os missionários enfrentaram ao se deslocarem pelo território da Província Jesuítica do Paraguai não deixaram de assumir uma função edificante, legitimando o apostolado jesuítico e servindo de exemplo aos missionários que se aventurariam nas diferentes regiões em que a Companhia de Jesus viria a atuar. Muitas das descrições sobre o clima, relevo, hidrografia e vegetação que encontramos nas Anuais, no entanto, acabariam se tornando também referência para o conhecimento da geografia americana no século XVII e nos séculos seguintes.

Considerações Finais

A leitura e a análise das Cartas Ânua nos permitiram constatar a importância que a comunicação e a circulação de informações – entre e para os jesuítas – tiveram para a Companhia de Jesus. Desde sua gênese, a Ordem preocupou-se com isso e jamais deixou de lado este princípio norteador e garantidor de sua unidade. Graças à observância desta orientação pelos membros da Ordem, os pesquisadores têm hoje acesso a informações preciosas sobre territórios e povos contatados pelos jesuítas em missão no Oriente e na América.

Foram as valiosas descrições que estes padres fizeram dos caminhos percorridos “*para maior glória de Deus*” que permitiram que pudéssemos realizar o nosso objetivo, o de *mapear* esses relatos, procurando cotejar as narrativas produzidas sobre estes deslocamentos – edificantes, na maioria das vezes – com a cartografia já produzida. Para além deste propósito, acreditamos que ao adotarmos uma metodologia inspirada na “geografia literária” proposta por Franco Moretti, tenhamos conseguido demonstrar a importância de um procedimento metodológico muitas vezes negligenciado e que se refere à localização geográfica dos lugares mencionados em documentos históricos. Na maioria das vezes em que mapas são referidos ou inseridos em análises históricas, são colocados apenas como anexo ilustrativo. Partir de um mapa para então produzir um texto é inverter a perspectiva e inserir as análises históricas no mundo

multimídia, interativo e extremamente visual no qual estamos envolvidos no século XXI.

É por este motivo que desde o primeiro até o terceiro capítulo, recorreremos aos mapas tanto para a reconstituição dos territórios ocupados pelos indígenas e das primeiras frentes missionárias, quanto para caracterizar aspectos da geografia da região e os vários cenários que compunham o território da Província Jesuítica do Paraguai.

Ainda no Capítulo 1, buscamos identificar a criação da Companhia e suas primeiras investidas na região, mas enfocando, primordialmente, os espaços ocupados. As frentes pioneiras de expansão missionária mostram como a estratégia de ocupação evangelizadora empreendida pela Companhia de Jesus coincide, de fato, com o espaço já ocupado pelas populações indígenas assentadas neste mesmo local. Ainda neste Capítulo, ressaltamos a situação em que as reduções guaranis se encontravam naquele momento – na segunda metade do XVII – e quais as razões para esta distribuição geográfica, já que em momentos anteriores e posteriores a abrangência territorial dos povoados jesuítico-guaranis era muito maior. Neste pequeno recorte temporal – os cerca de 25 anos sobre os quais nossas fontes nos permitem tratar –, estes constantes movimentos de expansão e retraimento da obra missionária, visualizada através dos mapas, nos permite observar espacialidades, que inseridas na longa história da atuação da Ordem na região platina, nos passam despercebidas no contato com a produção textual.

No Capítulo 2 nos propusemos a reconstituir a evolução das representações narrativas e visuais sobre o espaço do Novo Mundo, desde sua descoberta até meados do XVII. Sobre os mapas produzidos nesta época podemos dizer que, além de raros, são bastante controversos quanto à sua autoria e datações. Como pudemos observar em muitos dos mapas deste período, alguns deles carecem de detalhes, já outros contêm

informações ou mesmo tradições que se perpetuam – como a representação do Lago Xarayes – não levando em conta conhecimentos que já haviam sido verificados *in loco* por membros da própria Companhia.

Desde os primeiros relatos marcados pelo deslumbramento, o território americano e suas gentes foram alvo da atenção da Companhia de Jesus, o que se pode constatar nas recorrentes associações e analogias que os missionários fizeram entre o que viam pela primeira vez e o que já conheciam da Europa. No Capítulo 2, destacamos algumas destas tentativas de aproximação entre certas paisagens platinas e algumas passagens bíblicas, estratégia discursiva que nos leva a acreditar na intenção do jesuíta em aproximar o leitor da realidade que ele procurava narrar e, principalmente, de reforçar tanto a necessidade de sua presença, quanto as constantes intercessões divinas como se pode constatar naquela descrição que remete às “*tinieblas de Egipto*” e à nuvem de gafanhotos que se abateu sobre as plantações egípcias. Também os animais são descritos mediante o recurso da analogia, como na referência feita às antas que são comparadas a burros de pequeno porte, com carne semelhante à da vaca. Assim como as pragas do Egito, conhecidas através da leitura da Bíblia ou dos afrescos das igrejas, animais como o burro e a vaca são perfeitamente reconhecíveis para quem não tem ideia do que seja um animal desconhecido como uma anta. Em meados do XVII, os mares já não serviam mais de morada para seres fantásticos e monstruosos e as paisagens americanas já não eram mais assim tão desconhecidas. Mesmo assim, recursos discursivos como estes eram importantes para que o objetivo final de qualquer mensagem fosse alcançado, o de se fazer entender.

O território que foi percorrido pelos missionários possui rios das mais variadas grandezas, desde aqueles como o Paraguai até pequenos

riachos que formam a Bacia do Prata, sobre a qual foi criada a Província Jesuítica do Paraguai no início do século XVII. Além dos rios (com seus regimes de cheias, extensão e profundidade), também a flora, a fauna, o relevo e a diversidade de climas acabaram por impor dificuldades reais aos padres em seus deslocamentos pela região. Dificuldades que serão traduzidas em palavras que ocuparão muitas páginas das Cartas Ânuaas que analisamos nesta Dissertação e das quais nos utilizamos neste segundo capítulo para identificar as aproximações e os distanciamentos entre o real – o vivido – e aquilo que foi narrado pelos missionários jesuítas.

Já no Capítulo 3, procuramos *mapear* os caminhos percorridos e as rotas usualmente acessadas pelos missionários jesuítas que foram descritas nas Cartas. É neste último capítulo da dissertação que procedemos à “leitura geográfica” dos registros que os padres fizeram sobre a vegetação, o relevo e o clima, apontados, na maioria das vezes, como obstáculos a serem transpostos – com muita dificuldade e empenho – para a missionação na Província Jesuítica do Paraguai.

A leitura destes relatos nos remete tanto às condições e aos desafios que estes homens enfrentaram, quanto aos efeitos que a narração destas experiências – individuais ou coletivas – exerceu sobre os seus leitores europeus. Cada um desses missionários saía a campo embrenhando-se em cenários naturais, ao mesmo tempo, espetaculares e assustadores. O que pudemos comprovar, ao *mapear* os registros sobre os caminhos e rotas nas Cartas Ânuaas, é que se, por um lado, as descrições feitas pelos jesuítas sobre a geografia da Província Jesuítica do Paraguai são bastante fiéis – e, conseqüentemente, devem ser consideradas como descrições realistas –, por outro, não deixam de valorizar – discursivamente – as dificuldades que os padres encontravam para transpor distâncias, rios, planícies, desertos, montanhas e matas. Assim, distâncias curtas podem

se tornar muito mais dificultosas para alguns padres do que para outros e planícies podem ser percebidas como mais intransponíveis do que geladas montanhas. Afinal, o que interessava era valorizar o empenho, o desprendimento e o sucesso obtido apesar das grandes dificuldades encontradas, a fim de justificar a continuidade do trabalho missionário, de estimular novas vocações e a vinda de padres para a América.

O trabalho realizado pelos Colégios, conforme pudemos demonstrar no Capítulo 3, foi bastante importante, na medida em que atuaram como centros de irradiação missioneira. A Figura 16 – que mostra as zonas de atuação da Companhia de Jesus – revela que a presença jesuítica se estendeu por quase todo o território da Província Jesuítica do Paraguai e que as zonas de atuação mais recorrentemente mencionadas nas Cartas eram aquelas de difícil acesso e que concentravam as populações indígenas. Na perspectiva da “geografia literária”, pode-se aventar outra interpretação para o destaque dado a estas regiões e que está relacionada à associação estabelecida entre os espaços e as suas representações. Como exemplo desta associação – presente nas Cartas – podemos destacar a percepção de que todos os indígenas do Chaco eram “bárbaros” e de que todos os guaranis eram “dóceis” cristãos.

Vale lembrar que as Cartas são escritas por quem vivenciou fatos acontecidos - fora ou dentro dos Colégios ou, então, das zonas de atuação missionária -, isto é, por alguém que relata como um observador. Apesar desta característica, as Cartas não consistiam em diários de viagem ou em relatórios pessoais, mas em correspondência orientada para o registro edificante tanto da conduta do missionário, quanto de uma ordem religiosa que atuava para maior glória de Deus. Assim, dificuldades e fraquezas momentâneas deveriam ser encaradas como prova de fé que, invariavelmente, eram colocadas por Deus como obstáculo aos seus agentes, não esperando deles nada menos do que a superação. As

necrologias, abordadas no terceiro capítulo, são um exemplo concreto de histórias de superação vivenciadas pelos missionários, muitas delas ligadas aos obstáculos naturais e aos condicionamentos físicos que os caminhos exigiam. Mais uma vez, os rios largos, as cachoeiras intransponíveis, as distâncias enormes e as montanhas gélidas, entre tantas outras dificuldades a serem transpostas, aparecem como um teste para os protagonistas dessas histórias de vida, muitas vezes, fortemente ligadas à busca do martírio. Na Carta de 1650/1652, um dos padres relata ter se deslocado de Assunção até o Itatim sem qualquer escolta militar – que era, usualmente, oferecida às autoridades – percorrendo um caminho que era alvo constante de ataques de tribos indígenas hostis à presença da Companhia de Jesus.

As dificuldades de terreno não se limitaram àquelas encontradas ao longo dos caminhos percorridos pelos missionários, pois, em alguns casos, elas também determinaram mudanças do local de instalação das reduções, exigindo a transmigração. Como pudemos observar, durante o século XVII, as transferências de povoados foram bastante comuns. Para tanto, contribuíram os ataques paulistas, mas também – e não podemos menosprezar – as condições do terreno, as enchentes ou secas e o próprio esgotamento da terra para o cultivo. Apesar de os relatos sobre estas transmigrações não serem frequentes nas Cartas do período que analisamos, os relatos que localizamos – e que reconstituímos a partir de mapas da região – demandaram, sem dúvida, muito investimento em termos de organização, transporte e esforço físico dos envolvidos para superar os desafios inerentes ao deslocamento.

Ao chegarmos ao final desta Dissertação, consideramos importante compartilhar com o leitor os desafios que nós – enquanto pesquisadores – tivemos que enfrentar. Dentre eles, destacamos, primeiramente, aquele relacionado à própria natureza das fontes com que trabalhamos e, em

segundo lugar, aquele vinculado à metodologia que optamos por empregar, e que propôs, concretamente, um exercício interdisciplinar. Cabe lembrar, também, que apesar de termos optado por um conjunto documental, em grande medida, inédito, as reduções jesuítico-guaranis já foram exaustivamente pesquisadas. Muitas das informações sobre o contexto histórico e sobre a atuação jesuítica na Província do Paraguai são, portanto, de conhecimento de historiadores especialistas na temática. Em razão disso, acreditamos que o que se constitui em aspecto inovador nesta Dissertação diz respeito à análise que fizemos do trabalho de evangelização dos missionários jesuítas – na região abarcada pela Província Jesuítica do Paraguai –, a partir do “*mapeamento*” das rotas e caminhos por eles percorridos – e registrados nas Cartas Anuais da segunda metade do século XVII – e de seu cotejamento com a cartografia do período e atual.

Percorrer os caminhos trilhados por esses missionários e, de certa forma, vivenciar – através dos seus relatos – as viagens que realizaram e as dificuldades que enfrentaram nos remete, inevitavelmente, à reflexão sobre o que os movia e lhes garantia a disposição para que continuassem seguindo em frente, lançando-se ao desconhecido, sem qualquer garantia de que obteriam sucesso. Ao final desta dissertação, torna-se quase inevitável um recuo no tempo, a fim de reconstituir o percurso que eu próprio fiz, desde o meu primeiro contato com as ruínas de São Miguel e São João, por ocasião daquela visita com colegas do Curso de História da Unisinos, até e o momento do término desta investigação. Mais do que suscitar a reavaliação de algumas das minhas percepções sobre a *paisagem missioneira*, o contato com os relatos deixados por estes homens que, “*obedeciendo a la instruccion de compendiar*”³⁶⁵, superaram

³⁶⁵ CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colegio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS. p, 2.

distâncias e desafios – me fez melhor compreender o projeto de evangelização e a complexidade da dinâmica que caracterizou a atuação da Companhia de Jesus na região platina.

Referências

Fontes Documentais

CARTA ANUA DA PROVÍNCIA JESUÍTICA DO PARAGUAI 1659-1662. Organização, introdução e notas: Beatriz Vasconcelos Franzen, Eliane Cristina Deckmann Fleck e Maria Cristina Bhon Martins. PROCAD "Territórios Diversos, Múltiplas Fronteiras" - UFMT-UNISINOS-UFPE, 2008.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1669–1672. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1672-1675. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo:IAP/UNISINOS.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Años 1652 a 1654. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY. Año 1663 a 1666. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo:IAP/UNISINOS.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO DE 1668. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS,

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA DEL PARAGUAY DE LA COMPAÑÍA DE JESUS. Años 1647 a 1649. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo:IAP/UNISINOS.

CARTAS ANUAS DE LA PROVINCIA JESUITICA DEL PARAGUAY. Anua de 1650 – 1652. Traducción de Carlos Leonhardt, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo:IAP/UNISINOS.

CARTAS ANUAS QUE CONTIENEN LOS SUCESSOS DE LA PROVÍNCIA DEL PARAGUAY DEL AÑO 1644. Traducción de Carlos Leonhardt, S. J., Colégio del Salvador, Buenos Aires, 1927. Transcrição 1994, São Leopoldo: IAP/UNISINOS.

Referências Bibliográficas

ACOSTA, José de. ***Historia natural y moral de las Indias: en que se tratan de las cosas notables del cielo, elementos, metales, plantas y animales dellas y ritos y ceremonias, leyes y gobierno de los indios.*** México D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1985.

AGUILAR, Jurandir C. **Conquista espiritual:** A história da evangelização na Província Guairá na obra de Antônio Ruiz de Montoya, S. I. (1585 – 1652). Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2002.

ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria. **O que é história da ciência.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

ALPERS, Svetlana. **A arte de descrever:** a arte holandesa no século XVII. Trad. Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: EDUSP, 1999.

AMARAL, Ieda R. do; FARIA, Luciane M. **Resenha sobre o livro de Roger Chartier:** a história cultural entre práticas e representações. Revista de educação Pública, v. 16, n. 30, jan-abr. Cuiabá, 2007.

ARRÓSPIDE. José L. R. **Antonio Ruiz de Montoya y las reducciones del Paraguay.** Asunción: CEPAG, 1997.

ASTRAIN, Antonio S. J. **Jesuitas, guaranies y encomenderos.** Segunda Edición. Asunción del Paraguay: CEPAG, 1996.

ASSUNÇÃO, Paulo de. **A terra dos brasis:** a natureza da América portuguesa vista pelos primeiros jesuítas (1549-1596). São Paulo: Annablume, 2000.

AUGRAS, Monique. **Imaginária Franca Antártica.** Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n. 7, 1991, p. 19-34.

AVELLANEDA, Mercedes. Estratégias del conflicto Cárdenas-Jesuítas por el control de las reducciones en Paraguay. In. NEGRO, Sandra; MARZAL,

Manuel M. (ors). **Un reino en la frontera**: las misiones jesuítas en la América colonial. Lima: Ediciones Abya-Yala, 1999.

BAPTISTA, Jean T. **Jesuítas e Guarani na pastoral do medo**: variáveis do discurso missionário sobre a natureza (1610-1650). Porto Alegre: PUCRS. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). Porto Alegre, 2004.

BARCELOS, Artur H. F. **Espaço e Arqueologia nas Missões Jesuíticas**: o caso de São João Batista. Coleção Arqueologia 7. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

BARCELOS, Artur H. F. **O mergulho no seculum**: exploração conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial. Porto Alegre: PUCRS. Tese (Programa de Pós-Graduação em História, Área de Concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas). Porto Alegre, 2006.

BARCELOS, Artur H. F. **Os jesuítas e a ocupação do espaço platino nos séculos XVII e XVIII**. Revista Complutense de História de América, n. 26, 2000. p. 93-116.

BARCELOS, Artur H. F. **Expedições jesuíticas e cartografia americana: séculos XVII e XVIII**. 3º Simpósio Ibero americano de História da Cartografia. Agendas para a História da Cartografia Iberoamericana. São Paulo, abril de 2010.

BARNADAS, Josep M. A Igreja Católica na América Espanhola Colonial. In. BETHEL, Leslie. **História da América Latina**. Vol. 1. São Paulo: EDUSP, 1997.

BAUDOT, Georges. **La vida cotidiana em la América española en tiempos de Felipe II**: Siglo XVI. Trad. Stella Mastrangelo. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

BECKER, Ítala I. B. **Lideranças Indígenas no começo das reduções jesuíticas da Província do Paraguay**. Revista Pesquisas, São Leopoldo: IAP, 1992.

BELO, Carolina de L. A. **Os sentidos de natureza entre biólogos e físicos**: um estudo comparativo entre dois grupos acadêmicos, seus objetivos e suas práticas científicas. Dissertação de Mestrado. UFRJ – Núcleo de Tecnologia Educacional para a Saúde, Rio de Janeiro, 2008.

BENNASSAR, Bartolome. **La América española y la América portuguesa, siglos XVI-XVIII**. Barcelona: Akal, 1987.

BLUMERS, Teresa. **La contabilidad en las Reducciones Guaraníes**. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, v.15, 1992.

BOGONI, Saul. **O discurso de resistência e revide em Conquista Espiritual (1639), de Antonio Ruiz de Montoya**: Ação e reação jesuítica e indígena na colonização ibérica da região do guairá. Maringá: Universidade Estadual de Maringá. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Letras). Maringá, 2008.

BOUZA, Fernando. **Corre manuscrito**: uma história cultural del Siglo de Oro. Madrid: Marcial, 2001.

BRANDÃO, Helena H. Análise do discurso: um itinerário histórico. In. PEREIRA, Helena B. C.; ATIK, Maria Luiza G. (Orgs). **Língua, literatura e cultura em diálogos**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989)**: a Revolução Francesa da historiografia. trad. Nilo Odalia. São Paulo: UNESP, 1997.

CARAVAGLIA, Juan Carlos. MARCHENA, Juan. **América Latina de los orígenes a la independência**. Vol. I. América precolombina y la consolidación del espacio colonial. Barcelona: Crítica, 2005.

CARBONELL DE MASY, Rafael. **Estratégias de desarrollo rural en los pueblos guaranies (1609-1767)**. Barcelona: Antoni Bosch Editor, 1992.

CARDIEL, José. **Compendio de la historia del Paraguay (1780)**. Buenos Aires: Fundacion para la Educación, la Ciencia e la Cultura, 1984.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CERVEIRA, Luis Alexandre. **Paixões, transgressões e tragédias**: as missões populares urbanas e campestres (Província Jesuítica do Paraguai, primeira metade do século VIII). Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, Unisinos, 2008.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Revista de Estudos Avançados, vol. 5, n. 11, São Paulo. Jan-abr./1991, p. 1731 – p. 191.

COMBY, Jean. **Para ler a história da igreja II**: do século XV ao século XX. São Paulo: Edições Loyola, 1994

COSTA, Maria de Fátima. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. Revista do IEB. N. 45, p. 21-36, set. 2007. Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rieb/n45/a03n45.pdf>>. Acesso em: 13 abr. 2010.

COSTA, Maria de Fátima. **Deus e o diabo em terras molhadas.** Territórios e Fronteiras – Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Mato Grosso, vol. 1, n. 1 jul-dez/2000, Cuiabá.

COUTINHO, Leopoldo M. **O conceito de bioma.** Revista Acta Bot. Bras. vol.20, n.1, 2006.

CYPRIANO, Doris C. C. de A. **Os toba do Chaco:** missão e identidade. Séculos XVI, XVII e XVIII. São Leopoldo: Unisinos, 2000. Dissertação (Mestrado em Estudos Históricos Latino Americanos), São Leopoldo, 2000.

DEL TECHO, Nicolás. **Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañía de Jesús.** Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe y Compañía, 1897.

DEMERSAY, L. Alfredo. **História geral do Paraguay: desde a sua descoberta até nossos dias.** Rio de Janeiro: Typographia Perseverança, 1865.

DENZINGER, Heinrich. **Compêndio dos símbolos, definições de fé e moral.** Trad. José Marino e Johan Konings, São Paulo: Edições Loyola, 2007.

DOCUMENTOS PARA LA HISTORIA ARGENTINA. Tomo XIX. Iglesia. Cartas Anuas de la provincia del Paraguay, Chile y Tucumán, de la Compañía de Jesús (1609-1614). Buenos Aires: Talleres/Casa Jacobo Peuser, 1927.

DREHER, Martin N. **A crise e a renovação da igreja no período da Reforma.** Coleção História da Igreja. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

DRUMMOND, José Augusto. **A História Ambiental:** temas, fontes e linhas de pesquisa. Revista Estudos Históricos, vol. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 1991. p. 177-197.

ECHÁNOVE, Alfonso. **Origen y evolución de la idea jesuítica de "reducciones" em las misiones del virreinato del Peru.** In. Missionalia Hispanica. Ano XII. Tomo XII. n. 34. Madrid: Instituto Santo Toribio de Mogrovejo, 1955.

ESCOBAR, Maria del C. G. **Métodos y técnicas de la cartografía temática**. Ciudad de México: Instituto de Geografía - UNAM, 2004. Disponível em: < http://www.igeograf.unam.mx/iggweb/publicaciones/TEMAS_SELECTOS/metodos_tec.pdf>. Acesso em: 13 out. 2009.

FLECK, Eliane C. D. **Nas franjas do texto e do tempo: sensibilidades no espaço das experiências reducionistas**. Revista de História. São Paulo, nº 156. Disponível em: < <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/rh/n156/a04n156.pdf>>. Acesso em: 17 nov. 2009.

FLECK, Eliane C. D. **Sentir, adoecer e morrer**: sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. Porto Alegre: PUCRS. Tese (Programa de Pós-Graduação em História). Porto Alegre, 1999.

FLECK, Eliane C. D. O modelo jesuítico de Igreja nas reduções guaranis. In. DREHER, Martin N. **Populações rio-grandenses e modelos de igreja**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

FRANZEN, Beatriz V. **Os jesuítas portugueses e espanhóis e sua ação missionária no sul do Brasil e Paraguai (1580-1640)**: um estudo comparativo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 1999.

FRASSON, Carla B. **Análise do discurso**: considerações básicas. Revista Cadernos da Fucamp. Nº 6, vol. 6, Jan-Dez/2007. Disponível em <<http://www.fucamp.com.br/nova/revista/revista0612.pdf>>. Acesso em: 12/01/10.

FURLONG, Guillermo. **Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata**, Buenos Aires: Facultad de Filosofía y Letras, 1936.

FURLONG, Guillermo. **Misiones y sus Pueblos de Guaraníes**. Buenos Aires: Imprenta Balmes, 1962.

GADELHA, Regina Maria A. F. **As Missões do Itatim**. Estruturas sócio-econômicas do Paraguai colonial (séculos XVI e XVII). 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GAGLIANO, Joseph A.; RONAN, Charles E. **Jesuit encounters in the New World**: jesuit chroniclers, geographers, educators and missionaries in the Americas, 1549-1767. Roma: Institutum Historicum S. I., 1997.

GÁLVEZ, Lucía. **Guaraníes y jesuítas**: de la tierra sin mal al paraíso. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1995.

GARCIA-VILLOSLADA. Ricardo. **Manual de historia de la Compañía de Jesus**. 2ª edição. Madrid: Compañía Bibliográfica Española, 1954.

GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. Análise do Discurso: Lugar de Enfrentamentos Teóricos. In: FERNANDES, Cleudemar Alves; SANTOS, João Bosco Cabral dos (Orgs). **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia, EDUFU, 2003.

GIBSON, Charles. **Spain in America**. New York: Evantson, 1966.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso: o novo mundo**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

GREENBLATT, Stephen. J. **Possessões maravilhosas: o deslumbramento do novo mundo**. São Paulo: EDUSP, 1996.

HADDAD, Thomás A. S.; GONÇALVES, Carlos H. B. **Algumas Observações sobre fontes jesuíticas para a história da astronomia**. *Circumscribere – International Journal for the History of Science*. Vol. 4, 2008, p. 51 – p. 58. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/circumhc/article/viewFile/741/979>> . Acesso em: 05/06/09.

HANSEN, João Adolfo (org). **Cartas do Brasil: 1626-1697**, Estado do Brasil e Estado do Maranhão e Grã Pará. São Paulo: Hedra, 2003.

HANSEN, João Adolfo. **O nu e a luz: cartas jesuíticas do Brasil**. Nóbrega – 1549 – 1558. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 38. São Paulo, 1995. p. 87-119.

HANSEN, João Adolfo. *Ratio Studiorum* e política católica ibérica no século XVII. In. VIDAL, Diana G.; HILSDORF, Maria Lúcia S. (orgs). **Brasil 500 anos: tópicos em história e educação**. São Paulo: EDUSP, 2001.

HANS, Staden, **Viagem ao Brasil**. Rio de Janeiro: Academia Brasileira, 1930. Disponível em: <<http://purl.pt/151>> . Acesso em: 01/03/09.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1999.

HERNÁNDEZ, Pablo. **Organizacion social de las doctrinas guaraníes de la Compañia de Jesús**. Barcelona: Gustavo Gili, 1913.

HOORNAERT, Eduardo. A Igreja católica no Brasil colonial. In. BETHELL, Leslie. **História da América Latina**. Vol. 1. São Paulo: EDUSP, 1997.

HUE, Sheila Moura. **Primeiras cartas do Brasil 1551-1555**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

ISHAQ, Vivien. **Missionários reais**: a literatura religiosa e a disputa pelas almas devotas, séculos XVI-XVIII. Revista Acervo: Revista do Arquivo Nacional, v. 16, n. 2, jul/dez 2003, Rio de Janeiro. p. 147-172.

KEHL, Luis A. B. **Simbolismo e profecia na fundação de São Paulo**: a casa de piratininga. São Paulo: Terceiro Nome, 2005.

KERN, Arno Alvarez. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994.

KERN. Arno Alvarez. **Missões: uma utopia política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

KONETZKE, Richard. **América latina**: la época colonial. Madrid: Siglo XXI Ediciones, 1993.

LIMA, Luís C. **História, meio ambiente e cultura**: a contribuição teórica de Fernand Braudel. Em Debate (PUCRJ. Online), Rio de Janeiro, n. 2, 2005, Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.pu-rio.br/7695/7695.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2009.

LIVON-GROSMAN, Ernesto. **Geografias imaginarias: el relato de viaje y la construcción del espacio patagónico**. Rosário: Viterbo, 2003.

LONDOÑO, Fernando T. **Escrevendo Cartas**: jesuítas, escrita e missão no século XVI. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 22, nº 43. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n43/10908.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2008.

LOYOLA, Inácio de. **Constituições da Companhia de Jesus e normas complementares**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

LOZANO, Pedro. **Historia de la Compañia de Jesus em la Província del Paraguay**. Tomo Segundo. Madrid: Imprenta de la Viuda de Manuel Fernandes y del Supremo Confejo de la Inquificion, 1754.

MAEDER, Ernesto J. A. De las misiones del Paraguay a los Estados Nacionales: configuración y disolución de una región histórica. In. **Missões Guarani**: impacto na sociedade contemporânea. São Paulo: EDUC, 1999.

MAEDER, Ernesto J. A. **Misiones del Paraguay**: conflictos y disolución de la sociedad guarani (1768-1850). Madrid: Editorial Mapfre, 1992.

MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramon. **Atlas Historico del Nordeste Argentino**. Instituto de Investigaciones Geohistoricas;

Conicet; Fundanord; Universidade Nacional del Nordeste: Resistência, Chaco, 1995.

MARQUES, Miguel da Silva. **Cartografia antiga**: tabela de equivalências de medidas. Cálculo de escalas e conversão de valores de coordenadas geográficas. Lisboa: Ministério da Cultura de Portugal, 2001.

MARTINI, Ângelo. **Manuale di metrologia, ossia misure, pesi e monete in uso attualmente e anticamente presso tutti i popoli**. Torino, Loescher, 1883. Disponível em: <<http://www.braidense.it/dire/martini/indice.htm>>. Acesso em: 17 mai. 2010.

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Jesuítas na América do Sul: práticas missionárias, escrita política. In. MOREIRA, Luiz Felipe Viel; MAEDER, Ernesto J. A. **Instituições, fronteiras e política na história sul-americana**. Curitiba: Juruá, 2007.

MASSIMI, Marina. **Representações acerca dos índios brasileiros em documentos jesuítas do século XVI**. Revista Memorandum, n. 5, p. 69-85. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/artigos05/massimi03.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2008.

MATEOS, F. **El primer Concilio del Rio de la Plata em Asunción (1603)**. Missionária Hispânica, número 78, ano XXVI, set-dez. Madrid: Centro de Estudios Históricos, 1969.

MELIÀ, Bartolomeu. **El guaraní conquistado y reducido**: ensaios de etnohistoria. 2ª ed. Asunción: CEADUC, 1988.

MONTOYA, Antonio R. de. **Conquista espiritual**: hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Bilbao: Imprenta del Corazon de Jesus, 1892.

MONTOYA, Antonio R. de. **Conquista espiritual**: hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape. Trad. Pe. Arnaldo Bruxel, S. J., Rev. Pe. Arthur Rabuske, S. J., 1ª edição. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1985.

MORALES, Martín Maria. **A mis manos han llegado**: Cartas de los PP. Generals a la antigua Provincia del Paraguay (1608-1639). Monumenta Historica Societatis Iesu, Series Nova, Vol. 1, Madrid-Roma, 2005.

MOREIRA, Luiz Felipe Viel; MAEDER, Ernesto J. A. **Instituições, fronteiras e política na história sul-americana**. Curitiba: Juruá, 2007.

MORETTI, Franco. **Atlas do romance europeu: 1800-1900**. Trad. Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2003.

MÖRNER, Magnus. Viajeros e inmigrantes europeos como observadores e intérpretes de la realidad latinoamericana del siglo XIX. In. SCHOLZ, Johanne-Michael.; HERZOG, Tamar. **Observation and communication: the construction of realities in the hispanic world**. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1997. p. 415 – p. 432.

MOTA, Carlos G. **História do Brasil: uma interpretação**. São Paulo: Editora Senac, 2008.

NEUMANN, Eduardo. "De letra de índios": cultura escrita e memória indígena nas reduções guaranis do Paraguai. Revista Varia Historia, vol. 25, n. 41, Belo Horizonte, jan-jun 2009, p. 177 – 196. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/vh/v25n41/v25n41a09.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2009.

NEUMANN, Eduardo. **Fronteira e identidade: confrontos luso-guarani na Banda Oriental 1680-1757**. Revista Complutense de Historia de América, n. 26, 2000, p. 73-92. Disponível em: <<http://revistas.ucm.es/ghi/11328312/articulos/RCHA0000110073A.PDF>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

NEUMANN, Eduardo. **O trabalho guarani missioneiro no Rio da Prata colonial 1640-1750**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1996.

O'MALLEY, John W. **The First Jesuits**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

OLLERO, Hector S.; OLLERO, Hélios S.; CARDONA, Francisco S.; ONTAÑÓN, Miguel V. de C. **José Sanchez Labrador y los naturalistas jesuítas el Rio de la Plata: la aportación de los misioneros jesuitas del siglo XVIII a los estudios mediambientales en el Virreinato del Rio de la Plata a través de la obra de José Sanches Labrador**, MOPU – Ministerio de Obras Publicas y Urbanismo, Madrid, 1989.

OLIVEIRA, Paulo R. M. de. **A escrita no deserto: narrativas jesuíticas em território guarani**. Anais XXIII Simpósio Nacional de História: Guerra e Paz: Londrina, 2005.

OSSANNA, Julia A. **Las misiones jesuitas en la región del Guayrá en las primeras décadas del siglo XVII**. Revista Mundo Agrario. jan./jun. 2008, vol.8, n.16. Disponível em: <<http://www.scielo.org.ar/pdf/magr/v8n16/v8n16a07.pdf>>. Acesso em 03 jul. 2009.

PAEZ, José Roberto. **Cronistas coloniales**. Universidade do Texas: Editorial J. M. Cajica, 1960. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01383886477026622312802/p0000006.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

PASTOR, Ludovico. **Historia de los Papas**: en la época de la reforma y restauración católica. Volume XII. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1953.

PIOLI, Alicia J. **O Colégio jesuíta de Corrientes**. São Leopoldo: UNISINOS. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em História). São Leopoldo, 2002.

PRIEN, Hans-Jürgen. **La historia del cristianismo en America Latina**. Salamanca: Sígueme; São Leopoldo: Sinodal, 1985.

QUADROS, Eduardo. **A letra e a linha**: a cartografia como fonte histórica. Revista Mosaico. jan./jun. 2008, vol.1, n.1. Disponível em: <<http://seer.ucg.br/index.php/mosaico/article/download/227/181>>. Acesso em 03 abr. 2010.

RAHNER, Hugo; MATT, Leonard von. **Inácio de Loyola**. Trad. Lucia J. Villela. Rio de Janeiro: Desclée de Brouwer, 1956.

RAMOS, Cristhiane da Silva. **Visualização cartográfica e cartografia multimídia**: conceitos e tecnologias. São Paulo: UNESP, 2005.

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. **Bestiário brasílico**: a nossa fauna no imaginário colonial. III Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Disponível em: <www.anppas.org.br/encontro_anual/encontro2/GT/GT16/gt16_ricardo_ferreira.pdf>. Acesso em: 15 fev 2009.

ROGGE, Jairo Henrique. **Fenômenos de fronteira**: um estudo das situações de contato entre os portadores das tradições cerâmicas pré-históricas no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Unisinos, 2004. Tese (Doutorado em Estudos Históricos Latino Americanos), São Leopoldo, 2004.

SANTOS, Breno M. dos. **Jean de Léry**: o Montaigne dos viajantes. Revista Eletrônica Cadernos de História, vol. V, ano 3, nº 1, abr/2008. Disponível em <www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria>. Acesso em: 07 jan 2009.

SANTOS, Eulália M. A Moraes dos. **Dos cometas do nordeste aos tesouros da Amazônia: os jesuítas João Daniel e José Monteiro da Rocha no contexto das ciências naturais do século XVIII**. Tese de

Doutoramento, Programa de Pós-Graduação em História, Curitiba: UFPR, 2006.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SEIXO, Maria Alzira. Entre cultura e natureza: ambigüidades do olhar viajante. In. Revista USP. **Dossiê Brasil dos Viajantes**. São Paulo, n. 30, 1996.

SEPP, Antonio S.J. **Viagem às missões jesuíticas e trabalhos apostólicos**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

SCHMITZ, Pedro I. Índios guaranis, kaingang e xokleng: territórios indígenas e fronteiras. In. MOREIRA, Luiz Felipe Viel; MAEDER, Ernesto J. A. **Instituições, fronteiras e política na história sul-americana**. Curitiba: Juruá, 2007.

SIQUEIRA, Sonia Aparecida. **Deslocamentos espaciais e catequese: as viagens missionárias dos jesuítas**. XII Jornadas Internacionales Sobre Las Misiones Jesuíticas: "Interacciones y Sentidos de La Conversión", Buenos Aires, 2008.

SOUZA, José Otávio Catafesto. **O sistema econômico nas sociedades indígenas guarani pré-coloniais**. Revista Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 18, p. 211-253, dezembro de 2002.

STORNI, Hugo. **Catalogo de los jesuitas de la Provincia del Paraguay (Cuenca del Prata) 1585-1768**. Roma: Institutum Historicum S. I., 1980.

SUESS, Paulo (org). **A conquista espiritual da América Espanhola**. Petrópolis: Vozes, 1992.

PEREIRA, Helena B. C.; ATIK, Maria Luiza G. (Orgs). **Língua, literatura e cultura em diálogos**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

PASTELLS, R. P. Pablo. **História de la Compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay (Argentina, Paraguay, Uruguay, Peru, Bolívia y Brasil) según los documentos originales del Archivo**

General de Indias. Tomos I, II, III e IV. Madrid: Libreria General de Victoriano Suárez, 1918.

POZZAGLIO, Fernando A; ROUGIER, Andréa Letícia. Las cartas anuas del período 1650-1654 como fuentes para la reconstrucción de los aspectos socioeconômicos de las misiones jesuíticas. **XII JORNADAS INTERNACIONALES SOBRE LAS MISIONES JESUÍTICAS: INTERACCIONES Y SENTIDOS DE LA CONVERSIÓN**, Simpósio 3: Economía, finanzas y administración misional, Buenos Aires, Argentina: Conicet, 2008. CD-ROM 1.

TEODORO, Janice. **América Barroca.** São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural:** mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800). Trad. João Roberto Martins Filho. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

TORRES, Luiz Henrique. **A natureza da temporalidade na experiência civilizatória missioneira.** Revista Saeculum, João Pessoa: UFPB, Jan-dez, 1998/1999. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/saeculum/saeculum04_05_art08_torres.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2009.

TURNER, Frederick. **O espírito ocidental contra a natureza:** mito, história e as terras selvagens. Trad. José Augusto Drummond. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios:** catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

VARELA MARCOS, Jesús. **La cartografía histórica.** Revista de Estudios Colombinos, n. 4, abr-2008, Valladolid: Asociación Española de Americanistas, 2008. Disponível em: <<http://www.americanistas.es/biblio/textos/cu04/cu04-04.pdf>>. Acesso em: 05/04/10.

VIANNA, Helio. **Jesuítas e bandeirantes no Uruguai – 1611-1758.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1970.

VILAR, Socorro de Fátima P. **A invenção de uma escrita:** Anchieta, os jesuítas e suas histórias. Porto Alegre: EDIPURS, 1999.

VILARDAGA, José Carlos. **De São Paulo a Potosí:** fluxos e conexões no império filipino. Anais Eletrônicos do VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, Vitória, 2008. Disponível em: <http://www.anphlac.org/periodicos/anais/encontro8/jose_carlos_vilardaga.pdf>. Acesso em: 05/04/10.

WILD, Gerta M. G. **Colonização e atividade jesuítica na região do prata**: em nome de Deus, a serviço do Rei. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em História, São Leopoldo: UNISINOS, 1997.

World Water Assessment Programme. **La Plata Basin Case Study**: Final Report, 2005. Disponível em <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001512/151252e.pdf>>. Acesso em 21 fev. 2010.

WORSTER, Donald. **Para fazer história ambiental**. Revista Estudos Históricos, vol. 4, n. 8, Rio de Janeiro, 1991. p. 198-215.